

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Mestrado Profissional em Rede Nacional

MARINA CRISTIANE ARCHANGELO

**O conto maravilhoso de Colasanti: atividades de leitura e escrita
em uma abordagem dialógica**

Versão Corrigida

São Paulo
2020

MARINA CRISTIANE ARCHANGELO

**O conto maravilhoso de Colasanti: atividades de leitura e escrita
em uma abordagem dialógica**

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação:
Mestrado Profissional em Rede Nacional - PROFLETRAS,
vinculado ao Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas – Universidade de São Paulo, para obtenção do
título de Mestre em Letras.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Norma Seltzer Goldstein

De acordo: _____

São Paulo
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A669c	Archangelo, Marina Cristiane O conto maravilhoso de Colasanti: atividades de leitura e escrita em uma abordagem dialógica / Marina Cristiane Archangelo ; orientador Norma Seltzer Goldstein. - São Paulo, 2020. 186 f. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional. 1. Conto Maravilhoso. 2. Marina Colasanti. 3. Leitura e Produção de Texto . 4. Letramento Literário. 5. Abordagem Dialógica em Atividade Discente EF-Anos Finais. I. Goldstein, Norma Seltzer, orient. II. Título.
-------	--



fflch

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Marina Cristiane Archangelo

Data da defesa: 03/04/2020

Nome do Prof. (a) orientador (a): Norma Seltzer Goldstein

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 28 /05/2020

(Assinatura do (a) orientador (a))

Nome: ARCHANGELO, Marina Cristiane

Título: O conto maravilhoso de Colasanti: atividades de leitura e escrita em uma abordagem dialógica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação:
Mestrado Profissional em Rede Nacional - PROFLETRAS,
vinculado ao Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas – Universidade de São Paulo, para obtenção do
título de Mestre em Letras.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Norma Seltzer Goldstein

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

*À eterna amiga Maria Aparecida. Gratidão.
in memoriam*

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Norma Seltzer Goldstein, pelo carinho, compreensão e principalmente pela disposição em lapidar uma pedra bruta. Serei eternamente grata pela 'terceira margem do rio' que a senhora agregou em minha vida.

À Professora Doutora Vanda Maria Elias e à Professora Doutora Neide Luzia de Rezende, por todas os valorosos ensinamentos e encaminhamentos dados no exame de qualificação.

À coordenadora do PROFLETRAS – USP, Professora Doutora Maria Inês Batista Campos, pela dedicação e cuidado com todos nós.

Aos professores do PROFLETRAS - USP, por todo o saber compartilhado e pelo crescimento intelectual proporcionado.

À equipe da Escola Estadual José Amaro Rodrigues e em especial Márcia, Adriana, Ana Luíza, Déa, Sandro, Tadeu e Loide pela amizade, palavras de ânimo e eterna gratidão na concessão de horário.

À Kaline que me levou para a USP. Em todos os sentidos do verbo.

À Soninha, um exemplo de determinação e fé.

Às minhas amigas irmãs, Gisane e Luciana (Família Frank), vocês estarão para sempre em meu coração.

Aos meus alunos, por embarcarem comigo nessa jornada.

Aos meus familiares e amigos, e em especial aos meus irmãos, Duda e Marquinhos, obrigada pelas orações, compreensão e palavras de encorajamento.

Aos meus pais, Célia e Marcos, pelo absoluto apoio. Sem vocês, eu nada seria.

À Vitória, por ser a âncora que me prende a este universo. Obrigada por você existir.

*Mas um conto é apenas um conto,
que eu conto, reconto
e transformo em outro conto.*

Marina Colasanti

RESUMO

ARCHANGELO, M.C. **O conto maravilhoso de Colasanti: atividades de leitura e escrita em uma abordagem dialógica.** Dissertação de Mestrado. PROFLETRAS, Universidade de São Paulo; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas; São Paulo, 2020.

Michaelis (2019) define fome como “uma situação de escassez dos víveres; indigência, miséria, penúria, escassez de alimento, desejo ou necessidade urgente”. Há uma grande e opressora ‘fome’ em nosso meio educacional: a falta de qualidade do ensino público e as dificuldades diárias refletem diretamente em limitações de nossa sociedade. O que falta? A própria fome. Fome de saber. Fome de ensinar. Fome de fazer. Fome de mudar. Fome de Ser. Nessa perspectiva, o trabalho aqui descrito parte da preocupação em ampliar o letramento de nossos alunos, despertando o interesse pelas leituras literárias e buscando aperfeiçoar a competência leitora e escritora dos estudantes, numa abordagem dialógica. O trabalho com o texto dentro das aulas de Língua Portuguesa é primordial. É a partir do *empowerment thought literacy* – ‘empoderamento’ através do letramento defendido por Kleiman (2004)- que veremos de fato uma transformação de ordem social. A sequência de atividades que experimentamos em sala de aula, iniciou-se com leituras realizadas em uma sala de Sexto Ano do Ensino Fundamental – Anos Finais. Tivemos como base três contos maravilhosos da autora Marina Colasanti. O enredo inventivo e lúdico dos contos “Hora de Comer”, “De nome Filhote” e “E eram tão pequenas”, além de despertar o interesse dos jovens alunos, permitiu, também, estabelecer um paralelo entre os fatos reais e os fatos ficcionais presentes exclusivamente no universo literário. Após a leitura, ocorreu a produção textual pelos alunos, em duas versões, retomando as características do gênero estudado. Esperávamos que nossos alunos conseguissem apresentar em seus textos marcas de subjetividade e autoria, além da coerência e da coesão essenciais para um bom texto. Fundamentaram esta pesquisa BAKHTIN (2006), KLEIMAN (2004), MARCHUSCHI (2008), FRANCHI (2006), TODOROV (2010), entre outros. Observamos que, apesar de nem todos os alunos conseguirem produzir contos maravilhosos, muitos chegaram perto disso e criaram estruturas narrativas adequadas para sua série. Ademais, alguns textos apresentaram criatividade e potencial significativos.

Palavras-chave: Conto maravilhoso; Marina Colasanti; Leitura e Produção de Texto; Letramento Literário e dialogismo.

Abstract

ARCHANGELO, M.C. **Colasanti's wonderful tale: reading and writing activities in a dialogical approach.** Dissertação de Mestrado. PROFLETRAS, Universidade de São Paulo; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas; São Paulo, 2020.

Michaelis (2019) defines hunger as “a situation of food shortages; indigence, misery, poverty, shortage of food, urgent desire or need”. There is a great and oppressive 'hunger' in our educational environment: the lack of quality in public education and the daily difficulties directly reflect on the limitations of our society. What is missing? Hunger itself. Hungry to know. Hungry to teach. Hungry to do. Hungry for change. Hungry to be. In this perspective, the work described here is part of the concern to expand the literacy of our students, awakening interest in literary readings and seeking to improve students' reading and writing skills, in a dialogical approach. Working with text within Portuguese language classes is paramount. It is from the empowerment through literacy - ‘empowerment’ through the literacy advocated by Kleiman (2004) - that we will actually see a transformation of the social order. The sequence of activities that we experienced in the classroom, began with readings taken in a room of the Sixth Year of Elementary School - Final Years. We were based on three wonderful tales by the author Marina Colasanti. The inventive and playful plot of the tales “Hora de Comer”, “Of the name Puppy” and “E were so small”, besides arousing the interest of young students, also allowed to establish a parallel between the real facts and the fictional facts present exclusively in the literary universe. After reading, there was a textual production by the students, in two versions, resuming the characteristics of the studied genre. We hoped that our students would be able to present marks of subjectivity and authorship in their texts, in addition to the essential coherence and cohesion for a good text. This research was based on BAKHTIN (2006), KLEIMAN (2004), MARCHUSCHI (2008), FRANCHI (2006), TODOROV (2010), among others. We observed that, although not all students were able to produce wonderful tales, many came close to that and created narrative structures suitable for their grade. In addition, some texts showed significant creativity and potential.

Keywords: Wonderful tale; Marina Colasanti; Reading and Text Production; Literary literacy and dialogism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	25
2.1 A concepção de gênero e a produção textual	25
2.2 A leitura e o Letramento	29
2.3 A narrativa literária.....	34
2.4 O gênero conto: o conto Maravilhoso	39
3 METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DA SEQUÊNCIA DE ATIVIDADE.....	48
3.1 Metodologia.....	48
3.2 Descrição da Sequência de Atividades	50
4 ANÁLISE DOS CONTOS DE COLASANTI	58
4.1 Síntese e análise do conto “Hora de Comer” de Marina Colasanti.....	59
4.2 Síntese e análise do conto “De nome Filhote” de Marina Colasanti	61
4.3 Síntese e análise do conto “E eram tão pequenas” de Marina Colasanti	63
5 PRODUÇÕES DISCENTES – PROCESSO E ANÁLISE	67
5.1 Conto do discente A1	72
5.1.1 O passarinho, o ratinho e a cobra - primeira versão	72
5.1.2 O passarinho, o ratinho e a cobra - segunda versão.....	73
5. 1. 3 Considerações sobre o conto.....	74
5.2 Conto do discente A2	76
5.2.1 O patinho silencioso - primeira versão	76
5. 2. 2 O patinho silencioso - segunda versão	77
5. 2. 3 Considerações sobre o conto.....	78
5.3 Conto do discente A4	80
5. 3. 1 A emboscada - primeira versão	80
5.3.2 Apenas um beija-flor – segunda versão.....	81
5.3.3 Considerações sobre o conto.....	82
5.4.1 O anel mágico – segunda versão.....	85
5.4.2 Considerações sobre o conto.....	85
5.5 Conto do discente A8	87
5.5.1 A má sorte – segunda versão	87
5.5.2 Considerações sobre o conto.....	88
5.6 Conto do discente A9	89
5.6.1 A criatura – segunda versão	89

5.6.2 Considerações sobre o conto.....	91
5.7 Conto do discente A10.....	91
5.7.1 A maldição da família J – segunda versão	91
5.7.2 Considerações sobre o conto.....	92
5.8 Conto do discente A12.....	93
5.8.1 Uma aventura que nada! – segunda versão.....	93
5.8.2 Considerações sobre o conto.....	94
5.9 Conto do discente A13.....	95
5.9.1 A família do macaco – primeira versão	95
5.9.2 A família do macaco – segunda versão	96
5.9.3 Considerações sobre o conto.....	96
5.10 Conto do discente A14.....	97
5.10.1 As aventuras de JP – segunda versão	97
5.10.2 Considerações sobre o conto.....	98
5.11 Conto do discente A15.....	98
5.11.1 Sonhos que podem se realizar – segunda versão	99
5.11.2 Considerações sobre o conto.....	99
5.12 Conto do discente A16.....	100
5.12.1 O sonho de ser marinheiro – primeira versão.....	100
5.12.2 O sonho de ser marinheiro – segunda versão	101
5.12.2 Considerações sobre o conto.....	102
5.13 Conto do discente A17.....	103
5.13.1 Batalha pela fênix – segunda versão	103
5.13.2 Considerações sobre o conto.....	104
5.14 Conto do discente A18.....	104
5.14.1 A tartaruga e o Pedro - primeira versão.....	104
5.14.2 A tartaruga e o Pedro – segunda versão	105
5.14.3 Considerações sobre o conto.....	105
5.15 Conto do discente A19.....	107
5.15.1 O vizinho mau – segunda versão.....	107
5.15.2 Considerações sobre o conto.....	108
5.16 Conto do discente A21.....	108
5.16.1 O melhor amigo – segunda versão	108
5.16.2 Considerações sobre o conto.....	109
5.17 Conto do discente A22.....	110
5.17.1 O amor de Pedro e Amanda – primeira versão	110

5.17.2 Tudo pelo amor – segunda versão	111
5.17.3 Considerações sobre o conto.....	112
5.18 Conto do discente A23.....	113
5.18.1 Amizade é tudo – segunda versão	113
5.18.2 Considerações sobre o conto.....	113
5.19 Conto do discente A27.....	114
5.19.1 A salada – segunda versão	114
5.19.2 Considerações sobre o conto.....	115
5.20 Conto do discente A28.....	116
5.20.1 As Férias – segunda versão	116
5.20.2 Considerações sobre o conto.....	117
5. 21 Conto do discente A29.....	117
5.21.1 Sem título – Primeira Versão	118
5.21.2 – O Resgate – Reescrita coletiva de segunda versão	118
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS	126
ANEXOS	128
Anexo 1 – Contos de Marina Colasanti: “Hora de Comer”, “De Nome Filhote” e “E eram tão Pequenas	128
Anexo 2 – Grade de Correção utilizada pelos alunos	136
Anexo 3 – Atividades de Estudo dos Contos.....	137
Anexo 4 – Produções Discentes Originais	150
4.1 Produção do discente A1.....	150
4.2 Produção do discente A2.....	155
4.3 Produção do Discente A4.....	158
4.4 Produção do Discente A6.....	161
4.5 Produção do Discente A8.....	163
4.6 Produção do Discente A9.....	164
4.7 Produção do Discente A10.....	166
4.8 Produção do Discente A12.....	168
4.9 Produção do Discente A13.....	170
4.10 Produção do Discente A14	171
4.11 Produção do Discente A15	172
4.12 Produção do Discente A16	174
4.13 Produção do Discente A17	176
4.14 Produção do Discente A18	177

4.15 Produção do Discente A19	178
4.16 Produção do Discente A21	180
4.17 Produção do Discente A22	181
4.18 Produção do Discente A23	183
4.19 Produção do Discente A27	184
4.20 Produção do Discente A28	186

“Para pescar estrelas, é preciso fiar de cabeça para baixo, com muita paciência”.

Marina Colasanti

1 INTRODUÇÃO

“Sem o Tu não há o EU”. A célebre frase do filósofo alemão Friedrich Jacobi (1743-1819) remete à importância da linguagem e das interações. A língua é um instrumento essencial para a vida. A partir dela aprendemos, transformamos e evoluímos. Nada do que pensamos, dizemos ou falamos é original: nossos enunciados se baseiam em outros pensamentos, dizeres e falas. Bakhtin (2006) nos sugere que o único discurso que poderia ser tido como original seria o de Adão – a personagem bíblica - o primeiro homem. Para o autor, somente ele poderia emitir enunciados que não tivessem interferência de outrem. A essa possibilidade de a língua ser usada, reutilizada, transformada e inovada pelas vozes de outras pessoas, dá-se o nome de dialogismo.

Acreditamos ser nessa perspectiva dialógica que deve se centrar o trabalho do professor de Português. A língua sendo viva, concreta e praticada em uso real (Fiorin, 2018) produz discursos e enunciados que podem ser apreendidos, aperfeiçoados e propagados.

Os enunciados manifestam-se por meio dos gêneros. Eles permeiam nossa vida. O trabalho em sala de aula deve contemplar esses diferentes gêneros. Para Rojo e Barbosa (2015) “Nossas atividades que envolvem linguagem, desde as mais cotidianas, [...] se dão por meio da língua/linguagem e dos gêneros que as organizam e as estilizam, possibilitando que façam sentido para o outro”. Os gêneros orbitam em nossa rotina, desde um simples bilhete até um documento formal ou, ainda, um vídeo de *youtube*: eles cumprem sua função, ao proporcionar e estimular interações sociais.

Oral ou escrito, visual ou verbal, o texto deve ser o princípio e o fim das atividades de língua portuguesa. Dentro de uma diversidade de tipos, e mais ainda de gêneros, vários autores, desde os anos 80, consagram o texto como ferramenta essencial, o que também foi explicitado na BNCC (2017) quando afirma que “o trabalho do professor de Português deve ter o texto como objeto de ensino”. A noção de texto discutida por Marcuschi (2008) pode, de certa forma, ajudar-nos a salientar a importância dele na sala de aula. Para o autor “o texto pode ser tido como um tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação ou artefato histórico. De certo modo o texto é uma (re)construção do mundo e não uma simples refração ou reflexo” (Marcuschi, 2008, p.72), o que nos leva a identificá-lo como indispensável ao trabalho docente.

A BNCC ressalta que o processo de ensino e aprendizagem deve se dar sob a ótica de diferentes gêneros textuais, privilegiando as práticas de linguagem – leitura, produção de texto, oralidade e análise linguística (BNCC, 2017) e é nessa perspectiva apresentamos aqui uma intervenção didática que partiu da leitura para a produção de textos, pois acreditamos que leitura e escrita são atividades que se complementam. Escolhemos a tipologia narrativa pois o trabalho com “o discurso narrativo constrói, a partir de uma linguagem que tem suas particularidades, uma das muitas janelas para se ver o mundo e o coração dos homens” (Citelli, 2001, p. 106).

Em meio a infinitas possibilidades de gêneros do universo narrativo, optamos pelo conto maravilhoso. D’ONOFRIO (1995) conceitua o conto como a “forma mais universal de transmissão da cultura de um povo”. Dada a universalidade do gênero, vimos em sua leitura uma possibilidade de incentivar nossos alunos do sexto ano a ampliar seu interesse pela leitura literária. Nosso objetivo principal foi o de ampliar o letramento de nossos alunos para desenvolver suas habilidades de leitura e escrita dentro da sala de aula, na disciplina de português. Tivemos, também, como objetivos específicos, levar os alunos a compreender o modo de organização do conto maravilhoso; fazer com eles percebessem as diferentes interpretações de um texto, em função do diálogo estabelecido entre o texto e leitor; ajuda-los a produzir textos discentes do mesmo gênero estudado; enquanto exercitávamos o trabalho em grupo, mediante trocas de ideias e colaboração entre colegas, criando possibilidades para que o aluno pudesse se manifestar como sujeito autor.

Numa perspectiva sociointeracional, produzimos e aplicamos uma sequência de atividades¹ que teve como eixos: leitura do conto maravilhoso; sua análise e interpretação; produção do mesmo gênero; reescrita. Foram escolhidos três contos de Marina Colasanti: “Hora de Comer”, “De Nome Filhote” e “Eram tão Pequenas” do livro “Mais de 100 histórias Maravilhosas”. Essa escolha justifica-se pelas multifaceis do enredo de cada um deles que, apesar de extraordinários, apresentam uma sugestão de realidade e levam o leitor a refletir sobre a possibilidade de a trama assemelhar-se ao mundo em que vivem.

¹ Chamamos de Sequência de Atividades uma seleção de práticas realizadas em sala de aula. Tomamos como inspiração a expressão “sequência didática”, de Dolz e Schneuwly. [2004]. Propusemos algo um pouco diverso do que os autores apontam. Dessa forma, optamos por outra expressão.

O conto maravilhoso é uma narrativa curta. Diferentemente dos contos de fadas ou da carochinha, não traz princesas indefesas nem príncipes salvadores. Tampouco bruxas e fadas representando o bem e o mal. Alguns nem possuem finais felizes. O enredo deles, desafiador da realidade, motivam-nos a lê-los até o fim.

Os contos fantásticos e maravilhosos se diferenciam no aspecto de verossimilhança interna do conto: dentro de um conto fantástico, Todorov (2010) explica que há um estranhamento do mundo criado para ressaltar os aspectos maravilhosos presentes no enredo, o que causa pavor, medo, entre outros sentimentos. Já no conto maravilhoso, esses aspectos e acontecimentos são mostrados com naturalidade. Por exemplo, no conto “Hora de Comer”, a personagem do camundongo, engolido pela cobra, pela coruja e pelo gavião, que foi abatido pelo caçador, termina a aventura são e salvo.

Drummond (2012) constata que as histórias maravilhosas transmitem “a impressão de que tudo pode mesmo acontecer em matéria de contos, ou melhor, no interior deles”. Pautados nessa afirmação, acreditamos que essas narrativas curtas podem representar um vasto mundo em suas linhas e que sua leitura contribui para a formação de leitores e escritores.

Colasanti é a autora dos contos aqui estudados. Seu jeito ímpar de criar contos maravilhosos envolvem o leitor. Além de escritora, também é jornalista. Num total de mais de 50 livros publicados, tem em seu rol de produções poemas, narrativas e principalmente os contos maravilhosos que somam mais de cem. Colasanti declara: “poderia usar a expressão contos de fadas, mas não quero enganar ninguém. Em mais de 100 desses contos [...] aparece uma única fada, que nem fada é, mas feiticeira. Fiquemos, então, com os maravilhosos” (COLASANTI, 2015).

Nesses contos encontramos ocorrências inusitadas ou de caráter extraordinário. Em “Hora de comer”, observamos um ciclo alimentar que apresenta vários seres participantes da cadeia, eliminados no final; mas permanece vivo o elemento aparentemente mais vulnerável; destaque-se, ainda, a improvável negociação entre uma coruja e uma cobra. Em “De Nome Filhote”, um leão é criado como um cachorro. Em “E eram tão pequenas”, uma estranha invasão de minúsculas aranhas, após muitos dias de chuva, cria sérias dificuldades que exigem a interferência de um herói: este acaba sendo o mais simples, o menos bonito, o que menos se parecia com um príncipe ou um cavaleiro, porém esperto o bastante para levar as aranhas embora ‘pela fome’.

Os três contos trazem aspectos em comum: o despertar da fome se apresenta diferentemente em cada um deles - como uma cilada, como um descobrimento ou como uma libertação. Além disso, todos eles incluem animais como protagonistas ou em posição próxima a eles, e agregam uma mensagem moral de forma muito sutil, que nem de longe chegaria a moral explícita de uma fábula, por exemplo. Esses aspectos remontam à especificidade do conto maravilhoso: são cativantes e sugerem refletir sobre a realidade.

Os três enredos nos levam a olhar para o maravilhoso. Colasanti é original em sua escrita. Os textos não apresentam elementos mágicos, como abracadabras, fadas ou magia. Nem por isso os acontecimentos inusitados deixam de dialogar com os contos de nossa infância. É como se revisitássemos o passado: de repente, uma solução extraordinária se apresenta para solucionar o conflito ou o drama.

Entre o possível e o impossível, ela propõe o diálogo intertextual, numa retomada que, de certo modo, permitiria retomarmos a teoria de Bakhtin (2006) sobre o encadeamento de enunciados ao longo do tempo. A trama remete à infância, aos contos das princesas e príncipes, mas acrescenta a esse mundo encantado uma sugestão reflexiva tão rica que poderia destinar-se a todos os públicos, a leitores de todas as idades. Ao orientarmos o aluno a compreender a profundidade dessas obras, acreditamos plantar a semente que poderá despertá-lo, também, para outras obras literárias. Eis a razão de escolher tais contos para integrar uma sequência de atividades voltadas a alunos de doze a quatorze anos.

Estimular o interesse pela leitura literária e ampliar a compreensão sobre o gênero conto, mais especificamente o conto maravilhoso, de forma a ampliar o letramento literário do discente podem ser tarefas desafiadoras. Ainda mais se somarmos a esse processo análises de produções textuais do gênero lido com a intenção de encontrar marcas de subjetividade e autoria. Contudo, sabemos que o gênero escolhido é terreno conhecido dos alunos. Eles escutam essas histórias e convivem com elas. Os contos são um universo experimentado pela maior parte das crianças. Mesmo na era tecnológica em que vivemos, contos maravilhosos, de fadas ou da carochinha são apresentados em diferentes suportes: em *e-book*, em jogo, em videogame ou mesmo no *Youtube*. Eles chegam até nossas crianças e ainda permeiam a infância, cumprindo a finalidade para que foram criados.

O início do trabalho com os contos se deu no segundo semestre de 2018, em agosto, e findou em dezembro do mesmo ano. Ao todo foram quarenta e oito aulas,

em vinte e quatro dias trabalhados, já que a cada dia tínhamos duas aulas na referida classe. Tentamos garantir que o estudo de um conto começasse e terminasse dentro da mesma semana ou na sequência dela. Entre as apresentações de cada um dos três contos, houve pausas para exposição de conteúdo, trabalhos e exercícios, avaliações internas e externas previstas pelo planejamento escolar. Ou seja, apesar de a aplicação da sequência ter durado mais de quatro meses, nem todas as seis aulas semanais com a turma escolhida foram dedicadas à sequência de atividades aqui relatada.

A sequência de atividades foi aplicada na seguinte ordem: primeiramente, apresentamos um vídeo sobre a autora Marina Colasanti, no qual ela fala sobre sua obra e sobre o conto maravilhoso, para que nossos alunos soubessem quem criou os textos que eles leriam. Em suas redes sociais, alguns deles buscaram a página da autora e ficaram ainda mais motivados, ao saber que ela é ativa e desempenha múltiplas atividades. De modo geral, a maioria dos alunos pensam nos autores como pessoas distantes de sua realidade. Essa proximidade – ainda que virtual-, pôde “quebrar o gelo” e criar um vínculo inicial entre leitores e autora.

Depois, iniciamos as leituras dos contos. Para cada um deles, partimos da leitura realizadas pelos alunos, em silêncio e de forma individual; seguiram-se a leitura pela classe, em voz alta; e depois pela professora, observando cuidadosamente a prosódia.

Começamos com o conto “Hora de Comer”, seguido do conto “De nome Filhote” e por fim “E Eram tão pequenas”. A cada conto, novas descobertas. Foram momentos de leitura prazerosos e singulares. Após as leituras, realizamos o estudo das palavras em que os alunos sentiram dificuldades, com a pesquisa sobre termos pouco utilizados atualmente, como “castelã”, “ama”, “bortal” etc. Na sequência, o estudo do texto foi realizado por meio de questões motivadoras elaboradas pela professora. O trabalho, desenvolvido na sala de informática da escola, resultou em um vasto conjunto de respostas dos alunos que foram agrupadas e podem ser observadas nos anexos deste.

Com esses subsídios, partimos para a produção textual de um conto, com comentários e reescrita feitos posteriormente. As reescritas inspiraram-se em Franchi (2006). Por meio de debates entre os alunos, houve análise das produções discentes, levando em conta uma grade do gênero, construída coletivamente e apresentada adiante. Os alunos fizeram sugestões aos colegas que poderiam ou não ser acatadas.

Sobre leitura e escrita, acreditamos ser na escola que os alunos podem adquirir o conteúdo essencial para ter a própria voz e representar-se como indivíduo autônomo, consciente e crítico. A aprendizagem da leitura e da escrita fortalece e amplia o letramento, abre horizontes, produz ideias e, assim, estimula o despertar de um sujeito autor da própria história. Koch e Elias (2010) acreditam que, “como também enfatizam os Parâmetros Curriculares Nacionais, o ensino de leitura/produção de textos [...] poderá trazer importantes contribuições para a mudança da forma de tratamento da produção textual na escola”, desde que seja feito de forma adequada. Compartilhamos dessa crença, por isso buscamos

- Possibilitar ao aluno o domínio do gênero primeiramente para melhor conhecê-lo ou apreciá-lo, de modo a ser capaz de compreendê-lo, produzi-lo na escola ou fora dela; para desenvolver capacidades que ultrapassam o gênero e são transferíveis para outros gêneros próximos ou distantes [...];
- Colocar os alunos ao mesmo tempo, em situações de comunicação o mais próximo possível das verdadeiras, que tenham para eles um sentido, para que possam dominá-las como realmente são. (KOCH e ELIAS, 2010, p. 74)

Observamos que a produção de texto hoje é, em muitos casos, meramente burocrática com a finalidade de avaliar e atribuir notas. Em geral, não é feita a reescrita do texto pelos alunos. A leitura, por vezes, é praticada apenas nas aulas de Língua Portuguesa e os estudos dos textos ficam na superficialidade, geralmente em trechos destacados nos livros didáticos, não instigando o aluno a conhecer o texto completo nem a explicar as entrelinhas - aquilo que está implícito. Procuramos ir muito além de tal padrão, por isso essa pesquisa seguiu caminhos diferentes.

A unidade em que esta pesquisa foi realizada é a escola Estadual José Amaro Rodrigues, em Artur Nogueira, interior de São Paulo. Este foi o espaço escolar onde realizamos a aplicação apresentada e analisada aqui. Ela possui mais de meio século na cidade e em 2018, contava com um total de 771 alunos nos três períodos - matutino, vespertino e noturno. Oferece, ainda hoje, ensino Fundamental Anos Finais, Ensino Médio e Ensino de Jovens e Adultos na modalidade presencial para ensino médio.

No ano da aplicação desta sequência, a escola tinha três turmas de sextos anos, duas salas de sétimos anos, três salas de oitavos anos e duas salas de nonos anos do ensino fundamental anos finais. No ensino médio, eram duas salas de primeiro ano, três segundos anos e três terceiros anos. Já no Ensino de Jovens e

Adultos – EJA, havia dois primeiros anos, dois segundos e dois terceiros que correspondem ao ensino médio.

A escola localiza-se na região central da cidade que apresenta grande falta de crianças/adolescentes em idade escolar, apesar das várias moradias no entorno. Isso é justificado pelo envelhecimento da população residente na área central, além da migração das famílias para áreas periféricas, por conta da expansão do comércio. Por isso, a maioria dos alunos é proveniente dessas regiões, as quais, por serem bairros novos, não dispõem de unidades escolares. Como incentivo, a Prefeitura encarrega-se do transporte de todos os alunos que residem em locais distantes das unidades escolares, inclusive daqueles mais afastados, como a zona rural.

Provavelmente devido à distância, a presença ou participação dos pais não é satisfatória. Alguns visitam sempre a escola e participam da Associação de Pais e Mestres e Conselho da Escola, no entanto acabam sendo sempre os mesmos. A participação nas reuniões dos pais do Ensino Fundamental é razoável, apesar de serem oferecidos horários alternativos, por causa de trabalho e transporte. No Ensino Médio, a presença é ainda menos frequente. Já os alunos do EJA auxiliam sempre que podem nos projetos, reuniões e ações da unidade escolar.

A escola possuía o Programa Escola da Família até o ano de 2018. Nele era proporcionada a abertura da escola aos finais de semana, com o objetivo de oferecer à comunidade atividades e oficinas que contribuíssem para a inclusão social, nos eixos: saúde, trabalho, esporte e cultura, ministrados por universitários e voluntários. Além disso eram oferecidas aulas de reforço de Alfabetização e Matemática e os alunos que apresentavam dificuldades podiam ser encaminhados para o programa. No entanto, em 2019, devido a mudanças políticas, a escola deixou de oferecer este programa. Uma lástima.

A turma escolhida para aplicação desta pesquisa foi um sexto ano com 34 alunos. Dentre eles, quatro tinham sido reprovados no ano anterior e três outros apresentam algum laudo de deficiências intelectuais que justificam certa dificuldade no processo de ensino-aprendizagem.

Em 2017, alguns alunos desta série, ainda nos anos iniciais do ensino fundamental, tiveram a oportunidade de participar de um projeto de produção textual que culminou na publicação de um livro pela Prefeitura. Os alunos produziram poemas, minicontos e ilustrações, supervisionados pelos respectivos professores, posteriormente agrupados na publicação. De modo geral, pudemos perceber em

nossa rotina que os alunos possuem grande prazer em escrever e a atividade de produção de texto sempre era bem recebida por eles. Apesar da tendência à escrita, a leitura não tinha a mesma recepção: os alunos pouco frequentavam a biblioteca. Participavam das leituras dirigidas, mas não tinham o hábito de ler, a não ser mediante solicitação da professora.

Um grande problema que percebemos no ano da aplicação foi a falta de bibliotecária na escola ou de alguma profissional responsável em abri-la para os alunos. A biblioteca passou a maior parte do ano fechada e o contato dos alunos com os livros ocorria somente quando íamos à sala de leitura da escola, mas eles não eram autorizados a levar os livros para lê-los em casa.

Como metodologia, conforme já explicado em nota, propomo-nos a utilizar uma sequência de atividades. Nossa inspiração, inicialmente, teve como base a proposta da sequência didática de Dolz e Schneuwly (2011). No entanto, apesar de nomenclaturas distintas, acreditamos que, apesar de ser uma sequência de atividades – sem a realização da produção diagnóstica inicial, conforme os autores citados indicam -, nosso propósito seja semelhante ao deles: a finalidade de “ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (Dolz e Schneuwly, 2011). Dessa maneira, a sequência de atividades planejada por nós proporcionou a prática de leitura e escrita de um gênero de texto que ainda não era dominado pela grande maioria dos alunos. Saber se expressar e inferir os significados, expressões e enunciados numa perspectiva dialógica, eis um dos intuitos desta pesquisa voltada à ampliação do letramento dos alunos.

Analisamos vinte produções discentes segundo uma grade com critérios estabelecidos por nós que são explicados no capítulo cinco e integram o *corpus* deste trabalho. Cópias dos originais, anonimamente, preservando o nome dos pequenos autores, encontram-se nos anexos. Todas elas possuem a devida autorização de seus autores e dos responsáveis por meio de assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. A pesquisa aqui relatada foi aprovada pelo comitê de ética responsável.

A apresentação do trabalho está organizada em seis capítulos. O capítulo dois trata da Fundamentação Teórica e propõe reflexões sobre os seguintes temas: a concepção de gêneros do discurso e a produção de textos; a importância do letramento e da leitura; a singularidade do texto literário; o conto maravilhoso. Segue-

se o relato da aplicação didática e a metodologia no capítulo três. O capítulo quatro traz uma análise dos contos de Marina Colasanti estudados pelos alunos. No quinto, apresentamos as análises das produções discentes. O capítulo seis traz as considerações finais e algumas sugestões aos colegas professores de Português.

Vamos a eles.

*Os seres humanos precisam narrar.
Não para se distrair, não como uma forma lúdica de relacionamento,
mas para alimentar e estruturar o espírito, assim como a comida
alimenta e estrutura o corpo.*

Marina Colasanti

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A concepção de gênero e a produção textual

Marcuschi (2008), assim como outros autores, defendem que um dos objetivos gerais do ensino de português é o de desenvolver a competência da comunicação. Cabe considerar que nossos alunos chegam até nós com um amplo letramento, oriundo do seio familiar, primeiramente, mas também de toda e qualquer atividade que faça uso da língua/linguagem, nos mais variados contextos, bem como por meio da internet, redes sociais, televisão, entre outros. Contudo, o formato dessas comunicações, muitas vezes, não basta para a formação acadêmica. Dessa forma, é um dos objetivos da escola propiciar a compreensão dos vários usos e formas da língua do aluno, com a ampliação do letramento, seja na oralidade ou na escrita.

Para esse trabalho, entendemos que tal processo é beneficiado, quando observamos a prática de ensino-aprendizagem na perspectiva sociointeracional. O conceito advém do fato de que a língua é vista pelos interacionistas como atividade sociohistórica, cognitiva e sociointeracionista e não, apenas, como estrutura. Por isso “o uso e funcionamento significativo da linguagem se dá em textos e discursos produzidos e recebidos em situações enunciativas ligadas a domínios discursivos da vida cotidiana e realizados em gêneros que circulam na sociedade” (Marcuschi, 2008, p.22).

Bakhtin (2006) ensina que todos os discursos se fundem com outros discursos e, a partir daí, nossos discursos são todos produtos de discursos que o antecederam. Assim, “todos os campos da atividade humana estão ligados pela linguagem” (Bakhtin, 2006, p. 261). Para o autor

A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar com ele, de uma interação viva e tensa. Apenas o Adão mítico que chegou com a primeira palavra num mundo virgem, ainda não desacreditado, somente este Adão podia realmente evitar por completa esta mútua orientação dialógica do discurso alheio para o objeto. Para o discurso humano, concreto e histórico, isso não é possível: só em certa medida e convencionalmente é que pode dela se afastar” (BAKHTIN, 2006, p. 300).

É nessa perspectiva que surge o conceito de dialogismo que defendemos à luz de Bakhtin. Fiorin (2018) complementa que “todo discurso é inevitavelmente ocupado,

atravessado pelo discurso alheio”, ou seja, “o dialogismo são relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados”. O autor diz ainda: “não são as unidades da língua que permitem esse dialogismo, mas sim, os enunciados” (Fiorin, 2018, p. 22 e 23). Obviamente, tais discursos são definidos e podem ser classificados por seu conteúdo temático, estilo e construção composicional. Todos os discursos, para Bakhtin (2006), estão associados a um gênero do discurso.

Os gêneros do discurso são tidos como formas relativamente estáveis de enunciados/discursos por Bakhtin (2006). Isso pode ser entendido ao considerarmos o exemplo do próprio autor, quando relata que nenhum discurso é original, a não ser o do primeiro homem: o Adão mítico. Dessa forma, os gêneros se apresentam relativamente estáveis pois são cópias de outros. No entanto, ao considerarmos tal relatividade, afirmamos que também são instáveis, pois estão em constante metamorfose. Segundo Bakhtin (2006), são tantas as possibilidades que as pessoas podem até dominar a língua, mas sentirão dificuldades em certas esferas de comunicação verbal, pois não é possível dominar todos os gêneros.

Destarte, podemos entender que quando visamos ampliar o letramento de nossos alunos, ampliamos também o domínio dele sob novos e diferentes gêneros. Nesse sentido Marcuschi (2008) afirma que o processo de produção de um determinado gênero é aperfeiçoado, à medida que ele é praticado, lido, relido e utilizado. Diante disso, o autor, arremata: “a produção textual, assim como um jogo coletivo, não é uma atividade unilateral. [...] Isso caracteriza de maneira bastante essencial a produção textual como uma atividade sociointerativa” (Marcuschi, 2008, p.77). Ou seja, a sala de aula, dado seu caráter coletivo, é um local propício para atividades que possibilitem o conhecimento e o domínio de novos gêneros.

Para promover e ampliar o letramento do aluno, bem como o domínio dos incontáveis gêneros do discurso, acreditamos que não apenas a disciplina de Português, mas todas as outras deveriam incentivar a produção textual, de forma que ela não fosse simples mecanismo de avaliação, mas que fosse uma prática social, histórica, cognitiva e interacional, como postula Elias

Conceber a escrita em perspectiva interacional significa dizer que: i) quem escreve o faz para um leitor ou conjunto de leitores e pressupõe conhecimentos compartilhados com esses leitores; ii) quem escreve tem um objetivo para ser alcançado e com base nisso age estrategicamente no curso de sua produção; iii) quem escreve vai ajustando sua escrita ao longo da atividade, processo que focaliza a

reescrita; iv) o sentido da escrita advém de uma conjugação de fatores relacionados ao escritor, ao leitor, ao texto. (ELIAS, 2018, p. 104)

Observando esses aspectos, cuidamos para que nesta pesquisa fossem observadas tais características na produção escrita, pois entendemos que apenas uma prática que tenha sentido concreto para o aluno é que poderá nos levar a atingir nossos objetivos.

A autora alerta ser necessário “pressupor não apenas o produto, mas o processo[...]; não apenas o sujeito que escreve, mas também o sujeito leitor e sua bagagem cognitiva, a escrita se constitui em um grande desafio tanto para o professor [...], quanto para o aluno”. Sabendo disso, tentamos ‘fiar de cabeça para baixo’, como indicou Colasanti na epígrafe introdutória.

Escrever é uma atividade que “exige do produtor a ativação de conhecimentos e a mobilização de estratégias” (Koch e Elias, 2010). Na concepção interacional do ensino da língua, todos os envolvidos no processo de construção são atores/ construtores sociais. Tanto quem escreve, quanto para quem se escreve são chamados por Koch e Elias (2010) de “sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto”. Para as autoras, desse modo é possível que haja lugar para uma vasta apreciação de implícitos, de tipos variados, somente detectados quando inseridos no contexto sociocognitivo dos participantes da interação. Ou seja, a acepção da escrita é o resultado do processo interacional, da prática efetiva do discurso e não apenas de uma intenção particular e irrestrita de quem escreve.

Por isso, Koch e Elias ressaltam estratégias que devem ser utilizadas para a escrita, tais como

- ativação de conhecimentos sobre os componentes da situação comunicativa (interlocutores, tópico a ser desenvolvido e configuração textual adequada à interação em foco);
- seleção, organização e desenvolvimento das ideias de modo a garantir a continuidade do tema e sua progressão;
- balanceamento entre informações explícitas e implícitas; entre informações novas e dadas, levando em conta o compartilhamento de informações com o leitor e o objetivo da escrita;
- revisão da escrita ao longo de todo processo, guiado pelo objetivo da produção e pela interação que o escritor pretende estabelecer com o leitor. (KOCH e ELIAS, 2010, p. 34)

Essas estratégias devem ser utilizadas na sala de aula, observando a maior concretude do trabalho no processo de produção e envolvimento do aluno-escritor. Na sequência de atividades que desenvolvemos, levamos em conta as estratégias

acima, munindo nossos alunos de subsídios e ideias por meio da leitura de outros textos do mesmo gênero.

Na prática, os alunos interagem com o gênero maravilhoso desde sempre, mas produzi-lo significa possuir uma concepção de sua forma, composição e função. Tal domínio pode ser adquirido, a nosso ver, com diferentes leituras do mesmo gênero, apresentações e relação das características comuns, bem como o destaque ao estilo próprio de cada autor.

Como o nosso objetivo é o de ampliar o letramento por meio do ensino de um gênero começando pela leitura e culminando na escrita, temos que levar em conta as maneiras de abordar o ensino da escrita no ambiente escolar. Dolz e Schneuwly (2004, p.69) afirmam que o trabalho com um gênero em sala de aula é o resultado de uma decisão didática que visa proporcionar ao aluno o conhecimento e a compreensão do mesmo, para em seguida, apreciá-lo, fazendo com que assim, o discente se torne capaz de produzi-lo na escola ou fora dela.

Os autores também nos alertam para questões que não devem ser reproduzidas no ensino de um gênero, entre elas, citam três abordagens: o isolamento de um gênero de modo que ele seja uma representação do real baseando-se em uma realidade fictícia e se torne exclusivamente um objeto de ensino aprendizagem; a transformação do gênero em uma pura forma linguística, na qual o objetivo é apenas o seu domínio, desprovido, assim, de qualquer relação com uma situação comunicativa autêntica; ou ainda, a negação de que a escola seja um lugar específico de comunicação e culminar no cerceamento de inúmeras possibilidades de progressão, ao visar apenas o domínio de um gênero específico para dada ocasião de ensino-aprendizagem.

Dolz e Schneuwly acreditam que existe uma mudança do gênero quando retirado da situação comunicativa concreta e apresentado na escola, dessa forma

“o gênero trabalhado na escola é sempre uma variação do gênero de referência, construída numa dinâmica de ensino-aprendizagem, para funcionar numa instituição cujo objetivo primeiro é precisamente este”.

(Dolz e Schneuwly, 2004, p.69)

Os autores denominam essa variação como ‘modelos didáticos de gêneros’ na qual o objetivo é explicitar o conhecimento implícito deste gênero, referindo-se a três princípios de forte interação e perpétuo movimento que denominam

- Princípio de legitimidade (referência aos saberes teóricos ou elaborados por especialistas);
- Princípio de pertinência (referência às capacidades dos alunos, às finalidades e aos objetivos da escola, aos processos de ensino aprendizagem);
- Princípio de solidarização (tornar coerentes os saberes em função dos objetivos visados. (DOLZ e SCHINEUWLY, 2004, p. 70)

Assim, o modelo didático do gênero é uma ferramenta cuja base é a articulação dos três princípios descritos: legitimidade, pertinência e solidarização. Tais modelos devem ser observados por nós, professores, antes de propormos um modelo didático de gênero para nossa turma. No primeiro princípio, temos que levar em conta que pesquisas, leituras e apropriação do saber elaborados por especialistas é uma prática que deve acompanhar de forma contínua a prática docente. O segundo princípio visa articular o conhecimento já adquirido pelos alunos com seus anseios, e a partir disso definir quais gêneros apresentar à turma. Por fim, o terceiro princípio evoca-nos a tornar lógicos os saberes em relação aos objetivos. Levando-nos a desenvolver sequências didáticas (ou de atividades, como já debatido anteriormente) que atendam a esses princípios.

Nessa lógica, acreditamos que para apresentarmos um gênero aos nossos alunos, os três princípios definidos por DOLZ e SCHINEUWLY devem basear a prática docente de modo a permitir que o aluno parta do gênero de origem – o gênero escolar – e alcance uma progressão deste gênero para o uso real e concreto da prática comunicativa.

Dessa forma, avançamos em nossa prática.

2.2 A leitura e o Letramento

É corriqueiro constatar, nos alunos, o quase inexistente hábito de leitura e o desinteresse por ela. Os livros pouco habitam grande parte das casas brasileiras. A dificuldade de ler e compreender textos, assim como de interpretar e decodificar mensagens simples compromete a rotina do indivíduo. Não identificar plenamente um comunicado produz o risco de um indivíduo – e até de uma sociedade – tornar-se dependente de terceiros, limitando o sujeito em sua capacidade de autoria e de ser agente da representação social.

Nesse panorama, alguns autores defendem veementemente os benefícios que a leitura pode trazer para vida de cada um. Para PETIT (2011), por exemplo, a leitura pode ser, em qualquer idade, um atalho privilegiado para elaborar ou manter um espaço próprio. A autora afirma ser nesse espaço que alimentamos a fantasia. É nele que o sujeito pode definir sua própria identificação, percebendo-se como indivíduo ativo e descobrindo que é possível amadurecer e crescer como pessoa a partir da leitura.

A autora ainda expõe que, na adolescência, principalmente, há a necessidade de se expressar e se tornar autor, assumindo a própria voz. Ela pressupõe a identificação do leitor com o ato de ler, concebendo que “o espaço criado pela leitura não é uma ilusão. É um espaço psíquico que pode ser o próprio lugar da elaboração ou da reconquista de uma posição como sujeito” (PETIT, 2011, pág. 44). Jovens, dos treze aos dezenove anos, “época em que o mundo é percebido como hostil” (PETIT, 2011, pág. 44), quando leem, têm a possibilidade de compreender a si próprios, ao entrar em contato com saberes, testemunhos ou relatos alheios, podendo assim, nomear os “estados que atravessam e encontrar pontos de referência” (PETIT, 2011, pág. 44).

SOLÉ também destaca a importância da leitura ao afirmar:

Poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para a autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada. (SOLÉ, 1998, p. 18).

A leitura permite a inserção social e o exercício do papel de cidadão. Obviamente, não somente a leitura é capaz disso, há outros meios. Queremos mostrar, no entanto, que, sendo um desses meios, é primordial que os alunos tenham dentro da escola a base necessária para se apropriar dela. O importante é se encontrar de alguma forma na leitura e sobre isso Jolibert declara

Ler é atribuir diretamente um sentido a algo escrito. Diretamente, isto é, sem passar pelo intermédio:

- nem da decifração (nem letra por letra, sílaba por sílaba, ou palavra por palavra);
- nem da oralização (nem sequer grupo respiratório por grupo respiratório).

Ler é questionar algo escrito como tal a partir de uma expectativa real (necessidade-prazer) numa verdadeira situação de vida. [...]

Ler é ler escritos reais que vão desde um nome de rua numa placa até um livro, passando por um cartaz, uma embalagem, um jornal, um panfleto, etc., no momento em que se precisa realmente deles numa

situação de vida, “para valer”, como dizem as crianças. É lendo de verdade, desde o início, que alguém se torna leitor. (JOLIBERT, 1994, p. 15).

É incontestável a importância da leitura na vida de todos os sujeitos, em especial na dos jovens, nesse caso, os alunos do Ensino Fundamental – Anos Finais. Temos destacado como a leitura é importante e Colomer e Camps insistem que “saber ler não é saber decifrar e, portanto, não se pode considerar que os alunos sabem ler ao concluir o ensino inicial” (2002, p. 89), pois o ato de interiorizar a leitura não fica apenas no automático da tradução de letras e números.

Para Colomer e Camps (2002), a leitura no ensino fundamental deve ir além e fazer com que o discente compreenda o que lê. Logo, o professor deve ser o mediador entre o aluno e a leitura, para motivar que brote nele o interesse em ler. Contudo, a leitura por si só não basta: é necessário formar alunos letrados, isto é, hábeis em letramento ou convivência com o mundo letrado.

Colomer e Camps ainda sustentam que “o leitor deve possuir conhecimentos de tipo muito variado para poder abordar com êxito sua leitura” (2002, p. 48). A escola, enquanto formadora, tem o papel de apresentar ao aluno diferentes conhecimentos e somá-los aos já trazidos do seio familiar e do convívio social, para favorecer o dialogismo (BAKHTIN, 2006).

Para Bakhtin (2006) “todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”. A frase ou palavra, desde que possua sentido completo, é tida como enunciado e esses enunciados são elos “na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (BAKHTIN, 2006). O termo dialogismo remete à relação que um enunciado sempre estabelece com outro, ou outros enunciados, que culminam também na transformação da compreensão do próprio enunciado, assim como de outros em cadeia, já que são elos da mesma corrente.

Acreditamos que a ampliação do letramento se efetive, inclusive, por meio de fatores como o contexto de interação, os recursos dialógicos e a multiplicidade de sentidos envolvidos. Dessa forma, não temos dúvidas que a escola é um local que privilegia a interação discursiva entre o(s) sujeito(s) e o mundo, e que o trabalho em sala de aula, desde que privilegie uma gama diversificada de gêneros e saberes, tende a facilitar a ampliação do letramento do aluno ao passo que promove situações diversificadas de interação entre professores e alunos; e até mesmo entre os próprios

alunos, garantindo os fundamentos necessários para tornar-se o sujeito-autor da própria história.

Sobre o letramento, Kleiman afirma que não só a leitura, mas também a escrita e principalmente o domínio das informações podem efetivamente “empoderar o sujeito para que este possa lidar com as estruturas de poder na sociedade” (KLEIMAN, 2004, p. 8). A pessoa letrada, segundo o senso comum, é tida como aquela que é versada em letras ou erudita. Para os estudiosos, o que seria o letramento? Letramento, segundo Kleiman (2005), “abrange o processo de desenvolvimento e o uso dos sistemas da escrita nas sociedades, ou seja, o desenvolvimento histórico da escrita refletindo outras mudanças sociais e tecnológicas”. Ela explica

O letramento é complexo, envolvendo muito mais do que uma habilidade (ou conjunto de habilidades) ou uma competência do sujeito que lê. Envolve múltiplas capacidades e conhecimentos, muitos dos quais não têm necessariamente relação com a leitura escolar e sim, com a leitura de mundo, visto que o letramento inicia-se muito antes da alfabetização, ou seja, quando uma pessoa começa a interagir socialmente com práticas de letramento no seu mundo social. (KLEIMAN, 2005, p.18)

Enquanto a leitura é capaz de produzir um espaço íntimo, como foi exposto aqui, o letramento favorece o ‘poder’, o que é afirmado por Kleiman (2004) ao relatar que acessar e manipular informações pode empoderar o sujeito. Tal poder se refere ao que Kleiman (2004) chama de “*empowerment through literacy*” que ela traduz como “potencializar através do letramento” voltando-se para a transformação de ordem social. Segundo a autora

O domínio de outros usos e funções da escrita significa, efetivamente, o acesso a outros mundos, públicos e institucionais, como o da mídia, da burocracia, da tecnologia e, através deles, a possibilidade de acesso ao poder. Daí os estudos sobre letramento hoje em dia, seguindo o caminho traçado por Paulo Freire há mais de 30 anos, enfatizarem o efeito potencializador, ou conferidor de poder do letramento que se voltam para a transformação da ordem social é “*empowerment through literacy*”, ou seja, potencializar através do letramento. (KLEIMAN, 2004, p. 8)

Marcuschi (2010, p. 18) conceitua letramento “como as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade, desde uma apropriação mínima da escrita [...] até uma apropriação mais profunda”. Mesmo para um indivíduo tido como “analfabeto”, a possibilidade de identificar um ônibus, reconhecer as notas do dinheiro, identificar rótulos de produtos e fazer cálculos levam à percepção de que este é um sujeito que possui letramento. Para o autor, “letrado é o indivíduo que

participa de forma significativa de eventos de letramento e não, apenas, aquele que faz um uso formal da escrita” (Marcuschi, 2010). A afirmação nos leva a entender que o letramento não se inicia na escola, mas que é de suma importância seu desenvolvimento dentro dela e, não apenas, fora dela.

Acreditamos que o desafio maior do professor seja o de conhecer o repertório que o aluno traz para planejar e realizar seu trabalho a partir dele. Alunos não são cadernos em branco e o primeiro dia de aula não é o início de tudo. Mais uma vez, resgatamos Bakhtin (2006) e o conceito do encadeamento de enunciados “como elos de uma corrente”, já que esses elos devem se complementar e a consciência desse processo é essencial ao professor de Língua Portuguesa.

Apesar de pesquisas sobre leituras obterem resultados não satisfatórios frente a outros países do mundo, a leitura no Brasil tem sido muito praticada por jovens, como mostra a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2016, realizada pelo instituto Pró-Livro. Essa informação poderia sugerir uma contradição de nossa parte, no entanto, reafirmamos: desde os tempos mais remotos, nunca se leu tanto, principalmente entre os jovens. Contudo, essa leitura muitas vezes, como indica a pesquisa é relacionada a conteúdos exigidos pelas escolas, ou a livros de auto-ajuda e religiosos, por exemplo. Não podemos deixar de mencionar que as redes sociais proporcionam momentos infinitos de leitura e escrita, mas que essa prática estimula cada vez mais a linguagem informal, seja pelo uso de abreviaturas, *emojis*, códigos, entre outros, além de favorecer, em muitos casos, uma leitura superficial que não demanda esforços nem aprofundamento.

O sucesso dos aplicativos de bate-papo e as redes sociais comprovam esse fato, mas em nenhum momento nossa intenção aqui é a de discriminar o uso dessas ferramentas, muito menos apresentar preconceito linguístico ao coloquialismo majoritário delas. Queremos apenas ampliar os horizontes dos nossos alunos e mostrar-lhes novas possibilidades. Diante disso, cremos ser necessário o resgate do texto literário, para que a possibilidade de uma leitura profunda, complexa e rica possa auxiliar no processo de ampliação do letramento dos nossos alunos.

Nesse aspecto, Soares coincide com nosso pensamento ao afirmar

Passamos, recentemente, a enfrentar uma nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente”. (SOARES, 2004, p. 20)

Cosson (2018) relata que “o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também e, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio”. Levar o aluno a gostar de ler, entender a necessidade de ler e compreender significados intrínsecos da leitura para se apropriar dela vai além das fronteiras do estudo da gramática normativa, da alfabetização, ou de qualquer outro ensinamento. O autor observa que vem “daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, ou aquele que se encontra difuso na sociedade” (COSSON, 2018).

Tal afirmação só amplia nossa certeza de que o trabalho com o texto literário deve ser praticado, assim como criar oportunidades para a escrita, como o autor afirma: “a escrita é um dos mais poderosos instrumentos de libertação das limitações físicas do ser humano”. Tal letramento somente poderia se dar pelo encontro da efetiva leitura e da humanizante obra literária escrita (CANDIDO, 1995), tópico que retomaremos adiante.

2.3 A narrativa literária

A leitura tem um papel transformador como já defendemos. Cabe considerar a particular importância da leitura literária, sobre a qual Petit (2011) afirma: “a literatura, não o esqueçamos, é um vasto espaço de transgressão”, sendo que transgressão, para ela, seria a prática de um sujeito ativo, capaz de ultrapassar ou “transgredir” as condições socioculturais e as regras pré-estabelecidas.

A autora prossegue

Estou convencida de que a leitura, em particular a leitura de livros, pode ajudar os jovens a serem mais autônomos e não apenas objetos de discursos repressivos ou paternalistas. E que ela pode representar uma espécie de atalho que leva de uma intimidade um tanto rebelde à cidadania. (PETIT, 2010, p. 19)

É na literatura, principalmente, que encontramos os mecanismos necessários para subsidiar a transformação, como defende Calvino (2007), ao dizer que os clássicos “são livros que exercem uma influência especial, tanto quando se impõem como inesquecíveis, como quando se ocultam nas pregas da memória, mimetizando-se de inconsciente coletivo ou individual” (CALVINO, 2007). Esse autor ressalta, ainda, que “clássico é um livro que nunca acabou de dizer o que tem a dizer”

(CALVINO, 2007). Nesse ponto, valeria retomar a reflexão de Bakhtin sobre o dialogismo: pode-se considerar que o texto lido dialoga com o repertório de seu leitor (BAKHTIN, 2006). No caso dos clássicos – mencionados por Calvino, essa troca torna-se particularmente enriquecedora.

Para CANDIDO (1995), literárias são “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, [...] até as mais complexas e difíceis formas da produção escrita das grandes civilizações” (CANDIDO, 1995). A Literatura, para esse autor, seria um direito de todas as pessoas. Ele afirma que “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (idem, ibidem, pág. 190). Assim, é importante dar espaço à literatura dentro da sala de aula, promovendo a leitura dos gêneros literários, além da dos não literários.

A leitura literária, no ambiente escolar, por vezes, assume o caráter de exploração biográfica, crítica, ou de exemplificação de escolas literárias. É necessário que, na escola, os alunos tenham acesso às obras e que seus professores lhes possibilitem um encontro em que até as entrelinhas possam ser lidas, esclarecidas, expostas e interpretadas. Cosson acredita que

É fundamental que se coloque como centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos e não, as informações das disciplinas que ajudam a constituir essas leituras, tais como a crítica, a teoria ou a história literária. Essa leitura também não pode ser feita de forma assistemática e em nome de um prazer absoluto de ler. Ao contrário, é fundamental que seja organizada segundo os objetivos da formação do aluno, compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no ambiente escolar. (COSSON, 2018, p. 23).

O autor conclui que, para o sucesso do letramento literário, devemos compreender que ele é “uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola” (COSSON, 2018 p. 23). Assim sendo, fica fundamentada a pertinência de trabalhos didáticos para alcançar o letramento e despertar interesse pela leitura como o que relatamos aqui.

D’Onofrio (2007) chama o texto de um tecido ou conjunto de fios entrelaçados que possuem valores gráficos, fônicos e ideológicos. Para ele, o texto literário possui características específicas que o caracterizam e acabam por organizá-lo em gêneros literários. Neles ocorre o predomínio da conotação, traços de criatividade, preocupação formal, ficcionalidade e, no caso da narrativa, verossimilhança, isto é, a

impressão de que os fatos narrados são verdadeiros. A conotação prevalece quando o texto sugere serem válidos, em certas passagens, os múltiplos sentidos de uma palavra. Para D'Onofrio a linguagem literária é “sempre polissêmica e ambígua, aberta a várias interpretações” (2007). O autor complementa:

O texto literário transforma incessantemente não só as relações que as palavras entretêm consigo mesmas, utilizando-as além do seu sentido estrito e além da lógica do discurso usual, mas estabelece com cada leitor relações subjetivas que o tornam um texto móvel (modificante e modificável), capaz mesmo de não ter nenhum sentido definitivo ou incontestável. (D'ONOFRIO, 2007, p. 18)

Como consequência, para entendimento de um texto literário não é suficiente saber decifrar o código linguístico. É necessário, também, que se saiba uma “pluralidade de códigos retóricos, míticos, culturais que estão na base da estrutura artístico-ideológica de uma obra literária” (D'Onofrio, 2007, p. 18). É pertinente apontar que o letramento literário é um processo permanente, para se desenvolver a habilidade para a leitura, compreensão e produção de textos literários, assim como dos não literários.

Já a criatividade pode inovar o código linguístico, criando neologismos, alterando sua ordem, recriando relações de significados, produzindo metáforas etc. Todas essas inovações e diversificações fazem o sujeito escapar ao padrão usual. Apesar de partir de palavras comuns e cotidianas, a forma como elas se combinam e se encaixam, no texto criativo, foge da estereotipação e do automatismo. D'Onofrio comenta

Se o poeta² interroga ou questiona o mundo, o faz para colocar em discussão o critério dos valores dominantes. E, se o material de sua arte é a palavra, é só pelo uso invulgar desta que ele pode chamar a atenção dos destinatários para a realidade mais profunda da condição humana. (D'ONOFRIO, 2007, p. 19)

A ficção, fruto da imaginação do autor, é característica do texto literário. A literatura tem a capacidade de criar seu próprio tempo, suas próprias personagens e espaços. Também pode produzir suas próprias leis, regras, códigos de conduta etc. D'Onofrio defende que “mesmo a literatura mais realista é fruto de imaginação, pois o caráter ficcional é uma prerrogativa indeclinável da obra literária” (2007). Ele comenta que, caso narremos um fato exatamente como ele ocorreu, sem nenhum vestígio de

²‘Poeta’ é usado pelo autor com o valor de ‘o escritor do texto literário’.

ficção, esta seria apenas uma transcrição ou relato histórico e não, arte. A possibilidade de criar uma nova realidade é o encanto do texto literário. Os fatos narrados em um texto literário não são reais, são fictícios, eles possuem o que D'Onofrio (2007) denomina equivalência da verdade: a verossimilhança. Verossímil é aquilo que parece verdadeiro dentro de um texto.

Criar um homem que se transforma em sapo, por exemplo, é tido como fantástico, maravilhoso, mas podemos compreender que isso seja possível dentro de um plano diferente do real e verdadeiro, o plano da verossimilhança que obedece à lógica interna do texto. Sobre isso, o autor afirma: “A literatura de ficção supera a antítese do ser e do não ser, do real e do imaginário: a personagem artística é, porque foi criada por seu autor, e, ao mesmo tempo, não é, porque nunca existiu no plano histórico” (D'ONOFRIO, 2007).

As características do texto literário descritas por D'Onofrio fundamentam o estudo do texto narrativo, o qual o autor conceitua como “todo discurso que nos apresenta uma história imaginária como se fosse real, constituída por uma pluralidade de personagens que se entrelaçam num tempo e espaço determinados” (D'ONOFRIO, 2007, p. 46).

Para analisar o texto narrativo, os alunos devem ser levados a observar seus elementos básicos: a ação manifestada pelo enredo, o espaço ou cenário, o tempo – localização cronológica e duração- e o foco narrativo. No desenvolvimento do enredo, deve-se verificar a situação inicial, o conflito, o clímax e o desfecho.

O foco narrativo apresentado aos alunos de sexto ano se restringe a dois tipos de narradores - o narrador observador-exterior à narrativa- e o narrador personagem - inserido nela. No caso do narrador personagem, a história será contada em primeira pessoa. Se o narrador for mero observador (mesmo que seja onisciente), o foco narrativo estará em terceira pessoa. Para alunos de sexto ano, já há um grau de dificuldade grande para compreender essa distinção, principalmente quando trabalhamos com a produção de textos: é comum verificar textos discentes que começam em terceira pessoa e migram repentinamente para a primeira, como observamos em alguns casos analisados a seguir.

A apresentação do espaço em que a narrativa se passa também é essencial. Segundo D'Onofrio, “todo texto literário possui seu espaço, na medida em que encerra um pedaço da realidade, estabelecendo uma fronteira entre ela e o mundo imaginário. O espaço da ficção constitui o cenário da obra, onde as personagens vivem seus atos

e sentimentos” (2007, p. 83). Este deve ser colocado de forma descritiva, como um convite para o leitor também habitar aquele espaço.

A temporalidade é outro componente da narrativa, conforme D’Onofrio (2007). É nele que se dão as relações de passado, presente e futuro, bem como são apresentados “os mecanismos aspectuais de incoativo - durativo - terminativo” (D’ONOFRIO, 2007), o que pressupõe começo, meio e fim. O tempo pode apresentar-se linear, o que é o mais comum nas tramas fantásticas, ou não linear. Quando é linear, a narração segue na ordem cronológica dos fatos. O tempo não-linear transcorre no interior da personagem e também pode ser apresentado como tempo psicológico.

D’Onofrio (2007) sintetiza que “as personagens constituem os suportes vivos da ação e os veículos das ideias que povoam uma narrativa”. Sem as personagens, fica difícil haver uma história a ser contada. Sejam elas humanos, animais, objetos ou robôs, é imprescindível que a trama nasça ou gire em torno de um deles. São as personagens que vivem os fatos descritos num determinado espaço e num determinado tempo. Há aqui uma centralidade que é confirmada por D’Onofrio (2007) quando expressa: “o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo”. Para esclarecer a construção das personagens, expusemos aos alunos três tipos: a protagonista, as coadjuvantes e a antagonista, que definimos respectivamente como a personagem principal, as personagens secundárias e a personagem que é contrária à protagonista, também chamada de vilã.

O enredo é a organização dos fatos e ações que acontecem na trama. Dentro dele, é importante que haja uma sequência lógica para o entendimento do todo.

Enredo é, portanto, uma sequência lógica de ações que evoluem até o desfecho. Na situação inicial, também conhecida como introdução ou apresentação, o narrador insere o leitor na história. Assim é garantido o entendimento das ações que se desencadeiam na sequência. Geralmente, a situação inicial é colocada no início da história.

O conflito ou complicador é o problema que passa a ser apresentado logo após a situação inicial, quando as personagens protagonistas são expostas a certa dificuldade. Esse obstáculo é parte essencial da trama, pois proporciona certo grau de envolvimento e motivação ao leitor, instigando-o a envolver-se ainda mais com a história. O momento de maior tensão do conflito é chamado clímax. Aqui, o conflito

atinge seu ponto máximo e, quando bem elaborado, tem o poder de prender e emocionar o leitor.

A situação final ou desfecho é o momento de resolução do conflito. Nesse momento, o leitor descobre que fim levarão os protagonistas e antagonistas da trama. Em geral, o desfecho se encaminha, no conto maravilhoso, para a vitória do bem sobre o mal.

Sabemos que a conceituação de narrativa (D’Onofrio, 2007) abrange inúmeros gêneros narrativos. Neste trabalho, privilegiamos o conto maravilhoso, por isso destacamos algumas especificidades desse gênero.

2.4 O gênero conto: o conto Maravilhoso

A proposta de atividades a partir do texto completo é defendida por Antunes (2010). Ela argumenta que “somente nos comunicamos através de textos, nem que eles tenham apenas uma palavra”, e prossegue

Já é tempo, portanto, de deixar de lado a prática tão comum da análise de frases soltas, inventadas; frases artificiais, sem contextos reais, exatamente ao contrário do que acontece quando falamos, ouvimos, escrevemos ou lemos. (ANTUNES, 2010, p. 47)

A opção por contos – textos narrativos curtos – para sustentar este trabalho decorre da decisão de dar ao aluno a oportunidade de ler um texto completo, como a autora propõe. Em publicação anterior, Antunes destaca

O texto não é a forma prioritária de se usar a língua. É a única forma. A forma necessária. Não tem outra. A gramática é constitutiva do texto, e o texto é constitutivo da atividade da linguagem. Sua exploração em sala de aula tem outras razões que deixar as aulas menos monótonas e mais motivadoras. Tudo o que nos deve interessar no estudo da língua culmina com a exploração das atividades textuais e discursivas. (ANTUNES, 2007, p. 130)

Etimologicamente, texto procede da palavra *texere*. De origem latina, significa tecer, construir. Ao produzirmos um texto, cada palavra, cada oração, passa a ser um fio da trama que vai construindo um grande tecido, que completo, passa a ser um “tecido estruturado, passando a refratar o mundo, na medida em que o reordena e o

reconstrói” (Marcuschi, 2008, p. 72). Além dos conceitos de texto já manifestados aqui, buscamos Goldstein *et alii* (2009, pág. 11) que resume que o “texto é, portanto, toda produção linguística, oral ou escrita, que apresenta sentido completo e unidade”. Ampliando essa proposta, consideremos que o texto, dentro de um contexto comunicacional, passa a ser um gênero discursivo, fruto dos enunciados individuais e da diversidade nos campos de utilização, como propõe Bakhtin

o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional - estão indissoluvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (BAKHTIN, 2006, p. 262).

Se tais gêneros são relativamente estáveis, concluímos que eles são, também, relativamente instáveis, ou seja, são complexos e proporcionam inesgotáveis “possibilidades da multiforme atividade humana [...]; em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo” (BAKHTIN, 2006, p. 284).

Bakhtin propõe

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, 2006, p. 285)

O gênero conto é uma narrativa curta. É antigo o hábito de se contar e ouvir histórias ou “estórias”, como se dizia tempos atrás, quando esse termo indicava uma narrativa de cunho popular. Dizia-se “estória” para as histórias contadas de uns para outros, que podiam ser fictícias ou não. Gotlib nos lembra que

sob o sino da convivência, a estória sempre reuniu pessoas que contam e que ouvem: em sociedades primitivas, sacerdotes e seus discípulos, para a transmissão dos mitos e ritos da tribo; nos nossos tempos, em volta da mesa, à hora das refeições, pessoas trazem notícias, trocam ideias e... contam casos. (GOTLIB, 1991, p. 5)

A autora informa ser difícil localizar o início do hábito de contar histórias. Provavelmente ele date de tempos remotos, anteriores ao advento da escrita. (Gotlib, 1991). Apesar da dificuldade em datar, alguns acreditam que “os contos egípcios – os

contos dos mágicos – sejam os mais antigos: devem ter aparecido por volta de 4.000 anos antes de Cristo” (Gotlib, 1991, p. 6). Sabe-se apenas que os contos foram primeiramente oralizados e transmitidos de geração em geração. Não seria a história dos irmãos Caim e Abel um conto? E a própria bíblia? Em escritos anteriores à era cristã, não há uma coletânea de contos?

Segundo Gotlib, foi no século XIV que houve a maior transição e o conto, antes oralizado, passou a ser escrito. Nesse momento o conto “vai afirmando a sua categoria estética” (Gotlib, 1991). Há também, nesse período, a preocupação de não perder o tom da narrativa oral e procurar uma elaboração artística, inclusive para a tradução em diferentes línguas.

No século XIX, a autora aponta um desenvolvimento do conto decorrente da cultura medieval, priorizando o popular e o folclórico, com auxílio do crescimento da imprensa. Para ela, “este é o momento da criação do conto moderno, quando, ao lado de um Grimm que registra contos e inicia o seu estudo comparado, um Edgar Allan Poe se afirma enquanto contista e teórico do conto” (Gotlib, 1991 p. 7). E nessa direção, a arte de contar histórias continua a ser uma necessidade e “paralelamente uma outra história se monta: a que tenta explicitar a história dessas estórias, [...] um modo de narrar caracterizado, em princípio, pela própria natureza desta narrativa – a de simplesmente contar histórias” (Gotlib, 1991, p. 8).

E quais seriam as características do conto? Quais as suas especificidades? A autora questiona: “o que faz com que os contos sejam contos, apesar das mudanças que, naturalmente, foram experimentando, no decorrer do curso da história? Em que aspectos permaneceriam eles fiéis às suas origens”? (Gotlib, 1991). Mário de Andrade responde da seguinte forma: “em verdade, sempre será conto aquilo que seu autor batizou com o nome de conto” (Andrade, 1972 *apud* Gotlib, 1991, p. 9). Machado de Assis responde à mesma pergunta, argumentando que “é gênero difícil, a despeito da sua aparente facilidade” (Assis, 1873 *apud* Gotlib, 1991, p. 9). Cortázar considera-o como gênero de tão difícil definição e acrescenta:

Se não tivermos uma ideia viva do que é o conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado dessa batalha é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência. Só com imagens se pode transmitir essa alquimia secreta que explica a profunda ressonância que um grande conto tem em nós, e que explica também por que há

tão poucos contos verdadeiramente grandes. (CORTÁZAR, 1974 *apud* GOTLIB, 1991, p. 10.)

A dificuldade para conceituar o conto sugere ainda mais sua riqueza e complexidade, seja pela permanência ao longo do tempo, seja pela capacidade de transmissão múltipla: oral, escrita, ambas, ou, em tempos recentes, visuais e cinematográficas. A preciosidade desse gênero não pode ser ofuscada pela sua dificuldade e Gotlib conclui

Contar histórias, em princípio, oralmente, evolui para o registrar as histórias, por escrito. Mas o contar não é simplesmente um relatar acontecimentos ou ações. Pois o relatar implica que o acontecido seja trazido outra vez, isto é, *re* (outra vez) mais *latum* (trazido), que vem de *fero* (eu trago). Por vezes é trazido outra vez por alguém que ou foi testemunha ou teve notícia do acontecido.

O conto, no entanto, não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele realidade e ficção não têm limites precisos. (GOTLIB, 1991, p. 12)

Fixemo-nos na última afirmação acima: “nele, realidade e ficção não tem limites precisos”. O texto narrativo dá asas, possibilita viagens e fantasias. Por isso, ele nos é apresentado desde a primeira infância por meio de contos de fadas, lendas, mitos. A opção por contos vem ao encontro à teoria *bakhtiniana*, na hipótese de supor a interação dos novos enunciados com aqueles já conhecidos. Partimos, assim, do conhecimento já adquirido pelo aluno e, a partir desse ponto, propomos uma ampliação dialógica por meio dos contos escolhidos para a sequência de atividades.

Dentre uma gama de autores, Marina Colasanti e seu livro “Mais de 100 histórias maravilhosas” fizeram parte da busca dos contos que integrariam a sequência de atividades. Os três contos escolhidos “Hora de Comer”, “De Nome Filhote” e “Eram tão pequenas” fazem parte da coletânea de todos os contos da autora. A própria autora os denomina contos maravilhosos.

O conto popular ou maravilhoso, como adotamos aqui, é para D’Onofrio, um meio encontrado para documentar “usos, costumes, fórmulas jurídicas, folclore etc” (D’ONOFRIO, 1995) e “reflete as inclinações do ser humano para o maravilhoso, visto como natural, para a bondade, a justiça, a verdade, a beleza física e espiritual e o amor romanticamente vivido”. (D’ONOFRIO, 1995 p. 110). É um dos gêneros mais antigos e acompanharam a humanidade primeiramente de forma oral, passado de geração em geração. O autor especifica

O que distingue essa forma de narrativa de outras é o caráter de internacionalidade ou universalidade. O mistério da presença das

mesmas histórias em países geograficamente muito distantes, em épocas anteriores à descoberta da imprensa e com meios de comunicação precaríssimos é um desafio à inteligência dos estudiosos do assunto. (D'ONOFRIO, 1995, p. 111)

De fato, a semelhança temática entre contos, produzidos em regiões geográfica e cronologicamente distantes, nos leva a pensar em valores universais comuns a diversas etnias e culturas. Talvez coubesse mesmo estabelecer relações entre conto maravilhoso e mito. Mas esse seria tema para outro trabalho.

Retomemos o fio de nossa meada.

D'Onofrio conceitua como um só o conto popular, o conto de fadas, o conto maravilhoso e o conto da carochinha, enquanto uma “narrativa de temas e motivos variados” (D'ONOFRIO, 1995). Para ele, “apresentar uma classificação coerente é tarefa quase impossível”. Contudo, prendendo-nos ao que Colasanti declara no posfácio da sua obra “Mais de 100 histórias maravilhosas”, consideramos que os contos maravilhosos aqui analisados se diferenciam dos contos de fadas, pela ausência das personagens características desses enredos: falta de princesas, príncipes, fadas e bruxas. Apesar disso, o conceito de atemporalidade e o caráter fantástico presentes nos contos maravilhosos de Colasanti nos permitem estabelecer relações com as características apontadas por D'Onofrio.

A permanência do gênero é justificada, também, pela função social implicitamente instrutiva e, por vezes, exemplar ou moralizante. A escolha dos leitores pode ser explicada por D'Onofrio quando esclarece “as coisas se passam como nós gostaríamos que se passassem, sempre com o triunfo do bem sobre o mal” (D'ONOFRIO, 1995, p. 112). A idealização do real é trazida por ele da seguinte forma: “o julgamento moral da massa popular é absoluto porque sentimental, em contraste com o mundo da realidade, que é trágico porque o que deveria ser geralmente não é”. (D'ONOFRIO, 1995, p. 112).

Gotlib (1991) afirma que, no conto maravilhoso, a narrativa é como as ‘coisas deveriam acontecer’, satisfazendo, assim, uma expectativa do leitor e contrariando o universo real, em que nem sempre as coisas acontecem da forma que gostaríamos”; isso permite agradar tanto crianças como adultos, já que resgata e possibilita sonhos, fantasia e imaginação.

Entendemos por mobilidade a facilidade que o gênero conquistou de permanecer no decorrer do tempo. Generalidade é entendida no aspecto universal,

sendo a mesma história contada de modos parecidos, por povos diferentes. Importante assinalar a pluralidade de significados simbólicos que o conto carrega: “um é sempre um, apesar das variações que nunca atingem o fundamento da sua forma. É bastante significativo este seu poder de resistência, vencendo as variações possíveis, sem perder sua estrutura fundamental” (Gotlib,1991).

No trabalho com os alunos, enfatizamos os seguintes aspectos: a brevidade do conto; os aspectos maravilhosos com mescla de real e fantasia, com dados inusitados; na origem, eram transmitidos oralmente. As narrativas maravilhosas antigas apresentam caráter moralizante ou instrutivo e são tão antigas que não se pode precisar sua origem. O conto moderno alterou-se bastante e apresenta alguns aspectos inovadores, como os contos de Colasanti.

Apesar da modernização, a forma do conto maravilhoso permanece inalterada. Há uma verossimilhança interna que rompe com situações verídicas da vida real, de modo que o interlocutor absorva a “realidade exclusiva” do conto de maneira sutil, como se ela fosse verdadeira, embarcando, assim, na trama narrativa que ele propõe.

Sobre o gênero maravilhoso Todorov explica que, “no caso do maravilhoso, os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens, nem no leitor implícito” (2010, p. 60). Isso porque, no conto maravilhoso, está garantida a possibilidade daquela impossibilidade ser real, há uma verossimilhança interna que garante que as personagens não hesitarão nem ao menos questionarão a possibilidade de aquilo deixar de ser real.

De todo modo, Todorov nos auxilia na distinção desse gênero tecendo limites entre os gêneros maravilhoso, fantástico e estranho. Para o autor, o gênero fantástico é aquele que provoca uma hesitação comum à personagem e ao leitor e nesse ínterim eles se questionam se aquele acontecimento fantástico pode ou não, ser real; se tem ou não, uma explicação plausível. É nesse estranhamento em relação à realidade que se limita o fantástico. A própria verossimilhança interna fica duvidosa ou ambígua, quando as personagens se deparam com um elemento extraordinário.

Para Todorov fantástico pode ser definido por três condições

Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem; desta forma o papel do leitor é, por assim dizer confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada, torna-se um dos temas

da obra; no caso de uma leitura ingênua, o leitor real se identifica com a personagem. Enfim é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação 'poética'. Estas três exigências não têm valor igual. A primeira e a terceira constituem verdadeiramente o gênero [fantástico]; a segunda pode não ser satisfeita. Entretanto a maior parte dos exemplos preenchem as três condições. (TODOROV, 2010, p. 38-39)

No gênero fantástico, leitor e personagem estão sempre buscando uma explicação racional, lógica e plausível para os acontecimentos fantásticos e esse momento de hesitação é o que nos auxilia na sua caracterização como o gênero maravilhoso. Conforme veremos, alguns alunos não produziram um conto do gênero maravilhoso; o estranhamento e a hesitação nítidos nos levam a enquadrá-los como contos do gênero fantástico.

Além disso, há também, sob a luz de Todorov (2010) o esclarecimento sobre o gênero estranho. Como explica o autor “O fantástico leva, pois, uma vida cheia de perigos, e pode se desvanecer a qualquer instante. Ele antes parece se localizar no limite de dois gêneros, o maravilhoso e o estranho, do que ser um gênero autônomo” (Todorov, 2010, p. 48). Desse modo, ele caracteriza esse gênero com acontecimentos que podem ser explicados pela lei da razão, mas que de algum modo são incríveis, extraordinários, chocantes ou insólitos (Todorov, 2010, p. 53); além disso, o autor os atrela às narrativas de horror/terror, que causam medo às personagens, e explica

O estranho realiza, como se vê, uma só das condições do fantástico: a descrição de certas reações, em particular, o medo; está ligado unicamente aos sentimentos das personagens e não a um acontecimento material que desafie a razão (o maravilhoso, pelo contrário, se caracterizará pela existência exclusiva de fatos sobrenaturais, sem implicar a reação que provoquem nas personagens). (TODOROV, 2010, p. 53)

Se abrangermos nas narrativas estranhas os contos de terror ou suspense, com batalhas épicas entre personagens, que no desfecho apresentam tudo isso como num pesadelo, podemos afirmar que um de nossos alunos apresentou um conto estranho, ao qual chamamos de conto de mistério.

O autor afirma serem os contos de fadas uma derivação dos próprios contos maravilhosos, que possuem características específicas, como já citamos, e não se enquadram em momento algum nos contos maravilhosos utilizados nesta pesquisa. Ele argumenta que “o que distingue o conto de fadas é uma certa escritura, não o estatuto do sobrenatural” (TODOROV, 2010, p. 60) e, para ilustrar, exemplifica que o

‘sono de cem anos’³, por exemplo, não provoca qualquer surpresa; ao contrário de ‘Mil e uma noites’⁴ que deveria ser caracterizado antes, como conto maravilhoso e não de fada. No entanto, o autor alerta

O gênero representa precisamente uma estrutura, uma configuração de prioridades literárias, um inventário de possíveis. Mas a pertença de uma obra a um gênero literário nada nos diz ainda sobre seu sentido. Ela permite-nos somente constatar a existência de uma certa regra segundo a qual esta obra – e muitas outras – podem ser julgadas. (TODOROV, 2010, p.150)

O conto maravilhoso é aquele em que o impossível é assumido integralmente por personagens e leitores, num espaço que é parecido com o mundo real do passado, presente ou futuro, mas que apenas nos dá uma ideia de determinada época, pois tem garantida a atemporalidade dentro de sua trama – como nos contos de Colasanti. Todorov ainda afirma que “para delimitar exatamente o maravilhoso puro, convém dele afastar numerosos tipos de narrativa, onde o sobrenatural recebe uma certa justificação” já que nele, ela é desnecessária.

³ Faz-se referência a trama do conto de fadas denominado *A Bela Adormecida*, no qual a personagem principal dorme por cem anos. A versão mais conhecida é de autoria dos Irmãos Grimm, no entanto, a primeira versão a ser publicada em 1634, é a do escritor francês *Charles Perrault* publicada em 1697, no livro *Contos da Mãe Ganso* sob o título de *A Bela Adormecida no Bosque*, que por sua vez também se inspirou no conto de *Basile*.

⁴ Livro de contos populares originários do Médio Oriente e do sul da Ásia, compilados em língua árabe a partir do século IX. No mundo moderno ocidental, a obra passou a ser amplamente conhecida a partir de uma tradução para o francês realizada em 1704 pelo orientalista *Antoine Galland*.

*Ventava de leve na escuridão. Era o mesmo vento que nas
noites de inverno passava cantando entre as ameias do
castelo, sem que o príncipe se detivesse a decifrá-lo. Agora, no
entanto, o ouvia como a uma voz. Saberla ouvir o silêncio das
pedras?*

Marina Colasanti

3 METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DA SEQUÊNCIA DE ATIVIDADE

Neste capítulo, apresentaremos a metodologia utilizada para compor este trabalho, bem como a descrição das atividades desenvolvidas.

3.1 Metodologia

Durante a fase de interpretação de cada conto lido, os alunos foram levados a observar os aspectos que caracterizam o conto maravilhoso. Em conjunto com eles, elaboramos uma grade das características desse gênero (ver anexo 2) que serviria de baliza, para que fossem corrigidas a primeira versão das produções discentes.

Após a fase de leitura e interpretação, passamos a nos dedicar à produção textual composta de escrita e reescrita. Antes desta última, haveria um processo de compartilhamento dos textos entre os alunos, com apoio na grade de características do gênero. Para orientar a reescrita, um exemplo inicial foi desenvolvido coletivamente, com apoio de computador e projetor, e a colaboração dos alunos. O processo de reescrita foi baseado em FRANCHI (2006).

Antes de escrever a versão final, os alunos apresentaram sua produção para a classe. Cada aluno leu e explicou seu conto. Posteriormente, os colegas puderam fazer críticas construtivas quanto a estrutura ou ao enredo do texto e também dar sugestões de melhorias. Várias ideias foram aceitas pelos alunos autores, uma delas, por exemplo, pode ser vislumbrada no conto “A salada” (ver página 111), que a princípio, não possuía nenhuma personagem animal e por sugestão dos alunos foram adicionadas a narrativa a imagem da pomba e da raposa, o que resultou num final surpreendente.

Iniciamos as atividades, como já foi dito, apresentando aos alunos a autora cujos textos seriam trabalhados. Exibimos um vídeo, em sala específica da unidade escolar. Nele, Marina Colasanti destacava suas percepções sobre o conto maravilhosos e dava breves explicações sobre o gênero. Após essa etapa, entregamos aos alunos os três contos a serem trabalhados, com a seguinte orientação: colocá-los em uma pasta juntamente com todas as demais atividades sobre os contos; e trazer essa pasta em todas as aulas de português.

Optamos por realizar o processo de leitura em três etapas, da seguinte forma: a primeira leitura do conto deveria promover o encontro do aluno com a trama do texto,

de forma silenciosa. Cada aluno leu seu texto e ficou aguardando os demais concluírem as respectivas leituras.

A segunda leitura foi feita em voz alta, de forma a dar voz e vida as personagens e ao narrador, com participação dos alunos, cada um deles lendo um trecho ou assumindo um papel – narrador ou personagem.

A terceira e última leitura foi feita pela professora, parágrafo a parágrafo, com pausas para destaques, exposições, indicações, comentários, numa leitura compartilhada.

A cada conto lido, os alunos desenvolviam atividades de pesquisa sobre vocabulário em dicionários físicos ou virtuais. O estudo do texto foi feito por meio de questões propostas pela professora e pelos próprios alunos, gerando debates a respeito do modo como tinham compreendido e interpretado o conto. Essas atividades auxiliaram na construção do sentido global do conto e em sua interpretação.

Após as leituras, passamos para a produção dos textos. Solicitamos aos alunos que criassem um conto maravilhoso que apresentasse pelo menos uma personagem animal, como nos contos lidos. A escrita da primeira versão foi realizada de modo individual. A partir desses textos, escolhemos um deles para a reescrita coletiva. Utilizamos novamente projetor e computador, em vez da lousa. Essa opção foi importante, pois a proposta era reescrever o texto com a colaboração de todos, com a condição de respeitar e manter a ideia principal do aluno autor. O uso desse recurso foi importante, por apresentar a possibilidade de escrever, reescrever, apagar, além de exibir e comparar as diferentes versões.

Terminada essa etapa, agrupamos os alunos em trios e solicitamos que trocassem seus textos para uma leitura prévia. Como já tinha sido elaborada a grade de características do gênero, ela foi o apoio para que os estudantes apresentassem sugestões às produções dos colegas. Após essa fase, os alunos autores elaboraram a segunda e última versão do texto. Ainda assim, pedimos que os alunos compartilhassem seus textos com o restante da turma para ouvir novas sugestões a serem, eventualmente, aproveitadas pelos autores nas versões finais. Concluída essa etapa, passamos à escrita da segunda versão.

Cabe observar que todos os alunos da sala escreveram pelo menos uma versão dos textos e nem todos entregaram à professora as duas versões, especialmente a primeira. Alguns, no entanto, não fizeram a primeira versão, então,

entregaram uma versão única, no momento em que o conjunto da turma se dedicava à reescrita, por isso, apresentamos em alguns casos apenas a segunda versão dos textos, a única entregue à professora.

Para a análise dos textos, elaboramos uma tabela com dez aspectos que foram solicitados aos alunos em sala. Com base nessa tabela, iniciamos a triagem dos textos discentes. Todos os textos discentes autorizados pelos respectivos autores e responsáveis são analisados aqui, conforme veremos mais à frente.

3.2 Descrição da Sequência de Atividades

Como já foi dito, em todos os dias em que ministramos aulas nesta série, elas eram duplas. Logo, a cada tópico trabalhado e descrito abaixo, devem-se considerar duas aulas. Ao todo foram trinta e três aulas duplas (cinquenta e seis no total) dedicadas a esta sequência de atividades que se estenderam dos meses de agosto a dezembro de 2018.

A sequência de atividades aplicada aos alunos seguiu a ordem indicada abaixo:

1. Apresentação da autora - 4 aulas

1.1 Pesquisa sobre a autora na internet e redes sociais (2 aulas)

1.2 Apresentação de vídeo da autora explicando o gênero (2 aulas)

2. Conto “Hora de Comer”, de Marina Colasanti (12 aulas⁵)

2.1 Leitura em três etapas, como já explicitado (1 aula)

2.2. Levantamento de passagens narrativas e descritivas do conto; e também dos verbos e marcadores temporais (1 aula)

2.3. Pesquisa do significado de termos desconhecidos (2 aulas)

⁵ Pode ser observado que para cada conto foi destinado um número diferente de aulas, começando com doze aulas e terminando, no último conto com apenas seis. Isto se deve ao fato de que o primeiro conto necessitou de um tempo maior para que fosse feito o primeiro contato do aluno com a autora e respectivamente o gênero do texto. Essa estranheza, obviamente, ao avançar da leitura e dos contos foi diminuindo. Há também de ser considerado que o findar do ano letivo de 2017 acabou por apressar as duas últimas etapas da sequência de atividades, por isso essa variação de doze para seis aulas.

2.4 Compreensão do conto: atividade em grupos a partir de perguntas motivadoras, seguido de preenchimento de questionário online (6 aulas)

2.5. Análise dos elementos da narrativa no conto (2 aulas)

3. Conto “De Nome Filhote”, de Marina Colasanti (10 aulas)

3.1 Leitura em três etapas e levantamento de passagens narrativas, descritivas e argumentativas; e também dos verbos e marcadores temporais (1 aula)

3.2 Pesquisa do significado de termos desconhecidos (1 aula)

3.3 Dinâmica e apresentação para a classe: discussão em grupos a partir da pergunta “o que conseguimos ver no conto que não está escrito claramente?” (2 aulas)

3.4 Compreensão do conto: atividade em grupos a partir de perguntas motivadoras, seguido de preenchimento de questionário online (6 aulas)

4. Conto “E eram tão pequenas” de Marina Colasanti (6 aulas)

4.1 Leitura em três etapas e levantamento de passagens narrativas, descritivas e argumentativas do conto (2 aulas)

4.3. Pesquisa do significado de termos desconhecidos (2 aulas)

4.4 Compreensão do conto: atividade em grupos a partir de perguntas motivadoras, respostas manuscritas (2 aulas)

5. Produção de conto maravilhoso. (16 aulas)

5.1 Atividade inicial de estímulo à imaginação: perguntas sobre elementos da narrativa - ação, cenário, personagens - aspectos maravilhosos do conto que planejam escrever. (2 aulas)

5.2 Elaboração do rascunho. (2 aulas)

5.3 Escrita da primeira versão com colaboração dos colegas do grupo, por meio de trocas. (2 aulas)

5.4 Reescrita de um conto de aluno – na sala de multimídia. (4 aulas)

5.5 Apresentação da grade de correção produzida em conjunto e, a partir dela, sugestões de reescrita da produção, decorrente da troca do texto com colegas dos grupos, seguindo a grade de correção. (2 aulas)

5.6 Reescrita individual da segunda versão. (4 aulas)

Iniciamos os trabalhos no dia 13 de agosto de 2018. Nas duas primeiras aulas destinadas à aplicação da sequência de atividades, os alunos pesquisaram sobre a autora Marina Colasanti na sala de informática e, posteriormente, na sala de multimídia, assistiram a um vídeo em que a própria autora comenta o gênero maravilhoso.

No dia 14 de agosto, na sala de leitura da escola José Amaro, os alunos iniciaram a primeira aula com a leitura do conto “Hora de Comer”. Todos os contos foram lidos em três etapas, como já foi explicado. Esse tipo de leitura, como já dissemos, tem a finalidade de, primeiramente, dedicar um momento para o aluno se comprazer, construir sentidos e saborear a leitura. Na sequência, a partir dela, é possível preparar o aluno para buscar compreender as palavras desconhecidas e chamar sua atenção para o conflito e para o clímax. A leitura feita pelo professor, com pausas e prosódia cuidadosa, auxilia na revelação e compreensão de elementos que eventualmente tenham passado despercebidos aos alunos. Nesse momento da aula, levamos os alunos a observar as características do gênero, as passagens narrativas e as descritivas, o estilo, a escolha das formas verbais e dos adjetivos, de modo geral, a composição e a linguagem do texto.

No dia 15 de agosto foi estudado o vocabulário do conto “Hora de Comer”. Levamos os alunos ao laboratório de informática para pesquisar as palavras desconhecidas por eles, como bernal, adunco, achas, entre outras. No dia 20 de agosto foi feito o levantamento dos aspectos narrativos do conto, suporte para sua interpretação, além de pertencer ao conteúdo programático do sexto ano.

Tentamos, no dia 21 de agosto, responder ao questionário sobre o texto nos computadores do laboratório de informática da escola, o que, no entanto, foi prejudicado, já que a maioria dos alunos não tinha o *login* de acesso aos computadores e ele é exigido para utilização do mesmo. Por isso, dedicamos essa aula para criar os *logins* de acesso⁶. No dia 22 de agosto, de fato, os alunos começaram a responder às questões em grupos e, apesar de dedicar duas aulas para

⁶ Na rede Estadual de ensino os laboratórios de informática são equipados através do programa ACESSA Escola e, para o primeiro uso, o discente deve cadastrar seu Registro Acadêmico e obter seu e-mail institucional. Para acessar os formulários e facilitar o envio, os alunos usaram contas de e-mail do Gmail. Alguns já possuíam, outros tiveram que fazer esse cadastro para obtenção de um e-mail válido.

essa tarefa, os alunos não conseguiram concluir a atividade, pela dificuldade de usar o teclado e por terem que trabalhar em grupos. A conclusão dessa etapa se deu no dia 11 de setembro, quando concluímos o preenchimento dos formulários.

A leitura do segundo conto, “De nome Filhote”, teve início no dia 18 de setembro, com o mesmo procedimento de leitura anteriormente descrito. No mesmo dia, fizemos a pesquisa das palavras desconhecidas nos dicionários impressos, desta vez. As palavras foram destacadas pelos alunos durante a leitura e depois escritas na lousa por um membro de cada grupo. A professora distribuiu as palavras pré-selecionadas pelos grupos e cada um deles pesquisou duas ou três delas, colocando, novamente na lousa, o seu significado.

No dia 19 de setembro, foi feita a releitura do conto em grupo. Depois dela, perguntamos aos alunos o que eles conseguiam enxergar no texto que não estava explícito, ou seja, que estaria implícito na narrativa. O objetivo da atividade era perceber o alcance da compreensão de leitura dos alunos, motivando-os a realizar discussões e a transpor as percepções individuais para o coletivo.

Essa atividade teve um grau de importância muito significativo, já que, na leitura feita pela professora, nós propositalmente não citamos o aspecto feminista do conto – marco característico de Colasanti. Para os alunos, a questão da libertação da jovem acabou passando despercebida, já que, enquanto pré-adolescentes, ficaram mais entretidos com o fato maravilhoso de um leão ser confundido e criado como cachorro. Mesmo assim, a resposta de um dos grupos foi bastante diferente do que esperávamos, já que esse grupo era composto apenas por meninas: elas conseguiram observar vários aspectos que requeriam certo grau de atenção e letramento. Após a discussão em grupo, eles deveriam apresentar as conclusões e respostas para o restante da sala.

Durantes as apresentações, a resposta desta equipe superou a de todas as outras, a qual trago reproduzida *ipsis litteris*: “professora, nós entendemos que o conto fala da solidão de uma mulher, e que ela queria ter uma criança pra alegrar ela, mas a ama não deixou. Antes, as mulheres não podiam ter filhos sozinha. Aí, ela pediu um bichinho. E a ama deixou ela ter um bichinho. Comprou, mas não sabia que não era um animal qualquer. Como elas não viram que não parecia um cachorro, ‘prô’? E aí, com o filhote a princesa ficou feliz porque ela tinha uma companhia. Mas, ‘prô’, como elas viviam sozinhas, a princesa teve que caçar, mas ela não sabia caçar teve que aprender. O leão ia crescendo e ela também ia crescendo por dentro. E ela aprendeu

a caçar. Mas quando o leão soltou o rugido, ela percebeu que mulher pode fazer o que quiser, não precisa só ficar no castelo, olhando o jardim. Ela podia ir para outros lugares, conhecer o mundo. Só porque a gente é mulher a gente não tem que ficar trancada. Mulher pode fazer o que ela quiser. A gente pode fazer o que a gente quiser.” - disse a porta-voz do grupo.

O grupo citado acima conseguiu determinar que, por trás da solidão da moça, havia uma grande submissão e que esta foi desaparecendo aos poucos, sendo extinguida quando, ao rugir do leão, ela descobre-se Mulher.

Outros grupos não conseguiram chegar a essa observação, assim como outro grupo misto de meninas e meninos não conseguiu compreender que ‘Filhote’ foi o nome dado ao animal. Essa equipe alegou que a moça não tinha dado nome a ele, pois isso não está explícito no texto, é citada apenas que a expressão “Filhote foi o batismo”.

Outro grupo, ainda, não compreendeu o começo da história nem a falta de informações sobre mães e pais, o que resultou em levá-los a acreditar que a jovem tinha sido abandonada, ou estava presa, assim como outras princesas de contos de fadas.

Não temos a pretensão de pormenorizar o porquê da reação diferente de cada grupo, até mesmo porque isso ultrapassaria os objetivos deste trabalho. Cabe-nos, apenas, resgatar que o verdadeiro papel do professor de Língua Portuguesa é proporcionar o letramento de seus alunos: ler e compreender é uma questão primordial para o trabalho docente e para o futuro cidadão que estamos formando. Evidentemente, respeitando o processo de interpretação de cada aluno ou equipe. Assim falam Colomer e Camps

O leitor deve possuir conhecimentos de tipo muito variado para poder abordar com êxito sua leitura. A compreensão do texto é muito determinada por sua capacidade de escolher e de ativar todos os esquemas de conhecimento pertinentes a um texto concreto (Colomer e Camps, 2011, p. 48).

Ao que parece, esses conhecimentos variados citados pelas autoras, juntamente com a capacidade delas de escolher e ativar seus conhecimentos prévios favoreceram o grupo. As alunas conseguiram atingir um nível de leitura que resultou, também, na boa resposta do grupo feminino.

Em outubro, no dia 03, o formulário do conto “De nome Filhote” começou a ser preenchido pelos alunos no laboratório de Informática, mas não foi concluído, pois no

meio da aula, a internet parou. Os alunos, nesse dia, para que o trabalho não fosse todo perdido, acabaram tirando fotos das respostas que, pela falha do sistema, não podiam ser salvas. No dia 16 de outubro continuamos a responder e concluímos no dia 17 de outubro. As atividades citadas estão no Anexo 4.

Começamos em 05 de novembro a ler o conto “E eram tão pequenas” e a leitura seguiu a mesma sequência descrita nos precedentes. No dia 06 de novembro, fizemos o estudo do vocabulário e também uma breve discussão sobre o conto. O dia 07 de novembro estava agendado para respondermos ao questionário no laboratório de informática, o que novamente não foi possível devido a uma queda da internet. Por isso, o último estudo do texto foi feito por escrito, em grupos.

Terminada a apresentação e o estudo dos três contos, partimos para a produção de um conto maravilhoso. Reunimos os grupos, no dia 12 de novembro, e pedimos que eles respondessem a uma ficha que seria como um esqueleto de suas próprias produções. Nessa ficha eles deveriam indicar os elementos da narrativa do seu conto e os aspectos maravilhosos que seriam abordados. No dia 13, iniciamos a produção do rascunho do conto e os alunos que terminavam iam trocando os rascunhos dentro de seus grupos, para que, com a colaboração dos amigos, pudessem enfim escrever a primeira versão.

No dia 14 de novembro, os alunos produziram o conto em primeira versão (Anexo 5). No dia 19, no laboratório multimídia e a partir do conto de um dos alunos, fizemos a reescrita coletiva, com sugestões dos próprios alunos, com mediação da professora.

No dia 20 de novembro, terminamos essa reescrita no laboratório multimídia em uma aula simples. Na aula seguinte, os alunos trocaram informações com os colegas sobre os próprios contos e ouviram as sugestões e críticas recíprocas. Acreditamos que isso foi motivado pela própria atividade de reescrita, já que eles se conscientizaram de como podemos ampliar um texto e, também, como a falta de informações empobrece e dificulta o entendimento do conto.

No dia 21 de novembro, os alunos revisaram, por meio da grade de correção que se encontra nos anexos, os textos dos amigos. A troca dessa vez foi feita entre grupos diferentes e, não mais, no interior da própria equipe. Após receberem a grade e dialogarem com os colegas, no dia 27 de novembro os alunos iniciaram a escrita da segunda versão de seus contos, concluída no dia 28 de novembro. Como se deduz, a produção de reescrita que aqui denominamos segunda versão teve o tempo

comprimido devido ao término das aulas, e por isso, conforme explicamos mais a frente, sugerimos uma nova aplicação para um desenvolvimento da fase da reescrita com maior tempo.

Ao nascer do sol, retomaria a viagem. A mesma viagem, embora atravessando novos lugares e detendo-se um pouco mais adiante. Ele também seria o mesmo homem, embora mudado por mais um dia de vida e uma noite de sono. Tão pouco mudado que ninguém, nem ele, saberia a diferença. E, no entanto, já não exatamente o mesmo. Pediria mais uma história ao fim do dia, para ser semeada em sua memória e afundar raízes. Os frutos, colheria adiante.

Marina Colasanti

4 ANÁLISE DOS CONTOS DE COLASANTI

Marina Colasanti nasceu em Asmara, velha colônia italiana na Eritreia. Chegou ao Brasil em 1948 e passou de artista plástica a jornalista, depois tradutora e também escritora. O primeiro livro de contos publicado foi “Eu, sozinha”, em 1968. “Uma ideia toda azul” (1978) recebeu o prêmio *O Melhor para o Jovem*, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. É uma das mais premiadas escritoras do Brasil, detentora de vários prêmios Jabutis, do Grande Prêmio da Crítica da APCA, de Melhor Livro do ano da Câmara Brasileira do Livro, do prêmio da Biblioteca Nacional para poesia, de dois prêmios latino-americanos. Obteve o terceiro prêmio no Portugal Telecom de Literatura 2011.

Seus escritos, especialmente os contos, têm sido dedicados à categoria infanto-juvenil desde a década de 80 até hoje, mas podem ser apreciados por leitores de idades diversificadas. Para a autora,

Escrever contos maravilhosos é navegar em um rio de única margem, a terceira.⁷ E navegar sem leme, na correnteza. Sem propósitos, sem planejamento, sem querer demonstrar coisa alguma, esquecendo a ironia. É querer muito, ouvir novas histórias na cabeça. E contá-las. (Colasanti, 2015, pág. 422-423)

Colasanti (2015) declara que “seis palavras bastam para costurar um conto fora das margens. Com tão pouco, nos remete a cargas culturais, fala de mistério, diz da consistência do impalpável, e encerra uma viagem no imaginário”. A autora busca economizar palavras e é encantada por “tipos absurdos, que só são absurdos na aparência, pois remetem a sentimentos e vivências profundamente reais. Para ela, a “pluralidade de sua vida transmitiu-se à obra” (COLASANTI, 2015).

Segundo Miguel (2015)

O texto colasantiano é constituído de uma linguagem universal e de temas tão relevantes que falam tanto à mente da criança, quanto do adulto. Devemos ressaltar que a “economia verbal” que, segundo a escritora, é uma marca do seu texto não influi na qualidade de sua obra, pois o uso de palavras ambíguas, dúbias, a constante revisitação e releitura de mitos concedem a sua produção uma viagem pelo acervo literário memorialístico do leitor que, a cada contato com sua produção, se vê diante de um enigma a ser decifrado. A estética de sua produção não é privilégio de um só tipo de destinatário, seja

⁷ A autora se refere aqui ao conto “A terceira margem do rio” publicado no livro *Primeiras histórias*, de João Guimarães Rosa, lançado em 1962. A narrativa breve é uma obra-prima; o enredo gira em torno de um homem que abandona tudo para ir viver, sozinho, em uma canoa, no meio do rio. A terceira margem do rio não existe, só existem duas, ela só é possível na imaginação.

ele criança, adolescente ou adulto, visto que agrada a todos os públicos.
(MIGUEL, 2015, pág. 10)

Como já foi dito, Colasanti possui uma técnica singular e uma capacidade esplêndida de destinar seus textos tanto para crianças quanto para adultos. Ela se apodera de certa simbologia para expressar ações cotidianas que, às vistas de uma criança, são complementares ao seu mundo, mas quando lidas por um adulto são carregadas de significados e metáforas que reafirmam sua autenticidade e grandeza como escritora.

Quanto à economia de palavras, ela é percebida, mas não como falta. É imprescindível ressaltar a capacidade que a autora tem de dar sentido a poucas palavras ou à junção delas. A forma como os verbos são conjugados e como os adjetivos e advérbios são carregados de significados permitem a compreensão de modo abrangente. Observamos isso nos contos que foram aqui estudados, conforme ilustram análises que seguem. Tais contos podem ser apreciados na íntegra no Anexo 1.

4.1 Síntese e análise do conto “Hora de Comer”⁸ de Marina Colasanti

Podemos dizer que o enredo do conto “Hora de Comer” retoma a cadeia alimentar circular na qual o homem se insere. Circular, assim como a maioria das formas da natureza, - o sol, a terra, Marte-, o conto também é redondo, pois começa e termina no mesmo ponto. Ele se inicia por um camundongo escondido num monte de lenhas, levado pela cozinheira para dentro da casa. Aterrorizado com os possíveis perigos lá dentro, traça um plano de fuga até a porta, para que nem o cão adormecido nem o gato aparentemente ausente, muito menos a cozinheira, o avistassem.

Na saída, o narrador o descreve ágil, por meio de verbos no particípio passado, “atravessado e vencido” para enfatizar sua rapidez. Ao se ver livre do perigo, ele sentiu-se como um rei, poderoso e supremo e esqueceu-se de que mesmo lá fora havia perigos. Nesse parágrafo há uma espécie de pausa para reflexão: reis não precisam prestar atenção. A sequência anuncia que o reinado durou pouco, o ratinho foi engolido por uma coruja que voava por ali.

⁸ Os três contos analisados aqui se encontram nos anexos deste.

Nem os reis podem tudo, eles também precisam ficar alertas. Poderíamos considerar uma sugestão sobre os poderosos: apesar de haver muitas histórias sobre reis com finais felizes, os reis podem ser mortos, depostos, traídos e perderem seu trono.

Uma cobra que observava a coruja engolir o pobre rato foi ter com ela. Ela negociou então um belo pedaço de carne que roubara pelo ratinho recém engolido - cobras gostam de coisas vivas. A coruja gulosa aceitou e regurgitou o camundongo que mal viu a luz do dia. A cobra o abocanhou. Apesar de os animais falarem e negociarem como seres humanos (primeiro aspecto maravilhoso), eles diferem daqueles das fábulas. Estes se comportam como seres humanos, pois devem ilustrar uma mensagem moral. Já no conto de Colasanti, eles agem como agiria um animal de sua espécie, na própria natureza.

Além disso, há outro recurso inusitado: quando uma coruja engole um rato, ela não consegue “desengoli-lo” vivo. Aqui isso ocorre, é conto, é fantasia, invenção: segundo aspecto maravilhoso.

A cobra aproveita para descansar após o lanche. Nova alteração no percurso narrativo: um descuido, e a serpente é engolida por um gavião. Após o golpe do gavião sobre a cobra, ele sobrevoa o céu, levando a cobra no bico. Não imagina que espera por ele um caçador que o abate com um tiro. Caído ao chão, o gavião ainda mantém a cobra no bico, a qual trazia o camundongo recém engolido.

O caçador tentava garantir a sua refeição e teve sucesso. Levou sua caça para casa e a colocou em cima da pilha de lenhas. O caçador saiu para buscar água e o camundongo escapuliu vivo da boca da cobra já morta, que se encontrava no bico do gavião: terceiro aspecto maravilhoso.

Aqui apenas um ser humano faz parte do círculo, no caso o caçador. Assim como na história da Chapeuzinho, o caçador é bonzinho e salva as pessoas. Lá, o caçador elimina o lobo mau. Aqui, o caçador elimina o gavião que tem a imagem do que é negativo, do predador, do vilão. O caçador é o bondoso e, ainda que involuntariamente, salva o camundongo.

A cozinheira vai buscar lenha para preparar o gavião e, mais uma vez, no meio da braçada, lá vai o camundongo de novo para dentro da cozinha, para se ver diante dos mesmos perigos enfrentados anteriormente. Dessa forma, a ação do conto se fecha num círculo.

Comparando a estatura dos seres envolvidos nesse círculo, percebe-se que quem sai ganhando é o menor, o mais indefeso: a base da cadeia alimentar. Apesar de não ser forte, ele é esperto. O conto nos mostra que a vida está sempre em movimento. Na vida real, nós recomeçamos todos os dias nossa rotina: acordar cedo, ir para o trabalho ou para escola e, no percurso, enfrentar eventuais obstáculos. A vida é um círculo, inclusive o nascer e o morrer.

Por fim, o camundongo renasce sem ninguém estar olhando e, se não há testemunhas para contradizer é possível inventar. É ficção, mas a ficção se inspirou na realidade, embora aqui os únicos mortos tenham sido os perigosos. Estaria o narrador sugerindo reflexões sobre os seres miúdos e mais fracos? Indicaria ele que esses seres valem muito por sua agilidade e sua coragem? Ou seja: há outros valores, além da força? Esses valores devem ser respeitados pelos leitores? E mais: qual a importância de permanecermos sempre atentos?

4.2 Síntese e análise do conto “De nome Filhote” de Marina Colasanti

O conto narra a história de uma castelã, a protagonista, que vivia sozinha com sua ama. A justificativa para tal solidão decorre do seguinte: as outras mulheres foram levadas pelo casamento, enquanto os homens estavam sempre em viagens devido a caçadas ou guerras.

O enredo caminha sobre uma linha tênue entre o conto maravilhoso e o conto de fadas, sem pousar neste último. O castelo, a ama, a castelã, mulheres destinadas ao casamento, homens em viagens nos remetem a uma época atemporal em que se situam histórias de reis e rainhas e a submissão da mulher era tida como destino e não, escolha. A autora ardilosamente troca princesa, por castelã, já que para esta protagonista o final feliz não seria necessariamente arrematado por um casamento e um ‘viveram felizes para sempre’.

A castelã, fadada ao convívio exclusivo da ama, resolve um dia pedir uma companhia - uma criança. A ama discorda prontamente, alegando que isso traria aos homens da família, em seu retorno, desejos amargos de vingança, já que ela não teria como provar que a criança não era fruto de desonra. Vemos aqui um indício da limitação servil das mulheres. Ainda que se trate de época ‘atemporal”, fica sugerida a crítica ao papel da mulher no contexto social, sobretudo em tempos passados, com resquícios lamentáveis nos dias de hoje.

A jovem implora a ama por outra companhia, um filhote, ideia com a qual ela generosamente concorda. A ama acreditava que, para preencher a grande solidão da jovem, o animal não podia ser um qualquer. Vai então ao porto e adquire um filhote de cachorro de terras distantes, que é batizado por nome Filhote pela castelã. A autora é sutil em denominar o bicho. O nome passa quase imperceptível, não fosse pela palavra batizado e pela mudança de filhote para Filhote, dessa vez com letra maiúscula, tornando-o substantivo próprio.

Ao seguir do conto, a moça é invadida por uma felicidade completa e, à medida que Filhote cresce, as necessidades dele também aumentam. Ele, que era alimentado com leite e pão, agora necessitava de carne e sua fome aumentava cada vez mais. Mais uma vez, vê-se o tópico fome realçado num conto de Colasanti.

O conto anterior nos traz a fome dita como física, um desejo de saciar o corpo. Já neste, a castelã apresenta uma fome de afeto, de carência. E apesar de essa fome ser saciada com a presença de Filhote – que se revela ser um leão -, outra se apresenta: a do próprio animal, de novo a fome física.

Sem ter como abastecer a fome de seu animal, a castelã tem a ideia de ir à caça. Esta decisão provocou grande frustração à moça já que os cabelos longos, o vestido comprido e a falta de habilidade com armas não lhe permitiram sucesso. Para conseguir o que queria - alimentar seu animal - ela então se veste como homem, começa a treinar, acompanhada por Filhote e, com o tempo, se torna grande caçadora.

Neste ponto, o narrador nos coloca a questão do amadurecimento: é inegável o que a presença de Filhote fez pela protagonista. Sua evolução e, posteriormente, sua libertação somente são possíveis graças à presença desse animal.

No entanto, até aqui, a jovem ainda não tinha dado conta de que o cachorro estranho era, na verdade, um leão. O leão para ela era tão diferente que, em dado momento, chega a questionar se ele seria oriundo de reinos distantes. O leitor deduz que a jovem e a ama desconheciam um leão, por isso o tratavam como um cão. Segue-se a descoberta: após uma caça bem-sucedida, Filhote, que estava crescendo, com estranha juba e grandes dentes, emitiu um som diferente que acabou por despertar na jovem o desejo de ultrapassar os muros de seu castelo, de desbravar e conhecer o que seus pés estivessem dispostos a percorrer - o que ela fez, acompanhada de seu Filhote.

O reconhecimento de Filhote como leão também é o estopim para que a jovem rompa as amarras de sua condição. Ela compreende aquele rugido como o despertar do leão e o seu próprio despertar que a alça para terras distantes, sem olhar o que deixa para trás.

Essa narrativa nos faz refletir sobre o papel da mulher, hoje, e o fato de, às vezes, tratarmos como cãezinhos os leões que encontramos. Os aspectos fantásticos nesse conto ficam por conta da própria convivência com o leão e do fato de ele não devorar a jovem ou a ama nos momentos de fome.

Ainda que a proposta de Colasanti seja diversa daquela das fábulas, de modo indireto e simbólico, os animais deste e do conto anterior levam o leitor a refletir sobre as atitudes humanas. A diferença reside no seguinte: em vez do tom moralista, a proposta de respeito e liberdade.

4.3 Síntese e análise do conto “E eram tão pequenas” de Marina Colasanti

Mais uma vez, o leitor vê-se diante de uma narrativa ficcional em equilíbrio entre o real e o maravilhoso. Na vida real, existem enchentes que trazem muitos problemas, como ocorre no conto. No plano maravilhoso, o desenrolar da história passa por eventos inusitados a serem interpretadas simbolicamente. Neste caso, uma invasão de aranhas.

A existência de chuvas de forma exagerada é fato que pode acontecer, mas ele ser precedido de uma invasão de aranhas não é usual. Além disso, a forma como as aranhas tomam a cidade, a macieira, a casa, o cachorro e até algumas pessoas é o aspecto marcadamente fantástico do conto. Também não é comum a forma como os habitantes lidam com a situação, apelando a guerreiros, heróis, mestres na espada para tentar solucionar o problema das aracnídeas.

A necessidade de um herói para a salvação caracteriza o conto maravilhoso, pois esse recurso costuma estar presente nele. Neste caso, o narrador sugere que nem sempre o heroísmo é a solução para os problemas. Aparecem três heróis no conto: o primeiro é um mestre com a espada, mas é soberbo e pretensioso; o segundo surge em dose dupla, são gêmeos, o que demonstra a força e o ‘poder’ duplicados; o terceiro não possui nada de especial, além da sua inteligência.

Cabe observar, de passagem, a frequência do número três nas narrativas desse tipo.

Ao primeiro herói é dado prestígio, ele é chamado e as moças do vilarejo chegam a oferecer seus próprios cabelos para que ele demonstre suas habilidades com a espada. Mas essa habilidade seria mesmo necessária? O que ele poderia fazer, além de passar o dia cortando com lances de sua espada as teias que as aranhas faziam? O problema não seria solucionado por esse herói, seria apenas amenizado. Essa descaracterização é essencial para o leitor interpretar o sentido do conto.

O segundo herói é apresentado de forma duplicada. Com grande força, altura, e coragem, todas em dobro pela presença dos gêmeos. No entanto há também nesse fato um grande equívoco por parte dos aldeões que os chamaram. Qual seria a utilidade deles frente a quantidade das aranhas? Por acaso eles precisariam de tamanha força para esmagá-las? O conto descreve-as minúsculas, quase imperceptíveis. Os heróis duplos não tiveram sucesso. Contudo, nem mesmo os aldeões sabiam do que precisavam para resolver o problema.

O terceiro herói ficou sabendo do caso, não recebeu chamado, surgiu por conta própria, sorrateiramente. Parece ser um homem comum, normal. Todos os aspectos descritivos voltam-se para sua aparência, como se ela fosse necessária para derrotar as aranhas. Esse homem comum usa de estratégia e inteligência para solucionar o problema dos aldeões. Ao contrário dos demais, ele não faz uma entrada triunfal, não se vangloria em nenhum momento. Mostra-se humilde. Seu objetivo é exclusivamente resolver aquele problema. E faz isso usando a fome. Novamente esse elemento reaparece, agora no terceiro conto de Colasanti. Aqui, ela será empregada como recurso de esperteza para resolver um grave problema. É por ela que as aranhas podem ser vencidas, sendo atraídas para comer em local fora do povoado. Enfim, este se livra delas.

O passar do homem pela cidade é bem discreto, tanto que ele leva consigo a moça mais bonita do vilarejo e só depois de algum tempo é que o povo se dá conta. Ele é duplamente esperto, pois consegue solucionar a invasão das aranhas, atraindo-as para fora do povoado e ainda ganha uma companhia para o caminho. Geralmente, nos contos de fada, os heróis ganham a princesa após salvá-las. Neste caso, o pseudo-herói conquista a figura feminina, por ter salvo seu povoado. E, desta vez, a moça não fica com o que mais se parece com o príncipe, ela fica com o sábio.

Apesar de não ser uma fábula, o conto traz uma reflexão implícita sobre valores: mais vale um humilde e sábio do que um forte e belo. Esse conceito nos leva a pensar sobre o valor do conhecimento, a importância de ser humilde e de usar a

inteligência para fazer o bem. Agindo assim, pode-se ter um prêmio. Como o vencedor das aranhas que conquistou o coração da bela jovem.

- Curioso – disse o príncipe -, algum dia, sei lá quando, ouvi uma história semelhante. Não igual a essa, certamente, mas uma história assim, de tesouro à espera. E de cinco ciprestes. Talvez os cinco ciprestes fossem dez, ou então são duas cidades de cinco ciprestes que moram na minha memória. Mas de uma coisa estou seguro, já estive nessas cidades.
- E não estivemos todos? – os olhos amarelos pareciam sorrir. – Não seria a vida de todos nós – e fez um gesto largo com a mão abrangendo os cavaleiros que ouviam atentos – a procura de um tesouro, o raro tesouro da felicidade?
- Mas o tesouro – rebateu um dos cavaleiros – nem todos os encontram a sombra de cinco ciprestes.
- Nem poderiam – a voz do homem era mansa como se estivesse deitado debaixo daquela sombra. – Não são os ciprestes que contam, nessa história, mas a capacidade de reconhecer o lugar onde o tesouro se encontra.

5 PRODUÇÕES DISCENTES – PROCESSO E ANÁLISE

Antes da análise, é preciso fazer alguns esclarecimentos.

Para garantir o sigilo da identidade de nossos alunos, optamos por utilizar, em todas as referências o gênero masculino, ou seja, em todas as menções trataremos o autor ou a autora como o aluno ou o discente.

Apenas trinta, dos trinta e seis alunos, entregaram as produções textuais, ao menos em uma versão. Vinte e uma delas possuíam autorização e são aqui apresentadas. A vigésima primeira produção (discente A29) não foi analisada, por ter sido o exemplo selecionado para o exercício de reescrita coletiva. As produções são identificadas por letras e números: A1, A2 e assim sucessivamente. São comentados apenas os textos que foram autorizados pelo autor e respectivos responsáveis, razão pela qual pode haver lacunas na enumeração. Os textos originais podem ser consultados nos anexos deste.

Antunes (2010) defende que a compreensão global do texto deve ser o ponto de partida e o ponto de chegada de qualquer análise de textos; isso quer dizer que devemos olhar para o texto dos discentes como um todo tentando compreender o que foi dito e por que foi feito daquela forma. Buscamos em cada conto um fio, um eixo condutor que os levou de volta às leituras de origem – que inspiraram suas produções – além de avaliar a competência escritora dos alunos. Esse foi o requisito para analisar os contos dos jovens autores que estão aqui apresentados.

Dessa forma, analisamos as produções, inicialmente, por meio de uma tabela com características estabelecidas por nós, verificando a presença / ausência dos seguintes aspectos:

1. Sequência Narrativa: Introdução / Clímax / Desfecho;
2. Presença de personagens seres humanos;
3. Presença de personagens animais;
4. Localização cronológica atemporal;
5. Localização espacial -cenário anespacial;
6. Presença de elemento maravilhoso;
7. Léxico semelhante ao dos contos lidos;
8. Traços dos contos maravilhosos;
9. Aspectos criativos;
10. Marcas de autoria.

Traçamos essas características levando em conta as competências e habilidades em que o aluno do sexto ano deve ser capaz de atender ao produzir um texto tais como: reconhecer elementos da narrativa (personagem, enredo, tempo, espaço ou foco narrativo); identificar a sequência lógica dos fatos; reconhecer elementos constitutivos da organização interna de um texto; entre outros, além de verificar a compreensão do gênero estudado que foi avaliada pela presença ou ausência das características desse gênero. Também buscamos verificar o nível de leitura dos alunos, observando eventuais retomadas do estilo da autora dos contos lidos, Marina Colasanti.

Assim, podemos organizar as dez características listadas acima em quatro grupos que ficam divididos da seguinte forma: grupo 1 – características 1, 2 e 3 relacionadas à competência de produção de textos narrativos; grupo 2 – características 4, 5 e 6 relacionadas ao gênero conto maravilhoso; grupo 3 – características 7 e 8 relacionadas à capacidade de apreensão de estilo da autora e semelhança com os contos lidos; e por fim, grupo 4 – características 9 e 10 que tratam da criatividade do aluno ao desenvolver um enredo inusitado; e da apresentação de um estilo próprio, ou pelo menos a tentativa de mostrar esse estilo, ainda que de modo superficial, já que se trata de alunos do sexto ano do ensino fundamental – anos finais.

As características enumeradas de um até três tratam exclusivamente de elementos da narrativa do texto, o que fazemos nos apoiando na nova Base Nacional Comum Curricular que em uma de suas habilidades para o sexto e sétimo ano, por exemplo, a EF67LP30 propõe

Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto. (BNCC, 2017, p. 171)

Dessa forma, ao verificar se nos textos de nossos alunos estão contempladas apresentação, clímax, desfecho, personagens, espaço, entre outros, podemos observar se ao final do ano letivo tais habilidades foram ou não alcançadas.

As características quatro, cinco e seis nos auxiliam especificamente a avaliar a compreensão do gênero conto maravilhoso, a escolha pela anespacialidade e pela

atemporalidade e a presença do elemento maravilhoso que é diferente do fantástico, como já discorremos aqui.

Para averiguar a aproximação ao modo de escrita de Colasanti pelos alunos, utilizamos as características sete e oito.

Por último, as características nove e dez revelam se o aluno atingiu o esperado por nós em sua produção e apresentou um estilo próprio e criativo com marcas de autoria.

Para pontuação, estabelecemos como critério a utilização do conceito 1,0 para a característica que foi plenamente atendida; 0,5 para aquelas que foram parcialmente atendidas e consequentemente 0,0 para os itens que não foram atendidos. Segue a Tabela 1 com as avaliações.

Características das Produções Textuais Discentes	A1	A2	A4	A6	A8	A9	A10	A12	A13	A14	A15	A16	A17	A18	A19	A21	A22	A23	A27	A28	Total	Total %
1. Sequência Narrativa: Introdução / Clímax / Desfecho	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	0,5	1,0	0,5	1,0	1,0	1,0	1,0	19,0	95%
2. Presença de personagens seres humanos;	0,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	0,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	0,0	1,0	1,0	17,0	85%
3. Presença de personagens animais;	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	0,0	1,0	1,0	1,0	0,0	0,0	1,0	1,0	1,0	1,0	0,0	1,0	1,0	1,0	16,0	80%
4. Localização cronológica atemporal;	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	0,0	1,0	1,0	1,0	1,0	0,5	0,0	1,0	1,0	1,0	0,5	0,0	0,5	1,0	1,0	15,5	78%
5. Localização espacial -cenário anespacial;	1,0	0,0	1,0	1,0	0,5	0,0	1,0	1,0	1,0	1,0	0,5	1,0	1,0	0,5	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	0,5	16,0	80%
6. Presença do elemento maravilhoso;	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	0,5	0,5	1,0	1,0	1,0	0,5	0,5	1,0	1,0	1,0	0,5	1,0	1,0	1,0	17,5	88%
7. Léxico semelhante ao dos contos lidos;	1,0	1,0	1,0	0,0	1,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,0	0,0	0,0	0,0	0,0	6,0	30%
8. Traços dos contos maravilhosos;	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,0	0,0	0,0	0,0	1,0	0,0	1,0	0,0	0,0	0,0	0,0	8,0	40%
9. Aspectos criativos;	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	0,5	1,0	0,5	1,0	0,5	0,5	0,5	0,0	0,5	0,5	0,5	1,0	1,0	1,0	0,5	14,5	73%
10. Marcas de autoria.	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,0	1,0	0,0	9,5	48%
Total	9,0	9,0	10,0	9,0	9,5	5,0	6,0	6,5	6,5	9,0	4,5	4,0	5,5	6,5	6,5	7,5	4,5	6,5	8,0	6,0		

Tabela 1: Características das Produções Discentes

Observamos na Tabela 1 que das vinte produções analisadas, dezesseis obtiveram pontuação acima de 5,5; ou seja, estão acima da média. Podemos mensurar então que oitenta por cento das produções analisadas assimilaram as propostas da atividade e tiveram resultado positivo.

Especificamente no grupo de características que representam a tipologia narrativa, noventa e cinco por cento dos alunos conseguiram entregar um texto narrativo com sequência de introdução, clímax e desfecho desenvolvidos. Quanto às personagens, oitenta e cinco por cento das produções apresentam personagens humanas enquanto oitenta por cento apresentam personagens animais. Apenas treze das vinte produções mesclam as duas figuras – humana e animal – o que totaliza sessenta e cinco por cento das produções analisadas (em destaque na Tabela 1).

Na sequência, consideramos as características que garantissem a compreensão do gênero conto maravilhoso e nesse critério avaliamos a escolha pela atemporalidade, anespacialidade e presença de pelo menos um elemento maravilhoso nos contos discentes. Por não termos feito em sala de aula a distinção de fantástico e maravilhoso (TODOROV, 2010), consideramos como elemento maravilhoso tudo aquilo que sugere fantasia; que não pode ser explicado racionalmente ou cientificamente; que foge da lógica ou do real. Dessa forma, oitenta e oito por cento dos contos apresentam elementos maravilhosos; oitenta por cento apresenta localização anespacial; e setenta e oito por cento dos contos apresentam localização cronológica atemporal.

No entanto, vamos observar na Tabela 2 que a existência do elemento maravilhoso não garante o gênero maravilhoso. Várias das produções analisadas transitaram entre fantástico, conto de fadas, mito, entre outros, como ilustra a Tabela 2.

Ainda verificamos se os alunos apropriaram-se do estilo Colasantiano e percebemos que trinta por cento dos discentes utilizaram léxico semelhante ao da autora. Quarenta por cento se inspiraram em traços dos contos lidos ou os deixaram de alguma forma registrados em seus próprios contos.

Por fim, analisamos a criatividade e autoria dos contos discentes e em setenta e três por cento deles há marcas de criatividade; com invenção de novas situações, em vez de simples retomada daquelas sugeridas no texto lido. Em quarenta e oito por cento dos textos observamos marcas de autoria que sugerem não só situações novas, mas também um estilo diferente, próprio do aluno autor, como por exemplo no conto intitulado “O passarinho, o ratinho e a cobra” (página 71) na qual o aluno autor produz seu enredo a partir de uma amizade bastante improvável.

Dessa forma, apresentamos agora a classificação quanto ao gênero dos contos discentes analisados:

Gêneros das Produções Discentes		
A1	Conto Maravilhoso	O passarinho, o ratinho e a cobra
A2	Conto Maravilhoso	O patinho silencioso
A4	Conto Fantástico	Apenas um beija flor
A6	Conto Maravilhoso	O anel Mágico
A8	Conto Maravilhoso	A má sorte
A9	Conto Fantástico	A criatura
A10	Conto Maravilhoso	A Maldição da Família J
A12	Conto Maravilhoso	Uma aventura que nada
A13	Conto de Fada	A família do macaco
A14	Conto Maravilhoso	As aventuras de JP
A15	Conto de Fada	Sonhos que podem se realizar
A16	Conto de Fada	O sonho de ser marinheiro
A17	Conto de Aventura	Batalha pela Fênix
A18	Conto Fantástico	A tartaruga e o Pedro
A19	Conto Fantástico	O vizinho mau
A21	Conto Fantástico	O melhor amigo
A22	Conto Mistério	Tudo pelo amor
A23	Conto de Fada	Amizade é tudo
A27	Conto Maravilhoso	A salada
A28	Conto de Mistério	As férias

Tabela 2: Gêneros das produções discentes

Gêneros das Produções Discentes	Quantidade	Total %
Conto Maravilhoso	8	40%
Conto Fantástico	5	25%
Conto de Fada	4	20%
Conto de Mistério (Estranho)	2	10%
Conto de Aventura	1	5%

Tabela 3: Quantidade e percentual dos gêneros das produções discentes

Como podemos observar na Tabela 3, quarenta por cento das produções produzidas são contos maravilhosos. Se considerarmos que há uma tênue linha entre este gênero e o conto fantástico e que isso não foi explorado a fundo na sala de aula, ampliamos para sessenta e cinco por cento as produções discentes que estão dentro do esperado, ou seja, há um desvio de trinta e cinco por cento.

Na sequência, transcrevemos e analisamos as produções individualmente.

Apresentamos, agora, as produções discentes resultantes da aplicação didática. As transcrições foram feitas com fidelidade ao texto original, conforme se

pode conferir nos anexos desta dissertação. É importante ressaltar que a análise do corpus propõe avaliá-las numa perspectiva linguística e estilística.

5.1 Conto do discente A1

Recebemos a primeira e a segunda versão desse conto, apresentadas a seguir:

5.1.1 O passarinho, o ratinho e a cobra - primeira versão

Era uma vez, um passarinho, o ratinho, e uma cobra que resolveram viver em sociedade e, juntos, com grande harmonia governavam a casa. Viveram muito tempo, sem aborrecimentos, fazendo prosperar o patrimônio comum.

A tarefa do passarinho era catar lenha; ao ratinho era baldear a água, acender o fogo e pôr a mesa; enquanto a cobra era a cozinheira.

Certo dia, o passarinho encontrou pelo caminho um outro pássaro. O outro porém chamou-o de tolo, dizendo que enquanto ele fazia o trabalho pesado, os outros dois passavam boa vida em casa, porque após ter baldeado a água e ter acendido o fogo, o ratinho ia descansar em seu quarto até a hora de pôr a mesa. A cobra por sua vez, ficava a olhar que a comida estivesse bem cozida, temperada e salgada. O passarinho chegava com as lenhas, jogava elas no canto e todos iam para mesa. Depois que todos comeu, iam deitar para seus quartos de barriga cheia até a manhã seguinte.

No dia seguinte, depois que o outro pássaro lhe encheu a cabeça, o passarinho não quis mais ir catar lenha na floresta. As coisas deviam mudar.

A cobra ficou encarregada de catar lenha; o rato ficou de cozinheiro e o passarinho passou a baldear água.

A cobra foi lenhar, o passarinho acendeu o fogo e o rato preparou o caldeirão; só aguardavam a volta da cobra com as lenhas do dia seguinte para jantar. Mas ela demorou que os outros já estavam preocupados que o passarinho decidiu ir ao seu encontro. O passarinho viu de longe uma águia que tinha pego pelo caminho a pobre cobra, não teve dúvidas de leva-lá para seu jantar. A águia pediu para cobra se ela aceita fazer um acordo com ela, mas a cobra não aceitou, então o pássaro viu que a águia ia come-lá ele foi distrai-lo, então a cobra foi correndo para casa e o passarinho

foi embora para casa e a águia indo atrás dele e quando o pássaro entrou na casa ele bateu a porta na cara da águia.

Então a cobra foi ver como o rato estava cozinhando e quando ela entrou na cozinha, ele estava na ponta do pé para cair dentro da panela quente. Então a cobra saiu correndo e segurou seu rabo e puxou para traz e desligou o fogão. O rato pegou os pratos, colocou a comida e serviu para todos, e foram dormir para o dia seguinte que será um dia bastante longo.

5.1.2 O passarinho, o ratinho e a cobra - segunda versão

Era uma vez, um passarinho, o ratinho, e uma cobra que resolveram viver em sociedade e, juntos, com grande harmonia, governavam a casa. Viveram muito tempo, sem aborrecimentos, fazendo prosperar o patrimônio comum.

A tarefa do passarinho era catar lenha; ao ratinho era baldear a água, acender o fogo e pôr a mesa; enquanto a cobra era a cozinheira.

Certo dia, o passarinho encontrou pelo caminho um outro pássaro. O outro porém chamou-o de tolo, dizendo que enquanto ele fazia o trabalho pesado, os outros dois passavam boa vida em casa, porque após ter baldeado a água e ter acendido o fogo, o ratinho ia descansar em seu quarto até a hora de pôr a mesa. A cobra, por sua vez, ficava a olhar que a comida estivesse bem cozida, temperada e salgada. O passarinho chegava com as lenhas, jogava elas no canto e todos iam para mesa. Depois que todos comeu, iam deitar para seus quartos de barriga cheia até a manhã seguinte.

No dia seguinte, depois que o outro pássaro lhe encheu a cabeça, o passarinho não quis mais ir catar lenha na floresta. As coisas deviam mudar.

A cobra ficou encarregada de catar lenha; o rato ficou de cozinheiro e o passarinho passou a baldear água.

A cobra foi lenhar, o passarinho acendeu o fogo e o rato preparou o caldeirão; só aguardavam a volta da cobra com as lenhas do dia seguinte para jantar. Mas ela demorou que os outros já estavam preocupados que o passarinho decidiu ir ao seu encontro.

O passarinho viu de longe uma águia que tinha pego pelo caminho a pobre cobra, não teve dúvidas de leva-lá para seu jantar. A águia pediu para cobra se ela aceita fazer um acordo com ela, mas a cobra não aceitou, então o pássaro viu que a

águia ia come-lá ele foi distrai-lo [-la?], então a cobra foi correndo para casa e o passarinho foi embora para casa e a águia indo átras dele e quando o pássaro entrou na casa ele bateu a porta na cara da águia.

Então a cobra foi ver como o rato estava cozinhando e quando ela entrou na cozinha, ele estava na ponta do pé para cair dentro da panela quente. Então a cobra saiu correndo e segurou seu rabo e puxou para traz e desligou o fogão. O rato pegou os pratos, colocou a comida e serviu para todos, e foram dormir para o dia seguinte que será um dia bastante longo.

5. 1. 3 Considerações sobre o conto

O conto apresenta bom desenvolvimento, isto é, introdução, clímax e desfecho nas duas versões analisadas. A inusitada convivência de três personagens inacreditavelmente amigas pode ter sido influenciada pela aparição dessa situação no conto lido “Hora de Comer”. A ausência de personagem humana não impossibilita que o conto seja caracterizado como maravilhoso, pelo contrário, o elemento que o caracteriza é justamente a impensável zooconvivência dos protagonistas da trama.

O aluno autor manteve a anespacialidade e a atemporalidade características dos contos maravilhosos, o que indica uma proximidade com os contos lidos. No começo do texto, observamos que o narrador opta por usar a fórmula frequente no plano do maravilhoso, o tradicional ‘Era uma vez...’.

Outra semelhança com o conto inicialmente lido, é o emprego dos artigos já no primeiro parágrafo: são mesclados o artigo definido para o ratinho e o indefinido para os demais. Isso nos sugere que seria um ratinho particular, específico – provavelmente por influência de “Hora de Comer”.

O conto tem traços próprios das narrativas para crianças, mas apresenta uma discussão importante para os tempos atuais: a necessidade da opinião positiva e da aceitação de outras pessoas para que o “eu” se sinta bem. O texto mostra que, muitas vezes, ouvimos opiniões de estranhos (especialmente quando se trata do mundo *online*) e, por isso, às vezes, tomamos decisões que afetam a vida de todo um lar; como aconteceu com o ratinho, o passarinho e a cobra. Além da harmonia estremecida pela ingenuidade de o passarinho dar atenção ao que pessoas alheias ao convívio pensavam a respeito deles, sua atitude colocou todos em perigo.

Poucas são as mudanças da primeira para a segunda versão. Nota-se, na segunda, a redistribuição de parágrafos. Há, em ambas as produções, uma mescla de linguagem formal e informal. Nos aspectos estilísticos, a primeira e a segunda versões são praticamente idênticas. Talvez fosse necessária uma terceira versão, com mais cuidado à reescrita.

Quanto ao léxico utilizado, a expressão “prosperar o patrimônio comum” remete ao mundo humano; o aluno deve tê-la ouvido ou lido e transferiu para contexto animal, ou seja, apresenta animais compartilhando e comportando-se como seres humanos, o que nos levaria a caracterizar este conto como um texto alegórico, próximo de uma fábula talvez. Não o fazemos, já que os aspectos apontados até agora e a moral implícita (em oposição à das fábulas) nos levam a caracterizá-lo como um conto maravilhoso. A inexistência da moral explícita é uma importante distinção.

A figura da personagem antagonista não chega, aqui, a ser a de um vilão - seja o pássaro malicioso que quer desfazer a cumplicidade do trio ou a águia que agia por extinto natural. Não há, no conto maravilhoso, a exigência da presença de um mago, bruxo ou rainha má para perturbar a paz de princesas e príncipes. Aqui o essencial é a inexistência de fronteiras entre a representação do mundo real e a do universo maravilhoso, ficcional, inventado.

Quanto ao pássaro antagonista não foi relatado o porquê de sua atitude: por que ele teria interpelado o pássaro do trio harmônico? Difícil saber a resposta. Algumas das hipóteses poderiam ser: ele era palpiteiro; tinha inveja do arranjo que estava dando certo; gostava de provocar. O elemento externo ao trio leva essa figura a funcionar como uma espécie de “antagonista”, aquele que se opõe ao herói. Por fim, este pássaro consegue seu intento: interfere no funcionamento do trio. E as tarefas são redistribuídas.

O quarto parágrafo confirma a troca de tarefas. O ‘mas’, indicador de oposição, sugere que, até ali, tudo estaria tranquilo. Deixa de estar, a partir do ‘mas’, em trecho que mostra uma relação de afeto entre os três bichos, caso contrário, ratinho e pássaro não estariam preocupados com a demora da cobra. Ou seja, a intervenção do “outro pássaro” não chegou a desfazer a convivência do grupo, apenas causou, inicialmente, uma confusão pela redistribuição de tarefas. Na verdade, causou o oposto do pretendido: o reforço dos laços de amizade.

No sétimo parágrafo é usado o adjetivo “pobre” que, aqui, é positivo, apesar de dificilmente ser aplicado a qualquer cobra; no entanto, o narrador o utiliza para a cobra

integrante do trio – que, cada vez mais, parece simbolizar uma relação de amizade verdadeira. Embora ele retome a situação que foi ponto de partida no conto, nota-se a introdução desse elemento novo: a amizade entre os três animais, amizade essa pouco provável na vida real. Eis o caráter maravilhoso da narrativa; e, também, um indício de autoria: é criação do aluno: defender a importância da existência de laços de amizade entre os membros tão diversos um do outro.

Após ser salva pelo pássaro, a cobra acaba também salvando o rato. A atitude da cobra remete a três observações: 1ª. amizade do trio; 2ª. solidariedade do gesto; 3ª. noção de que, na vida, os seres precisam uns dos outros, é difícil viver sem o apoio de outras pessoas.

De todo modo, o vínculo entre os três supera duas interferências: a da maledicência do outro pássaro e, no final, o ataque da águia. A solidariedade supera tudo, seria a proposta do aluno autor.

Por fim, o aluno conclui o texto sugerindo um círculo. Assim como no conto já mencionado que, ao expor uma cadeia alimentar, começa e termina no mesmo ponto, o pequeno autor coloca as personagens para dormir (sinônimo de retorno da paz e harmonia) confirmando que, no dia seguinte haveria um dia bastante longo, ou seja, todos estariam de volta a suas respectivas funções. Trata-se de um conto maravilhoso.

5.2 Conto do discente A2

Seguem a primeira e a segunda versão desse conto:

5.2.1 O patinho silencioso - primeira versão

Em uma fazenda havia um pato chamado Freedy, ele era um pato muito diferente, pois não emitia nenhum som. Ele vivia em um seleiro junto com os outros animais; a Sra. Galhieta, os cavalos gêmeos Thomas e Kel e o porquinho que agora é o melhor amigo dele Bacon.

O patinho se comunicava com os amigos deles assim; Para indicar (sim) ele batia as asas uma vez, para (não) ele batia as asas duas vezes.

A dona da fazenda era viúva, era linda e muito meiga, adorava os bichos delas, porém um dia ela não estava se sentindo muito bem, ela estava com uma dor imensa na garganta, então chamou o doutor Alberto, o doutor mais próximo da vizinhança.

Freedy e o Bacon quando viram um outro carro na fazenda correram imediatamente para lá, chegaram em uma janela e como o Bacon era mais alto que o Freedy, ele conseguiu escutar tudo oque o médico e a dona da fazenda conversaram: Tudo oque o Bacon ouvia ele dizia pra Freedy e ele disse pro Freddy:

- Freedy! Freedy! Eles estão falando sobre um remédio e ele é tão bom mais tão bom que ele pode curar qualquer dor ou doença.

- Freedy vamos voltar ele ja está indo embora.

Então eles voltaram pro celeiro e lá eles planejaram como que eles iam pegar o remédio, então quando todo mundo dormiu eles foram lá na casa, entraram pela porta da frente e em silencioso entraram no quarto dela e pegaram o remédio, pro patinho aquela era uma chance de ele voltar a falar, então e o tomou e imediatamente ele caiu no chão.

No dia seguinte ele acordou e todos estavam olhando pra ele, a dona, os cavalos, a galinha, e principalmente o porco. E quando ele tenta fazer barulho um som sai pela sua boca:

- Ronc, Ronc!

5. 2. 2 O patinho silencioso - segunda versão

Em uma fazenda havia um pato chamado Freedy, ele era um pato muito diferente, pois não emitia nenhum som. Ele vivia em um celeiro junto com os outros animais; a Sra Galheta, os cavalos gêmeos Thomas e Kel e o porquinho que agora é o melhor amigo dele Bacon.

O patinho se comunicava com os amigos deles assim; para indicar “sim” ele batia as asas uma vez, para “não” ele batia as asas duas vezes.

A dona da fazenda era viúva, linda e muito meiga, adorava os bichos dela, porém um dia ela não estava se sentindo muito bem, ela estava com uma dor imensa na garganta, então chamou o doutor Alberto, o doutor mais próximo da vizinhança.

Freedy e o Bacon quando viram outro carro na fazenda correram imediatamente para lá, chegaram em uma janela e como o Bacon era mais alto que o

Freedy, ele conseguiu escutar tudo o que o médico e a dona da fazenda conversavam. Tudo o que o Bacon ouvia ele dizia pra Freedy e ele disse:

- Freedy! Freedy! Eles estão falando sobre um remédio e ele é tão bom, mais tão bom que ele pode curar qualquer dor ou doença...

- Freedy vamos voltar, ele já está indo embora.

Então eles voltaram pro celeiro e lá eles planejaram como que eles iam pegar o remédio, então quando todo mundo dormiu eles foram lá na casa, entraram pela porta da frente e em silêncio entraram no quarto dela e pegaram o remédio, pro patinho aquela era uma chance de ele falar, então ele tomou e imediatamente ele caiu no chão.

No dia seguinte ele acordou e todos estavam olhando pra ele, a dona, os cavalos, a galinha, e principalmente o porco. E quando ele tenta fazer barulho, um som sai pela sua boca:

- Ronc, Ronc!

5. 2. 3 Considerações sobre o conto

São poucas as variações de primeira para segunda versão: elas se concentram em ortografia, pontuação e uma ou outra adequação vocabular, em especial alguns verbos. Interessante destacar a compreensão do aluno na mudança do termo “seleiro” para “celeiro”. Ao que parece, da primeira para a segunda versão, ele compreendeu que “seleiro” deve ser usado para indicar o fabricante de selas. Já o local para armazenagem de grãos deve ser grafado “celeiro”.

Os textos – em ambas as versões - iniciam pela apresentação das personagens e do conflito vivido pelo protagonista. As personagens animais possuem nome e a forma como é descrito o ambiente em que vivem, indica um ambiente amistoso e harmônico. O fato de terem nomes contrasta com os contos lidos, já que apenas em um deles, “De nome Filhote”, uma personagem animal tem nome e esse nome passa quase despercebido.

A amizade improvável, no plano da realidade, entre o pato e o porco, e o fato de serem melhores amigos é uma marca de autoria e criatividade do aluno autor, já que em nenhum dos contos lidos aparece tal vínculo. A semelhança mais próxima é a negociação entre cobra e coruja em “Hora de Comer”.

Aqui a comunicação tem um importante papel, tanto que é destacada com ênfase pelo narrador. Apesar de não emitir som algum, o patinho respondia aos demais. Dessa forma, o grupo entendia quando ele concordava ou discordava do que ouvia, usando o bater de asas.

No terceiro parágrafo, o narrador passa a apresentar e introduzir presenças humanas: a dona da fazenda e o médico, Dr. Alberto. Este tem nome; a moça, não. A personagem humana, dona da fazenda, apesar de aparecer pouco, também faz-nos recordar o conto “De nome Filhote”, pelo apreço que tem com seus animais. Dela, sabemos apenas que é viúva, o que justifica a ausência de um companheiro e a vida solitária que o narrador apresenta. Essa solidão pode ser associada à da castelã do conto já citado que, apesar de viver com a ama, sentia-se muito sozinha pela falta de companhia. Provavelmente, a moça tenha sido inspirada na jovem castelã.

No quarto parágrafo, os protagonistas “viram outro carro”, o que nos leva a deduzir que a dona da fazenda tinha o dela. Essa surpresa pode-nos remeter também à confirmação anterior – a solidão da jovem – provavelmente a entrada de carros na fazenda seria evento raro. Os bichos são curiosos, querem ver e ouvir o que acontece. Descubrem a existência de um remédio tão eficaz que é capaz de curar qualquer doença. Temos aqui o elemento fantástico: animais que ouvem (e compreendem) os discursos humanos e se comunicam com seus pares. Comunicação é muito importante para eles. Então, os grandes amigos planejam (planejar é outra característica humana, ou seja, mais um aspecto maravilhoso) e executam o plano de pegar o remédio de dentro da casa da fazendeira.

Não é explicado como os amigos abrem portas ou janelas, entram despercebidos na casa, adentram o quarto da dona, pegam (no sentido literal do verbo) o vidro do remédio, abrem-no e completam o plano. Também não fica claro o episódio posterior, já que o patinho, ao que tudo indica, bebe o remédio no quarto da dona e, no dia seguinte, está rodeado não só pela dona, mas por todos os seus amigos, inclusive os cavalos. É provável que ele não tenha acordado dentro do quarto da moça. Essas lacunas não comprometem o entendimento do conto nem o desfecho. São lapsos que podem ser completados pelo entendimento do leitor.

No último parágrafo, há o despertar do patinho e uma grande quebra na expectativa dos leitores. Sem muitas explicações e dependendo de uma leitura atenta, o aluno autor dá ao patinho não a voz da própria espécie, mas a de seu amigo: “ronc, ronc! ”. Essa inversão na ordem natural dos fatos é mais um exemplo de criatividade

do discente produtor. Podemos até remeter ao modo como Colasanti nos revela o nome de Filhote; ou à indicação implícita de um leão e não, um cachorro (conto “De Nome Filhote”). Contudo, sem dúvida, o aluno assimilou o gênero e conseguiu introduzir o elemento surpresa neste conto.

Por conta do remédio milagroso, a comunicação, agora sonora, é reestabelecida entre os bichos e o pato deixa de ser silencioso. Superação das dificuldades; respeito à deficiência; equidade; amizade entre seres diferentes; as características exibidas nesse conto, assim como nos contos de Colasanti, deixam uma mensagem ética subentendida em suas linhas.

O conto foi classificado como um conto maravilhoso.

5.3 Conto do discente A4

A primeira e a segunda versão são apresentadas a seguir:

5. 3. 1 A emboscada - primeira versão

Em uma cidade bem distante há uma jovem de 17 anos seu desejo é se aventurar, mas sua mãe não deixa, a menina se chama Lorryne ela tem quatro amigos eles se chamam Alice, Victória, Carlos e Vinícius.

Todos os dias os amigos de Lorryne vai para casa dela porque os cinco tem um grupo de estudo. Na escola todos são bem estudiosos, eles sempre andam juntos e todos sabe os segredos um dos outros. Cabe isso que Alice, Victória, Carlos e Vinícius sabe que Lorryne gosta do Kevin.

Na metade do ano, todos da escola foi convidado para uma festa, e os cinco amigos queriam ir mas tinha que pedir para a Marcela mãe da Lorryne:

- Mãe meus amigos querem falar com você!*
- Qual assunto?*
- Vem aqui e vai saber!*
- Fala!*
- Oi Marcela! Eu quero saber se a Lorryne pode ir em uma festa amanhã?*
- Sim. Mais cuida bem da minha filha viu! confio em vocês*
- Obrigado! Tchau!*
- Tchau*

Então o esperado dia chegou, a festa rolando, por acaso ela encontrou o Kevin e começa a dançar com ele

Passando alguns dias os dois marca um encontro perto de um penhasco maravilhoso penhasco, a vista era linda. Kevin com o seu plano em ordem, Lorrayne chega perto do penhasco para ver a vista, Kevin chega por traz e empurra a Lorrayne.

No chão Lorrayne está desacordada, passa alguns minutos e ela cria asas, ela realmente sai viva após a sua queda.

- O que? Lorrayne sobreviveu após eu ter empurrado ela?

Ele sai correndo e nunca mais teve notícia sobre ele. Após várias pesquisas Lorrayne descobre que é uma fada!

Depois dessa descoberta ninguém mais soube de Lorrayne nem sua mãe nem seus amigos.

5.3.2 Apenas um beija-flor – segunda versão

Em uma cidade uma menina queria ir a uma festa, e o menino que ela gostava chamou-a para ir neste evento.

Chegando lá os dois começaram a dançar, passando alguns dias o dois marcam um encontro, perto de um lindo penhasco.

A menina que se chamava Lorrayne, chegou perto do penhasco para ver a vista, porque o lugar era lindo e o menino que se chamava Jhony empurrou-a.

A Lorrayne vira rapidamente um beija-flor, o Jhony sem entender nada saiu correndo, e nesta fuga fez uma breve pergunta:

Lorrayne como você virou um beija-flor?

Eu sou uma pessoa tão boa, que o universo não permite que eu morra, por isso virei um beija-flor!

Vários dias se passaram e Lorrayne, recebe uma notícia, que o Jhony teria sofrido um grave acidente. E que ele já estava na beira da morte.

Como Lorrayne era uma pessoa boa vai ao hospital, e acaba vendo, a morte de Jhony!

Um ano se passa após a morte de Jhony e ninguém mais teve notícia alguma de Lorrayne.

5.3.3 Considerações sobre o conto

O conto apresentado evidencia um amor adolescente platônico que poderia refletir a realidade do narrador. Aqui temos diferenças significativas da primeira para segunda versão.

Na primeira, observamos um distanciamento do conto maravilhoso e uma aproximação do conto de fadas, inclusive, com a presença de uma fada no texto. Além disso, o narrador passa metade da narrativa apresentando amigos que não possuem participação efetiva no conflito nem no desfecho, assim como a introdução do diálogo com a mãe e a suposta festa em que a protagonista dança com o pretendente que vai assumir o papel de vilão.

Depois dos doze primeiros parágrafos, introduzirem a festa e o narrador apresenta um encontro do casal. Nesses últimos cinco parágrafos, o narrador apresenta clímax e desfecho.

O encontro é marcado em um penhasco: qual motivo levaria dois adolescentes para lá? O fato de ficarem sozinhos? Ou o vilão já teria em mente acabar com a vida da garota ali? Este último motiva mais um questionamento: por que ele joga a menina do penhasco? O pequeno narrador não esclarece tais fatos mais sugere que haveria um amor da parte dela não correspondido por ele.

Se compararmos o penhasco à floresta muito presente nos contos de fada ou até ao bosque apresentado no conto “ De nome Filhote”, depreendemos que estes são espaços desconhecidos, amedrontadores, mas também, locais onde o impossível pode acontecer. É interessante a escolha lexical e espacial do autor – um encontro em um penhasco só poderia ser concebido como romântico em uma narrativa ficcional, dificilmente na vida real em um meio urbano.

Durante o encontro, a protagonista desafia o perigo e chega à beira do penhasco para admirar a vista. O narrador declara que Kevin já tinha tudo planejado e aguardava este momento para empurrar a garota; contudo, não fica evidente em nenhum momento, a explicação do porquê dessa atitude.

Interessante é a sobrevivência da garota após a queda: poderia ser esse o aspecto maravilhoso do conto? Acreditamos que sim, não fosse o fato de ela obter asas após a queda e de se tornar uma fada.

No último parágrafo da primeira versão, contrariando o gênero, não ocorre um final feliz; pelo contrário, o final fica em aberto, indicando apenas o sumiço da garota e a falta de informações inclusive de sua mãe e amigos.

Na primeira versão observamos, ainda, localizadores anespaciais e atemporais como no início do texto “*Em uma cidade bem distante há uma jovem de 17 anos seu desejo é se aventurar, mas sua mãe não deixa, a menina se chama Lorrayne [...]*” (grifo nosso) que se assemelham aos contos lidos, e é um recurso narrativo bastante empregado em contos.

Na reescrita, logo no início, observamos a mudança do título. O aluno produtor opta por um título que cause impacto “Apenas um beija-flor” ao invés de “A emboscada”. Essa mudança também nos revela uma alteração na perspectiva do narrador: enquanto, na primeira versão, toda a trama está centrada no romance que não deu certo, na reescrita, há a afirmação de uma mudança como foco (de menina para beija-flor) e a composição do título com o advérbio ‘apenas’ simboliza que a exclusão acaba por valorizar a humildade e a bondade, causas da transformação ao final da segunda versão.

Ainda em se tratando da segunda versão, percebemos que a apresentação costumeira das personagens não foi feita de início. Ela aparece apenas no terceiro parágrafo, contudo o enredo aparenta estar melhor distribuído em apresentação, conflito e clímax; os dez primeiros parágrafos que apenas anunciavam uma festa, não aparecem na reescrita, o que revela que o aluno deve ter percebido a desnecessária presença deles, bem como a das personagens que não tinham função efetiva na trama. A narrativa agora se reduz a nove parágrafos.

O nome da personagem mudou, por algum motivo Kevin se tornou Jhony. Apesar de existirem no Brasil, tais nomes são originários de outros países, o que nos leva a pensar na hipótese de serem inspirados em séries internacionais, muito apreciadas pela juventude.

Nos primeiros parágrafos, observamos que o menino, a princípio, parece corresponder aos sentimentos da garota, uma vez que a convida para ir ao baile com ele – o que representa outra alteração da versão inicial já que, antes, era uma amiga que a convidava para a festa. Festa e baile são quase sinônimos, mas a autora preferiu usar o termo ‘baile’, lembrando os contos de fadas, ou talvez, os bailes de formatura, provavelmente vistos em seriados internacionais. O casal dança e depois há um segundo convite para um encontro, ainda que esse último seja desastroso.

Permanece, na reescrita, a falta de informação sobre a motivação da queda e de como a protagonista ficou sabendo da hospitalização de Jhony. Apesar disso, não há impedimento para a compreensão do texto.

Quanto aos verbos do primeiro parágrafo, o autor opta por deixá-los agora no pretérito, com apenas uma ou outra variação para o presente em trechos como “A Lorrayne vira rapidamente um beija-flor” ao invés de ‘virou’.

Além disso, neste trecho observamos a mudança de fada para beija-flor, o que resulta no distanciamento do conto de fadas e aproximação dos contos lidos, pela adição de um animal. Este elemento maravilhoso do conto motiva o novo título.

Há uma moral subentendida na história que serve de exemplo para os leitores pois a bondade não é apenas citada na trama como causa da sua transformação. Lorrayne, a protagonista, se transforma em beija-flor, devido à imensa bondade que traz consigo. Mas o narrador sente a necessidade de exemplificar esse adjetivo, tornando-o concreto aos olhos do leitor. A boa menina, ao saber que o vilão, mas também seu ex-amor, se encontra hospitalizado, num ímpeto de humanidade, vai até o hospital e fica com ele até a hora de sua morte, o que aqui também pode significar, para o vilão, o perdão pelo seu ato. Para o leitor seria a indicação de que a bondade deve ser comprovada com gestos e não, apenas declarada.

Os protagonistas dos contos maravilhosos não necessitam de finais felizes, diferentemente dos contos de fadas. O narrador mostra que compreendeu este fato, quando termina o conto, dizendo apenas que ninguém mais soube de Lorrayne. Um final simples, direto, que nos leva até a supor uma apropriação da forma como a própria Colasanti conclui alguns de seus contos: ninguém mais soube de Lorrayne.

O léxico utilizado, ao que parece, foi influenciado por leituras prévias para determinar algumas escolhas. Um exemplo é a opção pelo termo universo – que leva a vários outros questionamentos, desde a criação até o fim dos tempos. A concepção da unidade do universo, indica aproximação com os contos de Colasanti, que também devem ter influenciado a diferenciação entre os gêneros do texto.

Sobre os gêneros, seguindo as definições de Todorov (2017), há dúvidas sobre se este conto se enquadraria como conto fantástico ou maravilhoso. Dada a surpresa do garoto ao perceber a transformação da menina em beija-flor, podemos argumentar que a hesitação levaria a enquadrar este conto como fantástico. Por outro lado, é notório o avanço que a reescrita possibilitou a este discente, aproximando a narrativa do modo de narrar da autora estudada. Apesar disso, seguimos Todorov e

classificamos este como um conto fantástico, embora a classificação precisa seja menos importante que o progresso do aluno.

5.4 Conto do discente A6

Segue a segunda versão desse conto, única que foi entregue à professora:

5.4.1 O anel mágico – segunda versão

Três amigos foram acampar para se divertir nas férias

Então os três combinaram que dois iriam pegar galhos para fogueira, e um para ficar montando as barracas, então foi eles fazer as coisas que eles tinham combinado.

Piter e Margo foram buscar galhos, de repente:

Aaaah!

Ouviram um grito, e esse grito era de Jennifer. Correram para ver o que era, chegando lá, um urso queria pegar a Jennifer.

Então Margo pegou um galho grande para bater no urso, mas o urso virou e rugiu para ela, mas Margo com medo saiu correndo.

Até que o urso falou: “Me dá esse anel?” Jennifer respondeu: “Porque?”. “Para que eu possa virar ser humano!” – disse o urso.

Jennifer falou que não adiantava pegar o anel da mão dela para o urso, só ela que podia tirar o anel.

Você pode me emprestar?

Ela disse:

Sim, porque você não falou para mim antes!

Então o urso falou obrigado para a menina, e se transformou em um humano.

O homem ficou tão feliz e contou a história para eles de como virou um urso.

5.4.2 Considerações sobre o conto

Dentre os textos apresentados, este é o primeiro que envolve um objeto mágico. Esse objeto, um anel, poderia ser uma referência à história “O Senhor dos

Anéis”⁹ em que um anel carregado de poderes é fruto da disputa entre o bem e o mal. Previamente, poderíamos também anunciar que o pequeno narrador traça a figura da personagem menina como a moça indefesa e do bem, enquanto o urso – que aparentemente quer devorá-la – seria o vilão da história.

Digo previamente, pois no desenrolar da história, percebemos semelhanças com a personagem Fera – do conto de fadas “A Bela e a Fera”¹⁰. A fera foi transformada e necessitava da bondade e do amor de outra pessoa para voltar a ser homem, assim como a personagem urso dependia do anel, cedido pelo bom sentimento da menina.

Os outros dois amigos que, no início do texto, até tentam salvar a amiga do urso, acabam desaparecendo do diálogo, permanecendo apenas como espectadores. A menina, figura típica do bem, assim que o urso pede o anel e explica-lhe os motivos, entrega-o sem demora. O final feliz é clássico e poderia ser inspirado nos contos lidos já que não aparece explicitamente, como nos contos de fadas, a célebre frase “viveram felizes para sempre”. Mas, de certo modo, o final feliz fica subentendido.

Há também a presença do universo infantil, os três amigos que vão acampar na floresta. O desejo de estar em meio a natureza, conquanto remoto, ainda é vívido no mundo da fantasia. E também elementos do conto de terror, no momento em que o urso surge como ameaça.

Temos aqui vários problemas na construção do texto: concordância, coerência, coesão, pontuação. No segundo parágrafo, por exemplo, vemos o seguinte enunciado “*Então os três combinaram que dois iriam pegar galhos para fogueira, e um para ficar montando as barracas, então foi eles fazer as coisas que eles tinham combinado.*” O mais adequado seria “um iria ficar”, ou “um deles deveria ficar”. Além disso, há falha de concordância da terceira pessoa do plural do verbo ir: “foi” ao invés de “foram”.

Destacamos, ainda, a falta de ponto final no primeiro parágrafo, mas ele está demarcado numericamente. Há problema na forma utilizada para indicar a fala: em certos momentos, o narrador opta por aspas e elas são usadas após dois pontos; na

⁹ O Senhor dos Anéis (The Lord of the Rings, no original) é uma trilogia de livros de alta fantasia escrita pelo escritor britânico J. R. R. Tolkien, entre 1937 e 1949.

¹⁰ No século XVIII surgiu o conto de fadas A Bela e a Fera, em uma publicação anônima de Gabrielle-Suzanne Barbot de Villeneuve, mais conhecida como Madame de Villeneuve, que o publicou em um jornal de contos da época.

vez seguinte, vem o travessão. O discurso direto é uma opção interessante para os contos, contudo, é necessário que se mantenha um padrão.

Este texto traz, assim como nos contos que apresentamos aos alunos, um animal. Os aspectos maravilhosos ficam a cargo do anel mágico, do animal que fala, do homem transformado em urso que depois retorna à forma natural, ou seja, o gênero maravilhoso foi mantido. Os elementos utilizados para composição do espaço podem ter sido aperfeiçoados a partir do conto “E eram tão pequenas” que tem como espaço único uma vila afastada, com várias árvores; ou ainda, as caçadas na floresta descritas pela jovem e por Filhote no conto “De nome Filhote”, o que dá indícios de aspectos de compreensão adquiridos por esse autor após as leituras.

5.5 Conto do discente A8

Segue a segunda versão desse conto, única que foi entregue à professora:

5.5.1 A má sorte – segunda versão

Em um dia de muito sol, em que no final da tarde mudou completamente o tempo, havia uma família muito feliz que através de uma enchente ela foi destruída, mas a fé de Ana uma menina apegada aos pais, obediente, que sabia se virar foi tanta que ela não ficou triste apenas ficou sem abrigo, alimento e sem companhia o que ela adorava.

Por alguns dias, ela foi andando e pedindo ajuda. Alguns ajudaram outros não, ela segue andando e andando, até que encontrou uma mata, onde lá fez amizade com a Coral uma serpente que não se adaptava com qualquer pessoa ou animal, mas com Ana ela se deu super bem tanto que viraram melhores amigas, onde Ana e Coral podiam contar os segredos uma para outra. Coral amava ajudar o próximo então Ana contou sua história:

- Eu perdi meus pais quando deu, uma enchente em minha cidade e nunca mais vi eles.

Coral falou:

- Tive uma ideia que tal voltarmos para a cidade e perguntar se alguém conhece os seus pais?

Ana disse:

- Boa ideia! Vamos encontrar eles logo.

Então lá foi elas à procura dos pais da Ana, quando Ana lembrou que onde elas estavam era a avenida principal da cidade onde onde ela passava para ir a escola, quando Coral disse:

- Tem alguém te chamando! Será que não é sua mãe?

Ana disse:

- É sim!!! Mamãe!

E emocionada correu sem olhar se vinha carro ou não e Coral foi justo quando um carro em forte velocidade atropelou sua melhor amiga, Coral. Ana nunca mais solbe notícias de Coral. E lá seguiu Ana com sua família e amigos felizes com o reencontro.

5.5.2 Considerações sobre o conto

A presença da serpente e da menina na narrativa demonstra que foram atendidas duas características solicitadas: a personagem humana e a animal. A menina que se perde da família, está em busca de companhia, assim como a castelã do conto “De nome Filhote” que também se perdeu da família e está em busca de companhia.

A amizade inusitada, elemento maravilhoso deste conto, resgata a personagem cobra do conto “Hora de Comer”. Lá não podemos defini-la como “amiga”, ela apenas negocia com a coruja para satisfazer seu próprio desejo. Aqui ela age como anjo da guarda para a garotinha perdida. Podemos considerar esse ponto como uma característica de autoria, já que cobras são, geralmente, vilãs.

Além disso, o motivo da perda da família parece inspirado no conto “E eram tão pequenas”, em que as chuvas trouxeram problemas, foram a causa do surgimento de muitas aranhas. Aqui ela também trouxe algo ruim, a separação da menina e seus pais. Contudo, como sempre, o enredo maravilhoso nos mostra que, até nos momentos ruins, podemos aprender e encontrar coisas ou personagens boas: enquanto, no conto original, a população aprende que a inteligência supera a força; na produção discente analisada, a personagem Ana encontra forças na amizade e consegue superar sua tristeza.

O final do conto é trágico, pois não há um final indefinido para a cobra; o leitor não tem certeza sobre o que aconteceu com ela. Quanto a Ana, ela reencontra a

família, os amigos e segue feliz, mas nem sequer chorou ou voltou para Coral. Teria ela sabido do atropelamento? O pequeno autor, aqui, ou não conseguiu se expressar quanto ao fato, ou teve a intenção de deixar um final aberto para a serpente.

Já no início do texto vemos problemas com a pontuação. Isso interfere um pouco na fluência da leitura. Na questão da anespacialidade consideramos que ela foi atendida parcialmente haja vista que a modernidade se faz presente no objeto carro que atropela a cobra e no próprio trânsito. No entanto, o aluno absorveu os conceitos e conseguiu produzir com criatividade e autoria um conto maravilhoso.

5.6 Conto do discente A9

Segue a segunda versão desse conto, única entregue à professora:

5.6.1 A criatura – segunda versão

Era um dia qualquer, caçando para minha esposa para ela preparar o jantar. Quando encontrei uma caverna, era bem longe da minha casa, então decidi corajosamente entrar lá dentro, tinha um monte de insetos estranhos.

Fui mais pra frente até que surgiu uma luz muito forte, era um ser muito estranho, ele tinha cabeça de águia e corpo de leão, fiquei com muito medo e sai correndo de lá de dentro da caverna.

Minha esposa perguntou:

- O que aconteceu? Por que demorou? – respondeu Alex

- Nada não cansei de tanto caçar, - E ele todo apavorado não quis demonstrar o medo pra esposa.

No dia seguinte fui lá de novo e a floresta parecia mais assombrada, não ouvia nem se que nenhum pássaro cantando a caverna estava mais medonha, fui até onde o ser estranho estava, só que dessa vez eu não estava mais correndo, fui chegando mais perto, cada vez mais perto, e eles estavam fazendo barulho esquisito, então fui até ele, e ele se aproximou de mim fiquei completamente parado, e ele me cheirava, mas eu acho que ele estava com fome então sai da caverna e fui caçar um coelho, e quando voltei na caverna eu dei a carne para ele, ele comeu com uma vontade imensa de animal faminto, então voltei para minha casa e fui dormir mas sonhava com ele.

Eu então voltei lá novamente e ele estava contente, alegre, feliz, e percebi que ele era um animal muito fofo, então pensei “acho que vou dar um nome pra ele”, e ele então começou a chamá-lo de Shay o ser estranho.

Começou a ir na caverna todos os dias, “tive uma ideia” para eu não precisar vim aqui todos os dias vou levar ele para minha casa, peguei ele e coloquei dentro da bolsa e fui para casa.

Quando cheguei em casa não deu um minuto e ele já saiu disparado e minha esposa ficou paralisada por um minuto e falou:

- Amor o que está acontecendo – e ele respondeu!

- Calma mor calma quero te apresenta o Shay o ser estranho.

- Me explica o que é isso? Shay, quem é Shay, você é doido nos não podemos ter um animal desses!? Vou ligar pra policia – Alex responde:

- Você não pode ligar pra policia entendeu? Só pode ficar entre nos – Tamires respondeu:

- Sim, disfarçadamente mas, com o pensamento dizendo que ia ligar pra policia sem ele saber.

O Alex foi caçar e quando voltou a policia já tinha levado o Shay. Alex ficou muito bravo com a Tamires e foi atrás de Shay, logo já surgiram nos jornais, nos programas de TV, nas revistas e etc.

O mundo ficou sabendo, e com tanta raiva as pessoas queriam matar Shay mas não sabia que o mundo que Shay tinha uma mãe, e ela estava muito furiosa procurando o pequeno Shay e Shay estava tentando avisar mas as pessoas nem ligava pra ele, ele fazia de tudo pra chamar atenção mas ninguém ligava.

Alex chegou onde Shay estava e entrou na sala de fininho e achou a chave e destrancou a gaiola e tirou Shay de lá, e a mãe de Shay já havia saído ela era gigante, com enorme dentes, cabeça de leão e corpo de águia, já estava atacando a cidade então Alex levou o Shay de volta para sua mãe e ele ficou tão feliz que podia voar de alegria, então Shay teve que se despedir de Alex e Tamires, porque voltou embora com sua mãe.

5.6.2 Considerações sobre o conto

Neste conto, o narrador mescla primeira e terceira pessoa fazendo com que o foco narrativo do texto oscile. Inicia com o narrador personagem e termina com narrador observador. Apesar disso, a compreensão do texto é possível.

No início, fica sugerida a localização atemporal e anespacial, pelo léxico: caça, caverna, entre outros. No entanto, no clímax da trama vemos a esposa sendo chamada de “mo”, linguagem característica informal e atual, além da presença da polícia e de jornais. Esses fatos quebram a verossimilhança interna do conto, uma vez que o homem caça para o jantar, mas há um mundo evoluído ao seu redor.

Lembrando TODOROV (2017), pela hesitação retratada por Alex, pela esposa e pela própria comunidade de modo geral ao avistar uma criatura metade águia e metade leão, o conto produzido se enquadraria no gênero fantástico e não, no maravilhoso. A personagem animal retratada é um grifo, figura mitológica. Segundo o mito, a personagem era um tipo de cão de guarda dos tesouros de deuses como Dionísio, Apolo e até mesmo Zeus. Dessa forma, o aluno deve ter se inspirado no mito e trazido para o conto fantástico.

5.7 Conto do discente A10

Segue a segunda versão desse conto, mais uma vez, a única entregue à professora:

5.7.1 A maldição da família J – segunda versão

Em uma família, havia um ritual e era assim todo mundo daquela família teria que começar com J, porque se alguém tivesse um filho que começa-se com outra letra sem ser J, a família inteira seria amaldiçoada.

Em uma casa morava uma mãe chamada Julia de 34 anos, um pai chamado Julio de 40 anos e uma filha chamada Juliana de 29 anos que ainda morava com seus pais, e estava grávida de um menino, e estava separada de seu marido.

Ela estava dando um nome para o menino, mas como ela não sabia do ritual ela colocou o nome do menino de Felipe.

Então toda sua família foi amaldiçoada, mas para não haver mais maldição, a família inteira, menos a pessoa mais velha, teria que morrer.

No dia em que a menina soube sobre o nome do menino todos ficaram loucos e a moça Juliana não estava entendendo nada, a mãe dela explicou tudo, mas o menino já havia nascido.

A mãe do menino ficou muito nervosa e quase matou o bebê, mas sua melhor amiga não deixou, então ela resolveu pegar o menino para cuidar e a mãe de Felipe aceitou, mas a mãe nunca mais poderia ver o menino.

Mas, como o bebê foi doado, ninguém teve que morrer, mas o coração da mãe do menino ficou partido, mas passou-se alguns anos, Juliana arrumou outro marido e teve outro filho que se chamou João, e depois que tudo aquilo aconteceu, ficou tudo bem. FIM.

5.7.2 Considerações sobre o conto

Aqui temos um clássico final feliz sintetizado com a palavra 'FIM' em maiúsculas ao final do conto.

Obviamente, a maldição da família J foge da proposta, mas ainda é um texto em que o aluno nos mostrou alguns elementos interessantes. A escolha lexical é um deles, já que palavras como "maldição" e "ritual" não habitam a rotina adolescente, a menos que este pequeno autor seja fã desse gênero em filmes e seriados, o que acreditamos ser provável.

A trama nos remete vagamente à entrega de Rapunzel, ainda bebê, à feiticeira, devido ao fato de o pai dela ter roubado rabanetes de seu jardim¹¹. O pai de Rapunzel erra, roubando rabanetes; a mãe da criança erra, ao não batizar a criança com um nome iniciado com J. Dizemos vagamente, pois assim como Colasanti, o jovem autor parece ir e vir entre o conto de fadas e o conto maravilhoso: há aqui apenas indícios

¹¹ O conto de Rapunzel, é uma biografia popular, recolhida pelos Irmãos Grimm e publicado pela primeira vez em 1815. Na história, os pais de Rapunzel não conseguiam ter filhos e, quando isso ocorreu, ficaram muito felizes. A mãe da menina desejou comer os rabanetes do quintal vizinho e o pai, preocupado com a saúde da criança, foi roubá-los. Sendo pego pela feiticeira, dona do jardim, concordou em dar a criança para a bruxa, assim que ela nascesse, e assim foi feito. Rapunzel foi trancada em uma torre e é famosa pelos longos cabelos usados pela feiticeira para subir à torre. Após ser salva por um príncipe, casaram-se e viveram felizes para sempre.

dos contos de fadas, assim como Colasanti quando usa “castelã” em vez de “princesa”.

O texto possui apresentação, clímax e desfecho e está relativamente bem escrito, o leitor consegue fazer uma leitura fluida e sem pausas. Não há localização espacial nem temporal no decorrer do conto, nem sinais que o situem na modernidade. Não há a presença de personagem animal.

Percebemos que o elemento maravilhoso que o aluno autor quis deixar presente é a própria maldição, apesar de não deixar nada descrito sobre ela nem sobre os efeitos dela.

Por tudo isso, acreditamos que este seja um conto inspirado nos contos lidos pelo aluno autor e o caracterizamos como maravilhoso ponderando que ele deve ter sido baseado em contos de fadas.

5.8 Conto do discente A12

Segue a segunda versão desse conto, única entregue à professora, mais uma vez:

5.8.1 Uma aventura que nada! – segunda versão

Isso não é um conto qualquer, e sim um conto diferente e vou contar do começo.

Tudo começou quando eu era pequeno via aqueles aventureiros fazendo coisa que só ele e a equipe dele sabe fazer, e eu sempre dizia:

- Mãe eu quero ser igual a eles.

E esse dia eu esperei, esperei e esperei até esse dia chegar, horas, dias, semanas, meses, anos até chegar o dia que eu quero que chegasse.

Depois de alguns anos:

O meu dia chegou, eu até montei minha própria equipe, e um máximo quer ver, primeiro por mim, eu sou o Phelipe corajoso, e tenho habilidade em espada, Jeferson, super forte mais burro, Carla habilidade com arco e flexa, bonita e por ultimo Gabriel inteligente e nerd, tai as apresentações foi feitas agora vams ao que interessa, a nosso aventura começa em alto mar, ilhas e outros.

- Chefe para onde nós vamos (disse Jeferson)

- Espere até nós chegarmos, falta pouco.
- Chefe, calculei o resultado falta 5km para o nosso destino (disse Gabriel)
- Chefe, ali na frente o que é aquilo (disse Carla)

Olha nossa primeira aventura deve ser fácil.

Tá olhando aquela ilha mais estranha com barcos quebrados e pessoas em ossos, e medo, mais só coragem é o que sobra para nós.

Então entrando na ilha que batizamos “a ilha do medo” nós andamos na areia preste a chegar no mato da floresta e caímos num buraco.

- aaaahhh!!!(disse Gabriel)
- aaaaaahhhh!!!(disse Carla)
- uuuuuhhhhuuu!!!(disse Felipe)
- tchau!!!(disse Jeferson)

Até chegar todo mundo com suas armas apontadas para o inimigo mais derrepente o inimigo era um dragão e eu disse:

- Todo mundo fazendo cara de mau.

Atacamos o dragão contra o nossos ataques com as armas e a gritaria.

Mais veio o problema ele não deixavam nois passar porque ele também gopia fogo, mais não deistia-mos até vencer esse dragão mais não era fácil vencer mais, só dificultava.

Mais derrepente o dragão disse:

- Eu não quero bigar com vocês.
- O que!!! Então o que você quer em troca para nós passarmos (disse

Phelipe)

- Meu nome é Toby é que eu precisava de alguém comigo, amigos (disse Toby)

Daí pra lá aceitamos ser amigos do dragão Toby e eu Phelipe, Carla, Jeferson, Gabriel e o nosso novo recruta Toby, ai a gente i a ilha do medo, de a ilha da aventura, fim do conto, falou!

5.8.2 Considerações sobre o conto

Desde o título, o aluno autor deixa clara a intenção de escrever um conto de aventura. No decorrer da história, acaba misturando-o com um conto maravilhoso, ao introduzir o dragão. Apesar de lutarem, posteriormente o dragão é integrado na equipe

e mostra ser uma personagem animal carente e sozinha. Consideramos a presença de personagens humanas e do dragão, como personagem animal, a fim de avaliar os elementos do texto.

Original a forma como o aluno autor inicia o conto e isso marca bem o seu modo de escrever. Também está delineada a apresentação, o clímax e o desfecho, deixando um final aberto para novas e possíveis aventuras.

Diferente de outros contos lidos, ele opta pelo uso de primeira pessoa, e o mantém até o final. Há também o uso de informalidade, tanto nos diálogos quanto no decorrer do texto. Talvez pela influência da marcação de foco narrativo em primeira pessoa.

Por vezes, o texto fica confuso ou até incompreensível, pela falta de palavras. Pelo contexto, é possível deduzir o que o discente quis expressar, mas a narrativa mereceria uma reescrita cuidadosa, já que se trata da única versão.

De forma geral, entendemos que o elemento maravilhoso está parcialmente atendido, ao passo que pode ser considerado pela amizade de um dragão e do grupo no enredo, mas ao mesmo tempo a simples existência do dragão é um acontecimento fantástico.

Pela inexistência de surpresa ou hesitação pela presença de um dragão na trama, caracterizamos este como um conto maravilhoso.

5.9 Conto do discente A13

Seguem a primeira e a segunda versão:

5.9.1 A família do macaco – primeira versão

Numa floresta bem longe daqui vivia uma família de macacos. Eles viviam muito felizes, havia em uma aldeia, e ela havia muita muvuca e festas.

O pai do menino iria fazer uma festa surpresa, nesse dia estava tudo muito lindo.

Quando todos estavam muito felizes de repente chega uma tempestade muito forte que saiu destruindo tudo pela frente.

Quando a tempestade havia parado as famílias dos macacos estavam todos arrasados, o menino macaco e seu pai e sua mãe haviam perdido tudo.

Depois daquele dia eles decidiram que não dava mais para continuar morando ali, eles não sabiam para onde ir.

Eles viajaram por muitos dias já não tinha mais esperanças. Já estava sem água e sem comida não tinha ninguém que ajudasse. Quando eles pensavam que estava tudo perdido, de repente apareceu um lugar que para eles parecia ser secreto que nunca ninguém tinha visto um lugar tão bonito e alegre para viver feliz, nesse lugar havia um lago mágico que realizava desejos.

Apartir daquele dia eles passaram a viver com músicas e alegria.

5.9.2 A família do macaco – segunda versão

Numa floresta bem longe daqui vivia uma família de macacos. Eles viviam muito felizes, havia em uma aldeia, e nela havia muita música e festas.

O pai do menino ia fazer uma festinha surpresa para ele, nesse dia estava tudo muito lindo.

Quando todos estavam muito felizes de repente chegou uma tempestade muito forte que saiu destruindo tudo pela frente.

Quando a tempestade havia parado as famílias dos macacos estavam todos arrasados, o menino macaco seu pai e sua mãe haviam perdido tudo.

Depois daquele dia eles decidiram que não dava mais para continuar morando ali, eles não sabiam para onde ir.

Eles viajaram por muitos dias já não tinham mais esperanças. Já estavam sem água e sem comida não tinha ninguém que ajudasse. Quando eles pensavam que nunca ninguém tinha visto um lugar tão bonito e alegre para viver feliz, nesse lugar havia um lago mágico que realizava desejos.

A partir daquele dia eles passaram a viver com músicas e alegria.

5.9.3 Considerações sobre o conto

Este é a primeira produção em que não observamos a presença de nenhuma personagem humana. Ela não pode sequer ser subentendida. Todavia, está garantida a presença das personagens animais que são as protagonistas da história e vivenciam um drama familiar.

O gênero que coloca os animais em posições de seres humanos para ensinar-nos algo é a fábula, texto alegórico e curto que termina com uma moral. Mas, na fábula, os animais agem, sentem e falam não por ser um elemento maravilhoso, mas porque representam seres humanos. Seria a intenção do autor deixar uma mensagem de superação e união? Acreditamos que essa hipótese teria valor, se no paraíso encontrado não houvesse um lago milagroso – aqui mais um elemento maravilhoso – que acaba por nos colocar de novo no plano do maravilhoso, contudo, observamos que nos contos de fadas, comum é a realização de desejos, seja por uma fada, uma bruxa, uma pedra preciosa etc. Nessa perspectiva, classificamos este conto como um conto de fadas, já que o conflito da história é resolvido pela magia do lago.

O autor mantém em seu texto a característica anespacial e atemporal, presentes nos textos lidos, mas nenhum outro aspecto é ligado aos contos de Colasanti.

Está bem estruturada a apresentação, o clímax e o desfecho, mantendo o narrador em terceira pessoa. Podemos observar que o discente conseguiu, na reescrita, revisar desvios de concordância verbal e nominal e incluir um trecho ausente no parágrafo inicial. No entanto, ao transcrever seu texto, deixou de copiar uma linha do último parágrafo, o que compromete a compreensão, a menos que se tenha conhecimento da primeira versão.

5.10 Conto do discente A14

Segue a segunda versão desse conto, única entregue à professora:

5.10.1 As aventuras de JP – segunda versão

Certa manhã em uma vila distante, Juliana acordou mais cedo do que de costume para passear na floresta.

Quando chegou na floresta avistou algumas flores perto do riacho e se aproximou, quando viu um reflexo na água olhou para trás viu que era um coelho, já estava ficando tarde ela resolveu voltar, de repente ouviu alguém lhe chamar.

Olhou para trás e viu que era o animal que a chamava assustado pois tinha uma cobra atrás dele, então a menina o levou junto, Juliana começou a chamar de JP.

Depois de alguns dias quando a mãe da menina buscava água no poço, comentou com algumas moradoras da vila sobre JP entre elas estava a mulher de um caçador do qual logo ela foi falar do coelho. O caçador capturou o coelho para vender ao circo e ganhar dinheiro.

Quando o homem foi fechar negócio com o circo JP conseguiu falar com alguns animais no qual o ajudaram, depois de solto fugiu e voltou para a menina.

5.10.2 Considerações sobre o conto

Animais se comunicarem com humanos pode ser considerado um elemento maravilhoso. Aqui, o coelho pede ajuda à menina, pois há uma cobra por perto. Está aqui o aspecto maravilhoso deste pequeno conto.

O autor resgata a personagem da cobra do conto “Hora de Comer”, mas aqui ela é tida como aquela que dá o bote e é temida. O coelho e a menina, em nosso entendimento, são personagens resgatados de “Alice no país das maravilhas”¹², narrativa fantástica pois no final da trama, fica a hipótese de que as aventuras vividas sejam frutos de um sonho. Apesar disso, em nenhum outro aspecto, a trama discente se assemelha com a de Lewis Carroll.

Há presença de anespacialidade e atemporalidade, mas percebe-se uma época passada, dada a necessidade de buscar água no poço. Isso também é percebido na escolha lexical do autor que utiliza “vila distante” em vez de cidade. Esse termo pode ter sido resgatado do conto “E eram tão pequenas”.

Há linearidade temporal, o narrador se mantém em terceira pessoa e a apresentação clímax e desfecho estão organizados de forma a contribuir para o bom entendimento da narrativa.

5.11 Conto do discente A15

Segue a segunda versão desse conto, novamente, a única entregue à professora:

¹² Trata-se do livro As aventuras de Alice no País das Maravilhas escrita por Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido pelo pseudônimo Lewis Carroll e publicado pela primeira vez em 1865. Conta a história da menina Alice que, em sonho, cai na toca de um coelho e passa a viver situações absurdas e fantásticas.

5.11.1 Sonhos que podem se realizar – segunda versão

Em um dia belo e normal naquela cidadezinha, uma garota adorava ir em uma cascata perto de sua casa. Ela ia quase todos os dias, e sempre falava do seu sonho que era ser uma linda sereia com o seu nome Pérola.

No dia seguinte ela volta e senta em uma pedra para admirar a linda paisagem, e ela conta do seu sonho de ser uma linda sereia com seu nome Pérola, derrepente a cascata fala que seu sonho pode se realizar se ela achar um livro que ela lia quando era pequena.

No outro dia, ela acordou bem cedo para tentar achar o livro, pega e fala do nada “Onde pode estar dentro de minha casa”? E ela lembra que tinha um sótão embaixo de sua casa, e corre para lá e lembra do seu baú que só tinha as lembranças de quando ela era mais menor e achou o livro e esperou para ir no outro dia, por que já estava tarde para ir, e sua mãe não ia deixar ela ir.

Chegou o dia que ela tanto esperava, pegou o livro e correu para a linda cascata sentou-se na pedra e leu sua história, e ela virou uma linda sereia com seu nome Pérola e ela disse que nunca ia esquecer esse dia, durante a semana ela fez novos amigos na cascata e ela disse até que queria morar lá e a cascata sempre falava com ela

- cascata: “eu também tenho sonhos e não posso realizar”

- pérola: “porque”?

- cascata: “porque todo mundo tem um sonho para realizar e o meu foi fazer todas as pessoas que viesse aqui ser feliz!”

- pérola: “nossa que legal seu sonho foi ver as pessoas felizes”!

E assim Pérola tornou-se a princesa dos oceanos e foi feliz para sempre.

5.11.2 Considerações sobre o conto

No lugar de uma personagem animal, o autor optou, neste conto, por dar vida a um elemento da natureza. A cascata que realiza desejos poderia ser a figura da fada madrinha ou qualquer outra personagem ou elemento que realize desejos. Já a metamorfose em sereia aponta duas sugestões: fazer uma ligação com a personagem

Ariel do filme *A Pequena Sereia*¹³ ; ou com a personagem mitológica que pode ser chamada também de *Sirena*¹⁴ conhecida por enfeitiçar navegantes com sua bela voz e desviar a atenção deles, afundando as embarcações. Permanecemos com a primeira, que, provavelmente, foi aquela em que o autor se inspirou.

Apesar de iniciar o texto dando pistas de atemporalidade e anespacialidade, ao utilizar termos como “belo dia” e “cidadezinha” o autor se prende à realidade, pois a própria casa era de construção elaborada, a ponto de ter um sótão. E havia perigo (nas ruas) a ponto de a mãe não deixar a personagem filha sair sozinha.

Além disso, o narrador não explica qual é a função do livro na história: por que a fonte precisava ouvir uma história? A história seria uma chave para ativar seus poderes? Há também a insistência no nome Pérola que aparece por três vezes no texto. Seria uma ligação com o mar?

De todo modo, o que podemos analisar é que não há nesse conto semelhança alguma com os outros lidos. Ele se mostra mais próximo de um conto e fadas do que de um conto maravilhoso.

5.12 Conto do discente A16

Seguem a primeira e a segunda versão desse conto:

5.12.1 O sonho de ser marinheiro – primeira versão

Em 1922 nasceu um menino chamado Pedro, de uma família pobre, sua família tinha uma casa pequena e velha.

Pedro tinha um sonho de ser marinheiro quando mas como ele era pobre não tinha como pagar um curso para aprender a pilotar um barco.

Seu pai Felipe, sua mãe Ana, seu irmão João e sua irmã Joana tinham um amigo que trabalhava na marinha, e eles viram bastante amigo e ele falou que quando Pedro completasse 18 anos ele podia indicar o Pedro para marinha mas Pedro tinha

¹³ De autoria de Hans Christian Andersen, o conto que foi adaptado para crianças e ganhou versões para o cinema, conta a história de uma sereia que é a filha mais nova de um rei subaquático. Ao se apaixonar por um humano, a pequena troca a sua identidade marítima por uma alma humana, a fim de viver esse amor.

¹⁴ Sirena ou Sereia é uma figura mitológica presente em diferentes culturas. Seus registros estão sempre ligados ao mar ou aos perigos que ele representa.

que trinar muito para ser um capitão, então Pedro pediu ajuda para ele, e ele disse se Pedro quiser ele pode treinar Pedro, e Pedro aceitou.

Todo dia ele treinava Pedro, e se passou 15 anos e Pedro completou 18 anos.

Pedro tinha um teste na marinha uma semana depois de seu aniversário, então Pedro não comemorou muito o seu aniversário só treinou para o teste.

No dia do teste Pedro tava muito preparado, depois de algumas horas a família de Pedro recebeu uma notícia que Pedro era muito bom e ia começar a trabalhar na semana seguinte.

Se passou uma semana e Pedro muito feliz fez o seu primeiro treino na marinha e se saiu muito bem, depois de alguns anos Pedro estava ficando melhor e seu chefe colocou ele para ser capitão e Pedro ficou muito feliz.

Depois de alguns anos o país entrou em guerra no mar. Pedro como era capitão teve que participar da guerra com sua equipe, o barco de Pedro levou uma bomba e o barco afundou lá em baixo do mar Pedro encontrou um mago e pediu para ele lançar um feitiço para o barco voar e atirar em todos os barcos e eles venceram a guerra.

Pedro e sua família ficaram muito ricos por Pedro ter vencido a guerra e eles viveram felizes até o final de suas vidas.

5.12.2 O sonho de ser marinheiro – segunda versão

Em 1937 nasceu um menino chamado Pedro, ele era magro, tinha cabelo grande e era bonitinho. Ele morava em uma casa pequena e velha, sua família era pobre.

Pedro aos 7 anos tinha um sonho de ser capitão, mas ele não tinha como aprender porque sua família era pobre.

Seu pai Felipe, sua mãe Ana, seu irmão João e sua irmã Joana conheciam uma pessoa trabalhava na marinha, Pedro pediu ajuda para ele e ele aceitou. Todos os dias Pedro treinava.

Quando Pedro completou 18 anos ele não comemorou muito o seu aniversário ele só treinou porque na semana seguinte era o teste dele para ele entrar na marinha.

No dia do teste Pedro estava nervoso, mas ele estava preparado. depois de algumas horas a família de Pedro recebeu a notícia que Pedro era muito bom e tinha passado no teste.

Pedro muito feliz fez o seu primeiro treino na marinha.

Depois de alguns anos Pedro conseguiu realizar seu sonho de ser capitão. Mas o país entrou em guerra com outro país no mar. Pedro sendo capitão pegou seu pequeno e velho barco para ir a guerra.

Na guerra o outro país lançou uma bomba em direção ao barco de Pedro e o barco afundou.

Pedro lá no fundo do mar encontrou um mago e começou a se comunicar com o mago. Ele pediu para o mago lançar um feitiço no barco para voar e atirar as bombas.

E derrepente o barco começa a voar e destruir os outros barcos e Pedro muito feliz vence a guerra.

Pedro por ter vencido a guerra ficou muito famoso e ficou rico, Pedro e a família de Pedro ficaram muito felizes até o final de suas vidas.

5.12.2 Considerações sobre o conto

No conto acima percebemos que apesar de escolher um tempo remoto, distante do seu, o aluno autor, não se inspirou nos contos lidos, deixando marcas de temporalidade no texto. A anespacialidade é vagamente sugerida por elementos lexicais como “de seu país” ou “casa pequena e velha”.

As personagens são todas humanas. O protagonista tem o sonho de ser marinheiro e, auxiliado pela figura de um conhecido, consegue seu intento.

O texto está bem desenvolvido com apresentação, clímax e desfecho. Há uma exceção neste último: temos a impressão que, ao terminar o conto, o aluno percebeu que não havia inserido nenhum elemento maravilhoso e tentou, então, criar um ambiente mágico para que o protagonista vencesse a batalha, por isso, avaliamos essa característica como atendida parcialmente. Dá-nos a impressão de uma extrema falta de verossimilhança já que tais episódios acontecem repentinamente.

Da primeira para a segunda versão vemos mudanças; começando pela data. O autor traz um ano diferente em cada versão, sendo o mais recente, na segunda versão. Além disso, observamos reorganização de parágrafos, inserção de adjetivos e passagens descritivas, substituição de termos como “amigo” por “conhecido”, entre outros.

Há aqui muito pouco dos contos maravilhosos de Colasanti lidos em sala de aula. Pela luta de um ideal, conquista de um sonho e um mago feiticeiro auxiliando com um pelo elemento mágico do final, nós o caracterizamos como um conto de fadas.

Além disso, lamentamos o tom belicista, já que fama e fortuna resultam de destruição e guerra.

5.13 Conto do discente A17

Segue a segunda versão desse conto, única que entregue à professora:

5.13.1 Batalha pela fênix – segunda versão

Em uma dimensão diferente e em um mundo qualquer era feito uma batalha de vida ou morte, onde só um ganhava, não era a emoção que os fazia participar, e sim o prêmio que era o poder da fênix, o poder que era superior aos outros. As pessoas mesmo com medo, participavam, pois enxergavam isso como um desafio com grande prêmio.

Dos muitos que se inscreveram apenas quatro foram escolhidos Zoan, Zeldris, Black e Light dos quatro Black e Light já tinha poderes. Black tinha a magia negra e Light a magia clara.

Quando a batalha começou Black e Light logo se enfrentaram afim de eliminar os mais forte, Zeldris e Zoan formaram uma dupla. Quando Black conseguiu matar seu inimigo já estava muito cansado e aí Zeldres aproveita e mata Black, Zoan chocado com a cena resolve fugir e a partir daí os dois se tornaram inimigos.

Quando ele resolveu ir ao vulcão que ficava no centro da floresta Zeldris estava lá procurando a mesma coisa, os dois tem uma grande luta e aí é revelado que Zeldris tem o poder do assassino e vai logo dando uma facada no coração de Zoan o jogando no vulcão. Em seus últimos suspiros ele encontra o poder que estava logo abaixo dele.

Zoan consegue pegar o poder, nisso ele voa até a borda do vulcão, nesse meio tempo a ferida em seu coração se cura, e então os dois voltam a lutar. Zeldris estava em desvantagem nessa luta, então usa seu poder para ressucitar Light e Black dos mortos e lutar contra Zoan. A luta foi difícil ataques em todos os lados e nos últimos suspiros de Zeldris ele se fundi com os mortos e se joga na lava assim virando um monstro de lava. Foi a luta mais complicada de Zoan, ficou a beira da morte várias

vezes, mas seu poder o curava, até que numa tentativa desesperada ele vira uma fênix e atravessa o coração de Zeldris assim acabando com a batalha.

Quando ele finalmente saiu de lá usou seus poderes para acabar com aquilo, para que não tivesse mais mortes.

5.13.2 Considerações sobre o conto

Neste conto, ao que parece, o aluno autor se inspirou nas personagens das histórias de mangá, quadrinhos japoneses. Eventualmente, também há, no texto, alguns traços de filmes ou seriados de [super] heróis. Tais informações foram coletadas em uma apresentação do conto à turma pelo feita pelo próprio aluno autor. Os protagonistas da épica batalha fazem parte de diferentes histórias que foram reunidas pelo autor. Há ainda a personagem mitológica grega Fênix, cuja lenda alerta sobre um pássaro que, ao morrer, entra em autocombustão e, depois, volta à vida.

Apesar de não estar em consonância com os contos Colasantianos lidos, a criação discente traz personagens humanos e uma figura mitológica que pode ser considerada fantástica. O enredo é muito movimentado e há desenvolvimento com clímax e desfecho, inspirados em batalhas virtuais, como as de videogames.

Podemos dizer que houve opção pela atemporalidade e anespacialidade caracterizados já no primeiro parágrafo, além de poucas marcas de autoria e criatividade, já que as personagens, por exemplo, foram coletadas de histórias acompanhadas pelo aluno.

Diante disso, resta-nos lamentar a hipótese de que os contos de Colasanti, trabalhados em sala de aula, mesmo após inúmeras intervenções, não tenham inspirado esta produção. De todo modo, a prática da escrita deve ser estimada e estimulada na sala de aula e o fato de que o aluno produziu um texto e entregou-o à professora deve ser valorizado.

5.14 Conto do discente A18

Recebemos a primeira e a segunda versão deste conto:

5.14.1 A tartaruga e o Pedro - primeira versão

Um dia Pedro estava andando na calçada, e caiu em um buraco. Sem saber o que fazer foi andando até chegar ao outro lado do mundo. Então Pedro disse:

- onde estou, como vim parar aqui (disse Pedro)

Depois de anos e meses. Até que chega-se aonde queria.

Depois de nem ter chegado na metade do mundo ter encontrado muito peixe, animais até que ela encontrou uma tartaruga marinha e disse:

- Olá meu nome é veloz qual é o seu? (disse veloz)

- Meu nome é Pedro e eu nunca vi uma tartaruga falar

Depois a tartaruga marinha acompanhou o Pedro até chegar no núcleo da terra.

Mas sempre a tartaruga era mais veloz e depois de 15 anos eles chegaram aonde queriam.

E ninguém separou os dois.

5.14.2 A tartaruga e o Pedro – segunda versão

Um dia Pedro estava andando na calçada e caiu em um buraco. Sem saber o que fazer foi andando até chegar ao outro lado do mundo. Então disse:

- Onde estou, como vim parar aqui?

Depois de anos dormindo em lugares muito diferentes. até que chega-se aonde queria.

Depois de nem ter chegado na metade do mundo ter conhecido várias pessoas e lugares, encontrou uma tartaruga que disse:

- Qual é o seu nome? (disse a tartaruga)

- Meu nome é Pedro e o seu? (disse Pedro)

-Veloz.

Pedro estranhou a tartaruga falar. Depois a tartaruga ajudou o Pedro mas a tartaruga era sempre mais rápida. Demorou muito tempo para eles chegar aonde eles queriam. Mas veloz ficou doente, Pedro ficou muito triste mas veloz se recuperou e ninguém mais separou os dois.

5.14.3 Considerações sobre o conto

O conto do aluno 18 apresenta uma introdução atemporal. No entanto o clímax e o desfecho não foram desenvolvidos a contento. Quando o menino Pedro cai num

buraco, imaginamos que ali, naquele espaço, encontraremos o clímax. Mas ele relata a passagem de tempo apenas enquanto busca o centro da terra. Nesse percurso, o narrador cita que o protagonista conheceu muitos peixes e animais (primeira versão) e várias pessoas e lugares (segunda versão). Mas não há nenhum problema ou conflito nessa narração, apenas uma apresentação sequencial de fatos. Ocorre uma sugestão de conflito/clímax, quando o narrador anuncia a doença da tartaruga, fato que é superado pela recuperação da saúde e resulta em um final feliz.

Neste conto há a presença de personagens humanos – Pedro - e de personagem animal – a tartaruga – que aqui fala com o humano, característica que diferencia esta relação daquelas que encontramos nos contos Colasantianos.

Quanto ao elemento maravilhoso do conto, além de um buraco levar ao centro da terra, acreditamos que a amizade com uma tartaruga particularmente veloz, que leva o nome de sua característica, além do fato de ela falar, cumpra esse papel, mesmo destoando, em alguns aspectos, dos contos maravilhosos que estudamos.

Não encontramos aqui léxico semelhante ao conto lido, no entanto é necessário fazer a seguinte observação: no conto “De Nome Filhote”, a protagonista batiza o animal com sua característica, ali o adjetivo se torna substantivo próprio. Mudança semelhante acontece neste texto, já que o adjetivo veloz se torna o nome Veloz, mesmo que o aluno não empregue sempre a letra maiúscula.

Apesar de não definir local, há apontamentos de calçadas e ruas por onde o menino caminhava antes de cair do buraco. Isto pode nos remeter a cenários de cidades comuns, atuais, já que podemos encontrar esse mesmo cenário em nossas próprias cidades hoje em dia, o que compromete a anespacialidade.

Podemos afirmar que o autor foi criativo no fato de somar a viagem ao centro da terra e a personagem tartaruga; no entanto, esses dois elementos já são conhecidos pelos jovens, por meio de filmes; séries. ‘As tartarugas Ninjas’ seriam um exemplo disso. Aqui existe a soma de elementos já conhecidos. Seria um recurso intertextual? Até que ponto haveria criatividade? Ou seria o caso de uma espécie de paráfrase? Parece ser este último caso.

Apesar de encontrarmos poucas marcas de autoria neste conto, diferentemente dos demais, observamos uma mudança maior da primeira para segunda versão. Além de reestruturação de parágrafos, há também correção de erros ortográficos, descarte de períodos desnecessários. Pelos aspectos listados, classificamos este conto como um conto fantástico.

5.15 Conto do discente A19

Segue a segunda versão desse conto, única entregue à professora:

5.15.1 O vizinho mau – segunda versão

Em uma cidade do interior morava uma família querida por todos que morava lá na cidade essa casa morava a mãe, o pai, os dois filhos e os dois animais. Eles viviam em um ambiente de muita paz e também muito familiar, ele tinha um cachorro e uma gatinha chamada princesa e marrom, eles podiam falar mas ninguém acreditava, achava que eles eram loucos.

Certo dia marrom muito brincalão, foi justo brincar com princesa, que era muito chata só não era quando queria.

então marrom falou:

- Princesa, vamos brincar?

Princesa responde:

- Não! Saia daqui marrom

Marrom disse:

- Tá bom

Marrom foi até seu dono João para pedir para sair de casa um pouco, mas como os donos não acreditavam que ele falava então marrom ficou agitado, João viu e soltou Marrom.

Marrom foi fazer suas necessidades justo na plantinha do vizinho, o vizinho cabou vendo e não gostou nada. Pelo resto dos dias marrom foi fazer suas necessidades só naquela plantinha e o vizinho só com raiva não aguentou e perdeu a paciência e decicio matá-lo.

Dias foi se passando e marrom ficou sabendo que o vizinho queria mata-lo, então foi correndo contar para seu dono João:

- João o vizinho quer me matar!

Disse João:

- Nossa você fala mesmo! Não pode ser verdade.

Marrom então falou:

- Sim e verdade mas em fim o vizinho quer me matar!

- fica calmo marrom vou falar com meu pais.

Então João falou tudo para seus pais, seus pais chamaram a polícia e tudo foi resolvido, o vizinho nunca mais perturbou aquela família.

Fim

5.15.2 Considerações sobre o conto

O aluno autor é criativo, ao trazer animais falantes que dialogam com pessoas.

Temos aqui a personagem animal representadas pelo gato e pelo cachorro, além das personagens humanas. Também temos a presença de uma personagem antagonista que, por ter sua 'ordem' perturbada pelo gato, decide matá-lo. Há duas personagens animais, apesar de apenas o gato ter ação significativa.

O espaço é descrito como uma cidade do interior, em um tempo indefinido, isso demonstra anespacialidade e atemporalidade no conto discente apresentado. O enredo apresenta organização, desenvolvimento e desfecho, com o final de feliz concluído com a palavra 'fim'.

Não há semelhança com os contos lidos nem com o animal utilizado como protagonista nem mesmo com o léxico. Os aspectos maravilhosos se resumem ao fato de o gato e o cachorro se comunicarem um com o outro e com os humanos.

5.16 Conto do discente A21

Segue a segunda versão desse conto, única que foi entregue à professora e é apresentada a seguir:

5.16.1 O melhor amigo – segunda versão

Quando eu tinha 10 anos eu ganhei um animalzinho muito fofo, na hora eu batizei de Nevasca porque estava muito frio naquela hora.

Na noite mais fria na minha casa junto com a minha família me elogiando, como eu era forte e bonito, e como o nevasca era fofo.

Mas agora temos que fugir do exército de Sichibukai, a minha vila estava estruída, com ajuda do meus pais consegui fugir, para uma caverna ficando lá por 8 anos.

Até que eles nos encontraram, prendendo nós dois, o Sichibukai veio até mim para conversar.

- Sichibukai=Qual é o seu nome?

- Desconhecido=Mael.

Depois de ter uma conversa começaram uma guerra contra Sichibukai, que era a vila do fogo.

E a vila do fogo estava ganhando, o Mael e Nevasca fugiram de lá e foi ajudar a vila do fogo.

Mas o Sichibukai tinha um exército de dragões, com isso a vila do fogo estava perdendo.

Mas quando o Nevasca rugi, aparece um exército de dragão de todas as espécie.

Com isso conseguiram ganhar e libertar os prisioneiros e Mael e Nevasca se uniram com a vila do fogo.

5.16.2 Considerações sobre o conto

Numa leitura superficial, este conto pode parecer sem sentido, mas em uma segunda leitura, percebemos que o aluno autor se confundiu no uso do narrador e, num determinado momento, passa a usar a terceira pessoa para designar a personagem Mael, que no começo era o narrador personagem. Essa mudança de foco narrativo acontece após o uso da fala, o que dá a entender que o autor aluno se esqueceu de voltar a usar a primeira pessoa após o diálogo. Além disso, em casos em que o aluno não rascunha e não reescreve o texto, e, muito provavelmente, o entrega à professora sem ler, é comum que haja esse tipo de variação.

O aluno autor tenta iniciar a história contando a infância, fato que narra em primeira pessoa, e já garante o atendimento de ter pelo menos uma personagem animal no conto. Também garante a protagonismo da personagem humana que ora é narrador personagem, ora é a personagem Mael.

O enredo retoma vocabulário dos textos lidos: “vila”, por exemplo está no conto “Hora de Comer”. Há também a indefinição quanto ao Nevasca no início do conto que, depois, com um rugido, acaba convocando seus pares para a guerra contra o Sichibukai, termo resgatado do universo de mangá e animes. O conflito inserido na trama é típico do universo de animes e games juvenis.

Como nos demais contos vistos aqui, o desfecho apresenta a resolução de todo o conflito, a vitória do bem sobre o mal e a felicidade dos protagonistas. O maravilhoso ficou por conta da personagem Nevasca que se revela um dragão e acaba ajudando o protagonista, assim como o leão ajuda a castelã em “De nome Filhote”.

5.17 Conto do discente A22

Recebemos a primeira e a segunda versões deste conto, conforme observamos abaixo:

5.17.1 O amor de Pedro e Amanda – primeira versão

Era 1980, um ano onde nasceram duas pessoas especiais um menino chamado Pedro e uma menina chamada Amanda.

Se passaram alguns anos e os dois cresceram, eram pobres, mas felizes, então seus pais vendiam coisas na feira. A barraca de Pedro ficava do lado da barraca de Amanda, então os dois se conheceram, a cada dia ficavam mais amigos.

Quando os dois fizeram 18 anos seus pais já permitiram eles para namorar, então os dois namoraram.

Não demorou muito para um homem rico chamado Felipe admirar a lindeza de Amanda e estragar com o belo casal de namorados.

A família de Amanda estava muito pobre, então ela terminou com o Pedro e ficou com Felipe.

Quando ela deu o primeiro beijo em Felipe, começou a ver uma menina bem pequena e resolveu não contar para Felipe. Pedro não deixava Felipe queito, então ele contratou uma bela moça para dar em cima de Pedro, e ele achou que Amanda não gostava mais dele então ficou com a moça chamada Eduarda, quando os dois deram um beijo Pedro também viu a mesma menina que Amanda.

Amanda falava para Felipe para eles se casarem, ele nem se importou, também nem gostava dela, só de seu ao trabalho e de sua fortuna de dinheiro, mas aceitou porque a moça era bonita.

O papo do casamento rolou por toda a cidade até chegar a Pedro. E ele viu a menina denovo, e ela falou para ele fazer uma coisa urgente, mas ele pensando que Amanda estava feliz, e não fez nada. Depois a menina chegou na Amanda e falou

para ela não se casar com Felipe, pois quem à ama de verdade é Pedro, ela fingiu que não escutou, mas pensou quem poderia ser essa menina.

Um dia antes do casamento Felipe foi trabalhar em seu prédio, horas depois ladrões invadiram o local, a procura de dinheiro e atiraram em Felipe, mas a polícia chegou antes que os ladrões roubassem o dinheiro dele, mas não deu para Felipe sobreviver.

Como ele não tinha nenhum familiar toda fortuna ficou com sua futura esposa, Amanda, que diretamente foi na casa de Pedro e com todo seu dinheiro fizeram um casamento, e tiveram uma filha que era a menina que eles viam sempre.

5.17.2 Tudo pelo amor – segunda versão

Era 1980, um ano onde nasceram duas pessoas especiais um menino chamado Pedro e uma menina chamada Amanda.

Se passaram alguns anos e os dois cresceram, eram pobres, mas felizes, então seus pais vendiam coisas na feira. A barraca de Pedro ficava do lado da barraca de Amanda, então os dois se conheceram, e a cada dia ficavam mais amigos.

Quando os dois fizeram 18 anos seus pais já permitiram eles para namorar, então os dois começaram a namorar.

Não demorou muito para um homem rico e muito dedicado ao trabalho, admirar a lindeza de Amanda e como ele era muito rico e sua família estava com muitas dificuldades, Amanda se separou de Pedro e ficou com Felipe, e o pior é que Amanda não gostava dele.

Quando ela deu o seu primeiro em Felipe, ela começou a ver uma bela menina que nunca à viu antes, parecia uma pessoa real, mas não era, e a menina falou “oi meu nome é Fernanda, por favor fique com Pedro o seu grande amor”. E Amanda fingiu que não escutou.

Depois Fernanda foi até a casa de Pedro falou a mesma coisa que disse para Amanda “oi meu nome é Fernanda”. E ele pensou que estava louco e também falou para ele tentar fazer alguma coisa disse a menina, até que Pedro mudou de ideia e percebeu que não estava louco mas pensando que Amanda gostava realmente de Felipe e falou “Eu não posso fazer nada”. E triste a menina foi embora.

Um dia Felipe foi trabalhar em seu prédio e se despediu de Amanda “tchau amor” (disse ele), e quando chegou em seu trabalho e abriu a porta, ladrões lhe

ameaçaram dentro de seu prédio e falaram pra ele “de todo o dinheiro que você tem aqui”. Felipe como amava seu dinheiro não deu e os ladrões atiraram nele até a morte e como ele não tinha nenhum familiar toda sua riqueza ficou para Amanda.

Como ela soube da notícia ficou muito triste, mas trouxe dinheiro para sua casa e se casou com seu grande amor de verdade, Pedro.

Dias, semanas, meses e anos se passaram até que Amanda dá a luz a um bebê era uma linda menina se parecia muito com a menina que eles viram então colocaram o nome dela de Fernanda e quando a bela menina cresceu mais perceberam que era, sim, a Fernanda que eles viram, e viveram felizes até o resto de suas vidas.

5.17.3 Considerações sobre o conto

O conto que, no princípio tem o título de “O amor de Pedro e Amanda”, ganha um novo enfoque na segunda versão: “Tudo pelo amor”. Nesse novo título podemos envolver não apenas o amor do casal protagonista, mas também o amor ao dinheiro que leva Felipe à morte e o amor filial de Fernanda, futura filha dos namorados que faz várias tentativas de juntá-los.

Não há a presença de uma personagem animal nem vemos uma ligação com os contos de Colasanti que foram trabalhados nesta sequência de atividades. No entanto, há uma trama bem estruturada, com ideias criativas, que pode ser baseada em uma história que o autor tenha lido ou à qual tinha assistido, mas que consegue ser desenvolvida de modo a interessar leitores iniciantes. Há vários desvios da norma padrão.

Vemos que, da primeira para a segunda versão, o aluno faz preenchimentos no texto, não apenas de palavras, mas também de parágrafos e informações que evidenciam e esclarecem fatos. Um exemplo disso é a família de Amanda passar por dificuldades justamente no momento em que a moça conhece o rapaz rico, informação descrita apenas no segundo texto.

Perde-se a atemporalidade: uma data é indicada já no início do primeiro parágrafo, pois ambos os protagonistas nasceram em 1980, sendo omitido apenas o local. Essas informações, apesar de distanciarem este conto da proposta original, servem para elucidar que se trata de um gênero diferente do conto maravilhoso e, apesar do pequeno autor acreditar ter inserido em seu texto um aspecto maravilhoso,

- a aparição da menina-, ele acabou por enquadrá-lo em outro gênero, como já dito acima. Consideramos o texto um conto fantástico, já que mescla épocas distanciadas no tempo, assim como uma espécie de intervenção sobrenatural.

5.18 Conto do discente A23

Segue a segunda versão desse conto, única que foi entregue à professora e é apresentada a seguir:

5.18.1 Amizade é tudo – segunda versão

Em um belo dia um grupo de tamanduás brincavam todos felizes, mas havia um problema entre eles. Um dos tamanduás era diferente, ele não comia formigas, e por esse motivo Billy sofria bullying de seus colegas tamanduás.

Certa manhã Billy, já cansado de ser zuado, saiu andando em direção ao lago, quando trombou com duas formigas, uma chamada Tico e outra chamada Teca que logo perceberam a tristeza no olhar de Billy, então Tico foi conversar com ele e o convidou para almoçar no formigueiro. Quando Billy chegou lá, todas as formigas correram dele, mas aí o tamanduá anunciou que não comia formigas, o formigueiro todo ficou assustado, mas com o tempo foram acostumando com a ideia de ter um amigo tamanduá.

Billy criou uma amizade muito forte com tico e Teca. Certo dia, quando os três estavam brincando, Billy decidiu se abrir e contar seu grande sonho a Tico e Teca, O sonho de Billy era se tornar uma formiga como suas amigas. Tico e Teca tiveram a mesma ideia, de contar sobre a lenda do lago, que realizava desejos, o tamanduá super alegre, correu até o lago, fez seu desejo e tomou um gole da água.

Horas depois, a grande surpresa! Billy tinha realizado seu desejo Tico e Teca choraram de emoção por ver seu amigo tão feliz, e Billy tão feliz pois sabia que não seria mais rejeitado e que ele tinha uma nova família de formigas, que o amava mais do que sua família de sangue.

5.18.2 Considerações sobre o conto

Aqui, vemos a ausência da personagem humana, presente nos demais contos analisados. Além disso, apesar de o início do texto caracterizar atemporalidade e anespacialidade, palavras como “bullying” acabam evidenciando um problema não exclusivamente atual, mas que foi denominado desta maneira recentemente.

Aqui podemos levantar várias hipóteses, desde que o autor/narrador sofra esse tipo de problema e use o texto para expressar esse sentimento; ou que ele manifesta um problema que temos visto com frequência na sala de aula e que tem sido queixa de vários professores e até mesmo dos pais. Se for isso, o efeito positivo é que o autor conseguiu demonstrar por meio do texto seus sentimentos, críticas ou angústias. De acordo com o texto, ele acredita que deva mudar para ser querido ou, ainda, ter a coragem de buscar novo tipo de amigos.

O enredo é condensado em quatro parágrafos e traz a apresentação do problema e o conflito, já no primeiro deles. No segundo passa a desenvolver e vem no terceiro o clímax da história. O quarto e último parágrafo traz o desfecho e a certeza de felicidade pela aceitação da mudança.

Os aspectos maravilhosos que envolvem o conto, além da amizade entre um tamanduá e duas formigas, podem ser vistos, também, no lago que realizou o desejo do tamanduá ao transformá-lo em formiga. Classificamos assim, este, como um conto maravilhoso.

5.19 Conto do discente A27

Segue a segunda versão desse conto, única que foi entregue à professora e é apresentada a seguir:

5.19.1 A salada – segunda versão

Havia uma fazenda, e nesta fazenda havia dois canteiros de alface e de cenouras.

O canteiro de alfaces era do fazendeiro, e o das cenouras era da fazendeira. Eles viviam sempre brigando e competindo, para ver qual era o melhor.

Todos os dias, a pomba branca sentava sobre a cerca e ouvia as lamúrias e ofensas dos alfaces do canteiro da direita e as cenouras do canteiro à esquerda.

A pomba, toda da paz, sempre tentava apaziguar as coisas: tentava mostrar para aqueles vegetais que ambos eram importantes.

Mas também havia uma raposa muito intriguente, que adorava causar mais discórdia ainda.

Um dia, foi anunciado um concurso para aquela vizinhança, para o melhor prato, que seria premiado.

Então, logo começaram os preparativos, e também as brigas, para decidir qual prato farião. O fazendeiro só fazia alfaces e a fazendeira só cenouras. E assim foi, eles levaram no concurso, cada um com o seu.

A raposa, que só estava de olho, viu que os pratos estavam sozinhos, então foi fazer uma de suas bagunças, a raposa foi lá e misturou as cenouras e os alfaces, e saiu sorrateiramente, como se nada tivesse acontecido.

Na hora da votação, quando os jurados foram votar, o fazendeiro e a fazendeira viram que seus pratos estavam misturados, mas não tiveram o que fazer, por isso ficaram quietos.

Então quando os jurados foram provar, todos ficaram tensos, nervosos, esperando o resultado. E a rapos só esfregando uma mão na outra. Quando os jurados anunciaram... Que o fazendeiro e a fazendeira, tinham ganhado. Eles ficaram felizes, e provaram, e também viram que era realmente bom, e que se completavam. E assim eles pararam com as brigasse a rivalidade entre todos eles, e deram o nome de “Salada”.

5.19.2 Considerações sobre o conto

Criatividade e autoria são evidentes neste conto discente. Contar a história do nome de uma comida mostrou que o pequeno autor colocou em cena sua imaginação.

Temos aqui a presença de personagens humanas e animais. Também a classe dos vegetais é caracterizada como personagem nesse conto. Aqui temos figuras interessantes: o fazendeiro e a fazendeira dividem a mesma horta, separados por canteiros e vegetais diferentes; seriam eles marido e mulher? Dois irmãos? Parentes? Isso não fica claro. A pomba é uma personagem emblemática que permite até que o narrador use um tom humorístico ao descrevê-la no início do terceiro parágrafo, e essa figura tenta estabelecer a paz entre os vegetais, sem sucesso.

A raposa, sempre tida como esperta, é aqui também colocada nessa posição; é ela quem acaba favorecendo o casal e mostrando, involuntariamente, que, juntos, os pratos dos fazendeiros seriam melhores que separadamente, mesmo que a intenção dos autores e da raposa não fosse exatamente esta.

Nem raposa nem pomba nem fazendeiro nem horta são elementos resgatados dos contos lidos, mas observamos a presença de um enredo que atrai leitores.

Temos garantidas a anespacialidade e a atemporalidade, com marcações de espaços que detalham apenas uma fazenda, um ambiente rural e amistoso. Os elementos maravilhosos ficam por conta das discussões entre alface e cenoura, das tentativas de manutenção da paz pela pomba e, por fim, da tentativa frustrada de arruinar com o concurso pela raposa; ou seja, animais e vegetais conversam e raciocinam como humanos.

5.20 Conto do discente A28

Segue a segunda versão deste conto, única que foi entregue à professora:

5.20.1 As Férias – segunda versão

Era uma vez, quatro amigos que foram passar as férias juntas , bom um menino chamado Douglas era “riquinho” então ele alugou uma mansão para eles passar as férias, bem essa mansão era no meio do mato, e tinha uma lagoa lá perto, bom eles chegaram nessa mansão e se passaram uma semana que eles curtiram, então chegou um dia que a menina Alice corajosa foi pra lagoa, nessa lagoa tinha um homem muito estranho, então ela correu mais o moço era rápido e conseguiu pegar Alice.

- Ahhhhh (gritou Alice)

Então os amigos ouviram e correram pra ver o que tinha acontecido, mais quando os amigos chegaram lá não tinha mais ninguém, eles tentaram achar rastros mais não tinha nada, então a Marcela teve uma grande ideia ligou para a polícia.

- Alo?

- Alo aqui e a polícia

- Ocorreu um caso aqui na mansão 678 na Rua perrina Amargo

- estou a caminho

Então a policia chegou mais não conseguiu achar nada então o amigo de alice o William falou para o pessoal acha um detetive e na cidade, bom eles acharam e o detetive foi procurar rastro, enquanto esse moço o levou a menina Alice em um quartinho e do nada virou um gavião, ele foi ver o que estava acontecendo então amanheceu.

O detetive continuo na busca, os amigos ajudaram o detetive

Enquanto isso o sequestrador foi la para ver o que estava acontecendo é ele viu que o detetive achou um rastro.

Passou 3 dias o detetive decifrou tudo e conseguiu achar Alice então Alice contou para seus amigos e o detetive que ele se transformava em águia, então um dia o Douglas vio uma águia e os policias já estava na casa e atiraram na águia.

Então o moço contou que ele só queria a menina porque a filha dele morreu e era loira e ela também era, é eu prometeu para ele mesmo que iria matar todas as meninas loiras.

Bom ele foi preso e todo mundo ficou bem. FIM.

5.20.2 Considerações sobre o conto

No texto discente, a águia poderia se associar com aquela do conto “Hora de Comer”. No entanto, aqui o elemento maravilhoso é o fato de o antagonista se transformar em animal. Há personagens humanas, com destaque para a menina raptada Alice. Apesar de nomear e descrever, é dado pouco destaque a tantos personagens que estavam na casa.

A motivação para o homem águia raptar a menina é decifrada no desfecho do conto: sua filha, que também era loira, havia morrido e por isso ele se propusera a matar todas moças loiras que encontrasse. Por meio desse trecho percebemos que temos aqui uma possível história de terror. Os contos de terror também apresentam elementos fantásticos ou maravilhosos, segundo TODOROV (2007).

Não é empregado léxico semelhante aos dos contos lidos, nem tampouco outros elementos que nos auxiliem a caracterizá-lo como um conto maravilhoso.

5. 21 Conto do discente A29

Segue a primeira versão do conto escrita pelo aluno 21 e que foi posteriormente reescrita pela professora e pela classe com o auxílio de computador com projetor. A primeira versão não possuía título.

5.21.1 Sem título – Primeira Versão

- Em um dia bem chuvoso um soldado foi até um castelo abandonado, lá ele ouvia gritos de socorro que vinha de um quarto, quando ele entrou no quarto tinha uma moça, quando ele e a moça foram fugir apareceu uma fera peluda, com garras e medonha que prendia a moça pois a amara, então a fera prendeu os dois na masmorra

o soldado estava tentando cavar quando a moça consegue abrir a porta mas a fera pegou e colocou os dois na máquina de tortura o soldado conseguiu se soltar e morder a fera ele então rapidamente soltou a moça e os dois foram Felizes.

Fim

5.21.2 – O Resgate – Reescrita coletiva de segunda versão

Segue a segunda versão desse conto, que foi reescrito com toda a classe e utilizado como modelo de reescrita seguindo Franchi (2006).

O resgate

Em um dia bem chuvoso, um soldado estava em seu cavalo andando pela floresta para caçar o alimento do dia, quando encontrou um castelo. O castelo era grande, sombrio e tinha uma torre imensa, mas parecia abandonado. Curioso, o soldado resolveu entrar no castelo e esperar a chuva diminuir para que pudesse voltar à caça.

Desceu do seu cavalo e amarrou-o numa árvore próxima, em seguida dirigiu-se para a porta da frente do castelo e tentou abri-la, sem sucesso. A maçaneta estava emperrada pela força do tempo, então resolveu procurar uma outra entrada. Deu a volta no castelo e encontrou a porta dos fundos aberta. Entrou.

Lá dentro viu muitas teias de aranhas, tinha pó para todo o lado, percebeu que o castelo estava abandonado há muitos anos. De repente ouviu um barulho estranho vindo do alto, como se fosse um grito. Subiu as escadas e à medida que avançava, o

som ficava mais alto. No último andar, chegou a uma porta com cadeados e sabia que os gritos vinham dali.

Sem saber como entrar, já que não tinha as chaves, gritou para a voz que saía do quarto, e perguntou como poderia libertá-la. Ela respondeu que ele devia observar a luz em sua volta, e nesse momento uma vela se acendeu no corredor. O estranho é que outras velas foram se acendendo uma após a outra, como se estivessem mostrando uma direção. O soldado passou a segui-las, e acabou encontrando um cômodo aberto que estava vazio e na parede havia apenas um quadro de uma moça bonita. Acreditando que não havia nada ali, virou as costas e o quadro caiu no chão. Atrás dele estava escondida uma chave grande e dourada.

Pegou a chave e correu ao encontro da voz, abriu o cadeado e a bela moça do quadro estava lá. Ela imediatamente o abraçou em agradecimento por tê-la salvo. Contou que uma grande fera peluda e má a havia trancafiado naquele castelo há anos e que era a primeira vez que via um humano depois disso.

Ela lhe agradeceu com um gentil beijo e o soldado percebeu que ela era seu verdadeiro amor. Por isso, pediu-a em casamento. Antes que ela respondesse, a grande fera invadiu o quarto voando pela janela e agarrou o soldado pelo pescoço. Levou, o soldado e a moça, para o calabouço do castelo e colocou-os numa máquina de tortura. Era uma caixa de madeira gigante e escura, que fazia com que seus maiores medos os aterrorizassem para sempre.

Abandonados naquele quarto escuro, com muito medo, a moça abraçou o soldado e ele prometeu que a salvaria. Nesse momento, a vela que acendera antes no corredor, acendeu dentro daquele quarto e a luz, intensa e viva, foi ficando cada vez mais forte, até que enfim, conseguiu destruir as placas de madeira que os aprisionavam.

Correndo, o soldado e a moça saíram do castelo, mas antes, aproveitaram a vela e colocaram fogo no castelo abandonado. Subiram no cavalo que estava à espera e seguiram para seu final feliz.

Curioso – disse o príncipe -, algum dia, sei lá quando, ouvi uma história semelhante. Não igual a essa, certamente, mas uma história assim, de tesouro à espera. E de cinco ciprestes. Talvez os cinco ciprestes fossem dez, ou então são duas cidades de cinco ciprestes que moram na minha memória. Mas de uma coisa estou seguro, já estive nessas cidades.

- E não estivemos todos? – os olhos amarelos pareciam sorrir. – Não seria a vida de todos nós – e fez um gesto largo com a mão abrangendo os cavaleiros que ouviam atentos – a procura de um tesouro, o raro tesouro da felicidade?

- Mas o tesouro – rebateu um dos cavaleiros – nem todos os encontram a sombra de cinco ciprestes.

- Nem poderiam – a voz do homem era mansa como se estivesse deitado debaixo daquela sombra. – Não são os ciprestes que contam, nessa história, mas a capacidade de reconhecer o lugar onde o tesouro se encontra.

Marina Colasanti

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Declarou Adélia Prado em seu poema denominado *Tempo*: “não quero faca nem queijo. Quero a fome” (Prado, 1978, p.18). Nesses nossos tempos em que a fome de democracia, igualdade, equidade e respeito assola de modo tirânico o nosso povo; este é um tema mais que adequado para sala de aula.

Para nós, essa metáfora pode ser aplicada ao trabalho que acabamos de descrever: a fome que foi apresentada nos contos de Colasanti; a fome de saber revelada pelos alunos, no interesse de cada um deles pelo conhecimento, por escrever e se tornar protagonista da própria história; e por fim, a nossa própria fome, o desejo incessante de ensinar / aprender e viver essa enriquecedora troca a cada minuto de nossos dias. Essa fome nos motivou, sem dúvida alguma.

Pensando em maneiras de contribuir para diminuição desta fome, esta pesquisa teve como cerne ampliar o letramento de nossos alunos para desenvolver suas habilidades de leitura e escrita dentro da sala de aula, na disciplina de Português. Como discutido na introdução, defendemos a necessidade de expandir o trabalho com o texto em sala de aula, em especial o texto literário, privilegiando a leitura e a produção escrita, talvez pouco exercitadas, em nossos dias, inclusive nas disciplinas afins, como percebemos em nossa rotina.

Colomer e Camps (2011) afirmam que

Embora ler seja a base de quase todas as atividades que se realizam na escola, e a concepção de leitura como ato compreensivo seja aceita por todos, a maioria das pesquisas sobre atividades de leitura na escola demonstra que nelas não se ensina a entender os textos. (COLOMER e CAMPS, 2011, p. 55)

É necessário um trabalho incessante por parte dos professores, principalmente os de Língua Portuguesa, a fim de auxiliar na recuperação da tão citada interpretação de texto. Que os alunos têm apresentado sérias dificuldades na compreensão e produção de textos é fato conhecido por todos, mas o que nós, professores de linguagens e códigos estamos propondo para nossos alunos superarem essa adversidade e conquistarem esse saber?

Nessa perspectiva, o PROFLETRAS nos desafiou a produzir uma prática que sanasse um problema de sala de aula e, além disso, também pudesse ser utilizado por outros colegas da área e essa foi a nossa proposta. Um trabalho com leitura

literária, por meio de contos maravilhosos, que auxiliasse na compreensão do gênero e culminasse na produção textual discente do gênero aprendido.

Para este trabalho, a escolha dos contos maravilhosos de Colasanti não poderia ter sido mais adequada: eles têm dois eixos em comum. Os três contos escolhidos, “Hora de Comer”, “De nome Filhote” e “E eram tão pequenas” apresentam animais como personagens e a questão da fome como aspecto gerador de um conflito. Houve a preocupação da adequação do enredo à idade dos alunos. Além disso, cabe ressaltar que o gênero é privilegiado no Currículo do Estado de São Paulo. Aproveitamos, aqui, para aconselhar colegas que desejem aplicar uma sequência similar de atividades: além dos três contos de Colasanti comentados aqui, outros contos do mesmo livro seriam indicados para o trabalho com alunos do Ensino Fundamental – Anos Finais, pois possuem as mesmas características.

Discorreremos muito, aqui, sobre os benefícios da leitura e apoiamo-nos em Lajolo (1994) quando afirma que “ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive”. Nós nascemos, estudamos, crescemos, amadurecemos. Em que medida a leitura auxilia dentro desse processo chamado vida? A autora defende que “lê-se para entender o mundo, para viver melhor” (LAJOLO, 2011). À medida que entendemos o mundo, passamos a ter a necessidade de nos comunicar com ele e de deixar nele a nossa própria marca, nosso estilo. Daí o texto.

Não há outra forma de comunicação senão o texto. Bagno (2010) defende que, sem a linguagem, somos peixes fora da água. Há outra comparação possível, numa outra dimensão pela qual, segundo o autor, a linguagem adquire concretude: o texto. Ele defende

Uma palavra solta, uma frase isolada são um peixe fora d’água. O texto é o ambiente natural para qualquer palavra, qualquer frase. Fora do texto, a palavra sufoca, a frase estrebucha e morre. E como pode um peixe vivo viver fora da água fria? (BAGNO *apud* ANTUNES, 2010, p. 11)

Absolutamente, não vivemos sem o texto. Ou, numa nomenclatura bakhtiniana, sem o enunciado. (BAKHTIN, 2006). Ainda mais na era da informação e da tecnologia. Nunca se leu tanto nem se escreveu tanto, pelas redes sociais e smartphones. No entanto, nunca se interpretou tão apressada e superficialmente, o que nos leva a questionar a eficácia dessa comunicação. Podemos observar, ainda, que a escrita dos alunos não tem se aprimorado, mesmo com a constante prática de produção que as redes sociais proporcionam.

A variação linguística muitas vezes utilizada nesses mecanismos não é a formal e, apesar de escreverem muito, eles não têm a preocupação de escrever com coesão, coerência nem empregar a norma culta padrão. A partir disso, consideramos nosso trabalho, enquanto professoras, como uma forma de contrabalançar essa equação e trabalhar complementarmente, por meio de leituras e oportunidades de escritas e reescritas que permitam o uso da variedade formal por nossos alunos.

Acreditamos que não apenas os professores da área de Linguagens, mas todos os demais são responsáveis pelo aprimoramento da competência leitora e escritora dos alunos. A constante prática de leitura de jornais, revistas, livros, textos em geral, comentários sobre charges, reportagens de telejornais entre outros, acabam estimulando os alunos a buscar o conhecimento e o professor deveria ser o eixo propulsor desse mecanismo.

Franchi (2006), ao tratar especificamente da produção de textos, propõe que o objetivo da escola seja o de levar os alunos a atuar sobre a linguagem, revisar e transformar seus textos e tentar perceber a riqueza das formas linguísticas que eles podem utilizar, apropriando-se delas (FRANCHI, 2006, p. 75).

Sabemos que é indispensável aos alunos saber escrever um bom texto, com domínio do gênero, coerência, coesão e empregando a variedade adequada da língua, conforme a situação de comunicação. Mas, não nos esqueçamos de que o aluno caminha em um processo gradual e que leva tempo para ele adquirir o domínio de mecanismos para produzir um texto que expresse o que ele quer realmente dizer e que seja compreendido pelos demais leitores.

Não temos a intenção de, com essa prática, formar novos contistas, mas, ao motivar em nossos alunos a capacidade de expressão e representação da própria individualidade, acreditamos estar contribuindo para outros aspectos que vão além da produção de texto e poderão perdurar por toda sua vida. Franchi (2006) arremata

Nesse sentido, a gramática não somente não é “restritiva” ou “limitante”, mas é mesmo condição de criatividade nos processos comunicativos mais gerais. E isso em dois sentidos: enquanto conjunto de processos e operações pelos quais o homem reflete e reproduz suas experiências no mundo e com os outros, podendo inclusive viajar, por meio deles, a universos inimagináveis **compossíveis**¹⁵; enquanto sistema aberto a uma multiplicidade de escolhas, que permite não somente ajustar as expressões ao propósitos e intenções significativas do locutor, mas ainda marcar,

15 Que pode coexistir com outro; compatível.

cada texto, com a marca de um estilo, não menos expressivo por ser estilo (Franchi, 2006, pág. 100).

Percebemos, com a aplicação desta sequência, que é no processo de leitura, releitura, escrita e reescrita que o aluno aprimora seu letramento, de forma individual e gradual, e é somente no uso efetivo e prático do texto que a ampliação das competências leitora e escritora é possível. Concordamos com Geraldi, ao comparar o criar um texto ao tecer:

O produto do trabalho de produção se oferece ao leitor, e nele se realiza a cada leitura, num processo dialógico cuja trama toma as pontas dos fios do bordado para tecer sempre o mesmo e outro bordado, pois as mãos que agora tecem trazem e trançam outra história. [...] São mãos carregadas de fios, que retomam e tomam os fios que no que se disse pelas estratégias de dizer se oferece para a tessitura do mesmo e outro bordado.

É o encontro destes fios que produz a cadeia de leituras construindo os sentidos de um texto. (GERALDI, 2013, p. 166)

Nesta pesquisa, após a escrita da primeira versão e reescrita do texto do aluno A21, pedimos que cada aluno compartilhasse com a classe as ideias de seu texto que não tinha sido lido na íntegra, mas comentado. Os outros alunos tiveram espaço para apresentar impressões e sugestões. Cada qual complementa o saber do outro. Sem o Tu, não há o EU. O dialogismo está presente em todas as interações inclusive nas produções discentes e, principalmente nestas, deve ser incentivado pelos professores, por meio de ampla discussão e compartilhamento de ideias.

De modo geral, apesar das dificuldades relatadas, ao analisarmos as produções discentes, notamos aspectos positivos, principalmente naqueles contos apresentados em duas versões: eles tiveram uma melhora perceptível da primeira para a segunda.

Além disso, os números nos mostram que a porcentagem de alunos que conseguiu produzir textos narrativos, incluir elementos maravilhosos e deixar marcas de criatividade superou setenta por cento das produções, ou seja, mais da metade dos alunos apresentou um texto narrativo com elemento maravilhoso e algum aspecto criativo. Consideramos que, para uma turma de sexto ano, é um resultado bom.

Tivemos contos discentes fantásticos ou maravilhosos que são encantadores e aguçaram em nós um potencial interpretativo difícil de interromper. Como era de se esperar, outros não atingiram tal fascínio, mas, enquanto docentes, fica-nos um alerta para que observemos de perto esses alunos em próximas oportunidades sempre valorizando o que já foi conquistado.

Ainda sobre os contos, diferenciamos, à luz de Colasanti, contos de fadas e contos maravilhosos; e, apoiados em TODOROV, estes dos contos fantásticos. Essa distinção auxiliou-nos no processo de categorização dos contos discentes. Contudo, apreciamos o resultado de contos fantásticos discentes que tiveram ótima pontuação, enquanto analisamos alguns contos maravilhosos que necessitariam de nova reescrita. Como já mencionado, em certos casos, seria necessário desenvolver uma terceira reescrita da produção discente.

Contudo, os alunos do sexto ano da escola José Amaro Rodrigues, mesmo um ano após a aplicação desta sequência, fazem questão de, ao nos encontrarem nos corredores da escola, perguntarem sobre seus contos, pedirem para ver as análises, lembrarem fatos da aula, o que nos mostra que foi uma experiência significativa não só para nós, mas também para eles.

Pensamos que proporcionar atividades de leitura e produção de texto dirigidas em sala de aula seja pouco, diante dos problemas sociais e culturais do país. Esperamos que este tenha sido o primeiro ponto a ser tecido num imenso bordado que somente a educação é capaz de tecer. Antunes (2007) afirma

As imensas desigualdades sociais que marcam a realidade brasileira têm um grande reforço na escola que não alfabetiza, na escola que não forma leitores críticos, na escola que não desenvolve o poder de argumentar – oralmente e por escrito – de criar, de colher, de analisar e relacionar dados, de expressar, em prosa e em verso, os sentidos culturais em circulação. Mesmo sabendo da não onipotência da escola, acreditamos que sua atuação constitui um fator de grande peso na resolução dos problemas sociais de uma comunidade e na sua ascensão a níveis mais altos de realização humana. (ANTUNES, 2007, p. 41 e 42)

Destarte, se é somente na escola que a mudança poderá iniciar; que a máquina de fiar começará a se mover; se é lá o espaço em que podem ser motivadas as mudanças que ansiamos para a nossa sociedade, temos de dizer: avante, educadores, assumamos a nossa função. Quem sabe, assim, essa tão comentada fome seja saciada pela nova geração.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. Muito além da Gramática: por um ensino de línguas sem pedras. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. Análise de textos: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CALVINO, I. Jorge Luis Borges. Por que ler os clássicos. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CANDIDO, A. O direito à literatura. Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CITELLI, B. Produção e leitura de textos no ensino fundamental. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

COLASANTI, M. Mais de Cem Histórias Maravilhosas. São Paulo: Global, 2015.

COLOMER, T. e CAMPS, A. Ensinar a ler, ensinar a compreender. Porto Alegre: Artmed, 2002.

COSSON, R. Letramento literário: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. Gêneros Orais e escritos na escola. 3ª Ed. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

D'ONOFRIO, S. Teoria do texto 1. São Paulo: Ática, 1995.

_____. Forma e Sentido do texto literário. São Paulo: Ática, 2007.

ELIAS, V. M. (org.) Ensino de Língua Portuguesa: oralidade, escrita e leitura. 1ª ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

FIORIN, J. L. Introdução ao pensamento de Bakhtin. 2ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

FRANCHI, C. Mas o que é mesmo "Gramática"? São Paulo: Parábola, 2006.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

GOLDSTEIN, N., LOUSADA, M. S. e IVAMOTO, R. O texto sem Mistério: leitura e escrita na universidade. São Paulo: Editora Ática, 2009.

GOTLIB, N.B. Teoria do Conto. 6ª Edição. São Paulo: Ática, 1991.

JOLIBERT, J. Formando crianças leitoras. Porto Alegre: ArtMed Editora, 1994.

KLEIMAN, Â. B. (org). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. 7. ed. Campinas, Mercado das Letras, 2004.

_____. Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever? Campinas: UNICAMP/MEC, 2005.

KOCH, I. G. V. Desvendando os segredos do texto. 8ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2015.

KOCH, I. V. e ELIAS, V. M. Ler e escrever: estratégias de produção textual. 2ª Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

LAJOLO, M. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 6ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

LAJOLO, M. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Produção Textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: parábola Editorial, 2008.

_____. Da fala para escrita: Atividades de Retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MIGUEL. M. A. F. Densa Tessitura: Uma Leitura Em Contraponto, A Visão Da Academia Sobre A Produção Literária De Marina Colasanti. Disponível em https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=7&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwidj8OzrPPeAhUGHJAKHVM9Aa4QFjAGegQIAhAC&url=https%3A%2F%2Frepositorio.unesp.br%2Fbitstream%2Fhandle%2F11449%2F134289%2Fmiguel_maf_dr_assis.pdf%3Fsequence%3D3&usg=AOvVaw0m4tg3FDbpUHA69zwzMQTT. Acessado em 25 de novembro de 2018.

PETIT, M. Leituras: do espaço íntimo ao espaço público. 1ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. Os jovens e a leitura. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

PRADO, A. O coração disparado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

ROJO, R. e BARBOSA, J. P. Hipermmodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOLÉ, I. Estratégias de Leitura. 6ª Ed. Porto Alegre: ArtMed Editora, 1998.

TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ANEXOS

Anexo 1 – Contos de Marina Colasanti: “Hora de Comer”, “De Nome Filhote” e “E eram tão Pequenas

“Hora de Comer” de Marina Colasanti

Hora de comer, naquela casa. A mulher foi lá fora pegar uma braçada de achas que empilhou perto do fogão, sem perceber que, com a madeira, havia trazido um camundongo. Já com uma acha na mão, inclinou-se para soprar as brasas e avivou o fogo.

Debaixo da pilha, o camundongo farejou a oportunidade, arriscou o focinho para fora. A distância até a cadeira parecia enorme. O cachorro dormia sacudindo de leve a pata no sonho. O gato estava ausente, ainda assim o camundongo soube que naquela casa havia um gato. Olhando para cima viu no alto o largo traseiro da mulher. O rosto, metido junto ao fogão não se via. A hora era aquela.

O camundongo correu com suas pequenas patas e seu máximo fôlego, até alcançar a proteção da cadeira. O coração bombeava acelerado na minúscula caixa do seu peito. Olhou em volta. Na cozinha em penumbra tudo continuava tranquilo, a mulher revirava a panela, o cachorro sacudia a pata, o fogo comia mais uma acha, como se nada tão dramático quanto aquela fuga tivesse acontecido. O camundongo juntou novamente sua coragem.

Atravessado o resto da cozinha, vencido o arriscado espaço da soleira, eis que ganhava a noite e a liberdade.

A noite era clara, o ar leve e frio, carregado de cheiros. Mas o camundongo não estava mais na defensiva, não farejava. Pensava no risco que havia acabado de correr, na possibilidade de uma vassoura erguida esmagá-lo, de um súbito pulo do gato, de latidos. E revendo seguidas vezes na memória sua fuga heroica, passeou longamente sentindo-se um rei.

Reis não precisam prestar atenção no mundo a seu serviço, e aquele camundongo distraído acabou despertando a atenção de uma coruja. Que sem pressa, silenciosa como todas as da sua espécie, deixou o alto da árvore onde havia estado de vigia, e abateu-se sobre ele, devorando-o.

A noite estava carregada de cheiros e habitada de presenças. Do mato onde se escondia, uma cobra viu a rápida ação da coruja, viu o camundongo desaparecer

no bico adunco, ouviu o pio de satisfação e desafio que a coruja lançou no ar. A coruja revirou os olhos, inchou as penas do peito refestelando-se no seu bem-estar. A cobra rastejou para longe, dando início a uma operação de conquista.

Algum tempo passou, antes que estivesse de volta ao pé da árvore. Assoviou lá de baixo, se é que aquele som fino como faca podia chamar-se um assovio. Mas a coruja parecia ter tapado os ouvidos com as plumas, e nada ouviu. A cobra não teve outro remédio senão rastejar em espiral tronco acima. Chegando mais perto, porém, voltou a assoviar, não queria pegar a outra desprevenida. E quando a coruja olhou para ela, disse a que vinha.

Aquele camundongo, sibilou, aquele camundonguinho de vê-la comer, aquele camundongozinho de nada, não estava à altura de sua fama de caçadora. E provavelmente, acrescentou com ar ladino, não estava à altura da sua fome. Fez uma pausa, dando tempo para que a coruja percebesse um certo espaço vago no estômago, despercebido até então.

Já para ela, continuou a cobra, para ela tão fina, magra, e inapetente, um camundongo pequenino como aquele bastaria. Aliás, disse tossindo estava mesmo com uma dor de garganta que não lhe permitia engolir nada mais consistente.

Mas é claro que não vinha pedir esmola, prosseguiu dando firmeza à sua voz humilde. Estava ali a negócios. Para tanto, oferecia em troca do camundongo um naco de carne duas ou até três vezes maior, que acabava de roubar do prato do cachorro e que ela própria não conseguiria comer.

Duas ou até três era tentação demais para a coruja gluttona. Abriu o bico, cuspiu o camundongo, e cravou o bico na carne. O pobrezinho mal teve tempo de dar-se conta do que acontecia, e já se via engolido pela segunda vez. A boca da cobra era uma noite sem estrelas.

Inchada como se tivesse comido um seixo de rio, a cobra afastou-se lentamente à procura de um lugar seguro onde passar o que restava da noite. E amolecida pelo cansaço e pela vitória relembrou com desprezo da coruja, capaz de comer carne morta, enquanto ela, ativa por natureza, só se alimentava de seres palpitantes de vida. Adormeceu sentindo-se uma rainha.

Rainhas têm sono pesado. E passado algum tempo, enrodilhada no lugar que lhe havia parecido tão seguro, a cobra foi descoberta do alto um gavião. Era uma presa fácil. O grito do gavião cravou-se no ar amedrontando criaturas em seus ninhos. Mas a cobra não o ouviu. O gavião lançou-se rígido e certo como uma seta. A sua

silhueta levando a cobra no bico desenhou-se no alto contra o novo dia que vinha vindo.

Desenhou-se tão nítida, que foi vista pelo caçador. Ele também, que havia deixado sua cama ainda no escuro para sair em busca do predador, tinha ouvido o grito. E estava atento. O tiro de fuzil ecoou naquele início de manhã espantando os pássaros, que saíram em revoada. No chão, o gavião morto continuava com a cobra no bico.

Foi recolhido, posto no bernal, levado até em casa e jogado em cima da pilha de achas, enquanto o caçador ia ao poço.

Não havia ninguém olhando. A barriga da cobra ondulou, moveu-se, mas não era vida o que a animava. Do lanho onde ainda estava cravado o bico emergiram duros bigodes, um pequeno focinho cinzento. E o camundongo, molhado e tonto, mas vivo, escapuliu metendo-se entre as achas.

O caçador veio voltando com o balde, a mulher saiu da casa para buscar uma boa braçada de lenha. Estava na hora de cuidar da comida.

Conto “De nome Filhote” de Marina Colasanti

Há um castelo severo de poucas janelas. Ali vive uma única castelã, jovem, muito jovem. Não está prisioneira. Não está confinada. Está só. Com sua ama.

Suas irmãs e primas partiram uma a uma para outras terras, levadas por casamento. Os velhos, pais e parentes, morreram progressivamente. Os homens da família estão sempre ausentes. Vão chamados por guerras, caçadas, ou longas viagens. Uns voltam, outros não. E os que voltam demoram tanto a chegar, e tão pouco a partir novamente.

Os dias escorrem lentos de um cômodo a outro do castelo. E sombrios. De nada serve à jovem subir ou descer escadas, degraus não encurtam o tempo. Em dias mais quentes, sai para os mínimos jardins entre muros, colhe uma rosa ou um lírio, entedia-se ao ar livre. Mas assim que chega o frio, tão longo naquelas paragens, nem esse mínimo prazer lhe resta. Faz-se então mais pesada a falta de companhia.

- Uma criança- diz um dia à ama-, por que não posso procurar uma criança abandonada? Seria bom para ela e para nós. Cuidaríamos dela juntas, e teríamos companhia.

- Crianças há muitas - responde a ama que a criou e a quer como uma filha. – Mas são sonho impossível para moça solteira. Quem acreditaria que a criança não é sua? A desonra mancharia o brasão da família. E traria de volta os homens para um castigo feroz. -

Um filhote, então! – diz a jovem. – Quero um filhote macio de animal carinhoso, a quem eu possa querer bem. Não há nada de mal em ter um filhote.

E envia a ama em busca daquilo que quer.

Tarefa difícil para a boa senhora. Descarta logo as aves, apesar do canto. Dos animais que habitam a floresta ao redor do castelo, lobo, raposa, javali, nenhum lhe parece aconselhável. Nem esquilo ou lebre, muito fugidios. Pensa em gato, que seria fácil de achar, mas o considera pouco para tanta solidão. Cachorro, só sendo muito especial. Vai até a aldeia mais próxima, e nada. Aventura-se mais além, até a cidade que é perto do mar. E ali, junto ao cais, encontra afinal o que lhe parece à altura da sua jovem senhora. Paga o preço que pedem, mete o filhote dentro de uma cesta, o cobre com um pano para que não pegue frio, e toma o caminho da volta.

Com quanta alegria é recebida!

- Meu filhote! – exclama amorosamente a jovem tirando-o da cesta. E a exclamação já é um batizado. O bichinho corresponde a tudo o que a jovem havia desejado. Macio e alegre, de língua quente e dentinhos afiados, exalando cheiro bom de vida nova. Parece uma raça diferente de cachorro, como ela nunca viu antes, ou talvez seja apenas parente dos cães, um outro cruzamento. O pelo curto cor de sol, as orelhas arredondadas, e aqueles olhos puro mel. Certamente haverá de crescer, porque as patas largas denunciam o futuro vigor.

Com ele, os dias se fazem mais curtos nos cômodos que parecem ter ganho outra luz. Risos e chamados ocupam o espaço que pertenciam ao silêncio, enquanto a jovem e Filhote se perseguem brincando de sala em sala. A ama sorri satisfeita com tanta alegria.

Durante alguns dias, lhe dão de comer pão molhado no leite. Passou o tempo de mamar. Mas em breve, com Filhote ganhando peso, aquilo parece pouco. Precisa de alguma coisa mais forte para o crescimento dos ossos. Pedacinhos de carne. Isso sim, lhe agrada. E com que fome os ataca! Mas não há tanta carne disponível no castelo, alguma pequena caça, um coelho ou ave que compravam dos lenhadores haviam bastado até então para a jovem e sua ama. Logo, porém, se revelam insuficientes para o Filhote.

- Vou caçar para ele! – declara a jovem num ímpeto, em plena manhã de sol. E a ama ria, damas não caçam, não educou sua patroa para isso.

De fato, sair do castelo revela-se inútil. A saia longa estorva os passos, prendesse nos arbustos rasteiros, os longos cabelos se emaranham nos galhos mais baixos, a jovem mal avança. E não tem sequer força para tender o arco, as flechas caem adiante sem nada atingir. Ela volta desolada.

É teimosa, entretanto, essa jovem castelã. E tem a animá-la a fome de Filhote, que aumenta à medida que progride o seu crescimento. Vais ela abrir os baús deixados para trás pelos homens, vasculha entre calças, coletes, casacos, botas. Escolhe os que melhor lhe cabem, e os veste por cima de suas próprias camisas rendadas. Trança os cabelos. Ama se indigna a princípio, nada a preparou para isso, mas tem que reconhecer, a sua cria está bela com um pajem.

Depois é a vez das armas. Nos pequenos jardins internos, a jovem já não se interessa pelas roseiras e sim pelos alvos nos quais treina a pontaria. Não pratica somente arco e flecha. Como um aprendiz de cavaleiro, treina também o uso da lança, e a espada.

Que belo vai se tornando Filhote. Musculoso e alto, bem mais que um cão, a linha esguia do corpo prolongada na cauda longa que um tufo de pelos arremata. Ao redor da cabeça que se faz mais poderosa dia a dia, começam a surgir longos pelos.

- De que raça é mesmo Filhote? – havia perguntado a jovem à ama. Mas esta não se lembrava ou não sabia, comprara o bicho de um mercador vindo de terras distantes, sem sequer indagar que terras eram aquelas.

Ficando ele tão forte, parece natural à jovem levar Filhote consigo a floresta, agora que a caça se tornou sua principal ocupação. Lá se vão os dois no verde até anoitecer, a moça cavaleiro e o animal fulvo de longa juba, ala retesando a corda do arco, ele saltando sobre presas maiores, em plena sintonia. Nunca dois amigos foram mais companheiros e se amaram mais do que eles se amam.

E chega o dia em que a garganta de Filhote forja um som diferente, e erguendo a cabeça ruge, uma e duas vezes, airando sua majestade para aquela floresta que toda estremece.

O coração da jovem abre-se para um novo entendimento.

Dona de seus passos, não demora muito para que tudo ao redor, inclusive o bosque, lhe pareça pequeno e ela deseje intensamente seguir o caminho dos irmãos e primos. Na espessa sombra das árvores, o cheiro de Filhote lhe fala de sol.

Ainda se contém durante todo o inverno, segredando a Filhote o que vai no pensamento. Mas a chegada da primavera traz a tarde em que na floresta, onde tudo brota e renasce, ela olha decidida para trás. Vê ao longe o castelo severo, acredita vislumbrar a ama em uma das poucas janelas.

- Eu volto - murmura baixinho em despedida, sem ter certeza de estar dizendo a verdade. E enroscando os dedos na juba do companheiro segue adiante, rumo às distâncias tantas que se abrem para ela.

Conto “E eram tão pequenas” de Marina Colasanti

Choveu e choveu naqueles meses, e mais choveu. O rio transbordou em vários pontos, os açudes incharam como se cheios de peixes. Os pés afundavam em terra molhada. Depois vieram o sol e as aranhas.

O sol percebeu-se logo. Das aranhas ninguém se deu conta a princípio. Algumas donas de casa sim, que as surpreendiam saindo dos cantos, ou debaixo das folhas na horta. Mas eram tão pequenas, que não mereceram atenção.

A atenção foi despertada depois, pelas teias. Como uma névoa cinzenta começaram envolvendo as dalias e as magras roseiras junto às portas engolindo cor e perfume. Depois as portas foram sendo tomadas, e as janelas, teias subindo pelas paredes feito trepadeiras, alcançando os telhados, cobrindo tudo. Que luta para impedir que fechassem a boca do poço! Mas, ocupados com o poço, os moradores esqueceram de cuidar do cachorro, e quando ele ganiu já parecia um embrulho de papel de seda. Até a macieira desapareceu debaixo daquela estranha colcha, as maçãs maduras caíam dos galhos mas não chegavam ao chão, apodreciam lá dentro. Aranhas não comem maçãs.

Tentaram de tudo, nada parecia capaz de arrancar aquela cobertura espessa e pegajosa. Que só fazia aumentar.

Reuniram-se, então, os que não haviam sido trancados pelas teias dentro de suas próprias casas. E ora esmagando aranhas com o pé, ora sacudindo uma saia ou uma calça por onde elas teimavam em subir, decidiram contratar os serviços do mais famoso mestre de espada das redondezas. Pagariam com a colheita, assim que a tivessem. Um deles foi enviado como mensageiro. E passados alguns dias, precedido pelo mensageiro que vinha a pé, aquele que salvaria o povoado chegou, a cavalo.

Um belo moço, tão bem ataviado, de botas e chapéu de pluma. E que espada cintilante trazia à cinta. Imediatamente, quis demonstrar o seu talento. Rodeado de pessoas e de admiração, pediu um lenço de seda que cortaria no ar, de um só golpe. Mas tal coisa não havia no povoado, seda, só a das aranhas. As moças ofereceram seus cabelos para o garboso decepar. Ele, porém, desdenhoso, declarou-se cansado da viagem, repousaria um instante antes de antes de fazer o serviço. Pediu uma cadeira, sentou-se, fechou os olhos enquanto os populares iam buscar cidra para lhe oferecer.

Não sabia que um instante era tempo demais. Voltando os aldeões com caneco e jarro, já o encontraram empacotado, sumidos com ele no cinza das teias a espada e o chapéu.

A colheita ainda poderia servir, pensaram enquanto tomavam a cidra que o hóspede ilustre não ia aproveitar. E decidiram contratar os dois homens mais fortes do condado, dois gêmeos lenhadores cuja envergadura ninguém conseguira superar. Lá se foi outro mensageiro, pois o primeiro estava ocupado cuidando das bolhas nos pés.

Passados uns dias, de pé na carroça puxada por dois cavalos iguais como eles, os gêmeos chegaram. Tão altos, tão largos, tão musculosos. E que sede e que fome havia-lhes dado a viagem. Solicitas, querendo agradar aquelas duas montanhas humanas, as mulheres trouxeram tigelas de sopa, talhadas de pão e água, muita água. Que os dois engoliram num piscar de olhos.

Se as aranhas estavam na sopa, no pão, ou na água nunca se soube. Pequenas daquele jeito, como saber? Mas em alguma parte estavam, porque em poucos minutos os gêmeos começaram a se contorcer, caíram do banco onde estavam sentados, se empelotaram no chão, e não demorou muito para que delicadas teias cinzentas comessem a sair de sua boca e nariz. Tomados por dentro, começavam a ser dominados por fora.

Durante algum tempo, desalentados, os do povoado pensaram em como resolver a situação que parecia insolúvel. Ainda estavam pensando, na tarde em que o homem adentrou a rua principal e única do povoado. Levava uma vaca por uma corda.

Não estava bem ataviado, nem era forte. Não era alto, nem era baixo, não era bonito, mas feio não se poderia dizer. Nem muito jovem, nem velho ainda. Era um homem, só isso. E aquele homem parou no meio da rua.

Cada um no seu canto, olharam todos, quem de frente, quem de cabeça baixa, à espera de uma ação qualquer que lhes dissesse como agir. E a ação não se fez esperar. Não do homem. Da vaca que, erguendo de leve a cauda, depositou bem no meio daquela rua única e principal um montinho de bosta fumegante.

A indignação tomou conta dos habitantes do povoado, enquanto moscas e mosquinhas tomavam conta da bosta. Só o homem não se perturbou. Deu uma dezena de passos adiante puxando a vaca, abriu seu bernal, tirou dali um pedaço de qualquer coisa fedida e pálida que talvez fosse carne, e a depositou no chão. Já estava mais vinte passos à frente quando os aldeões, refeitos da surpresa, se aproximaram. Sem serem notadas, fileiras de formigas vindas não se sabe de onde se aproximavam da carne. Ouviu-se o zumbido de uma vespa.

Como se atrevia, lançaram com voz grossa, a sujar daquele modo a aldeia que não era sua?

Sujar?! Surpreendeu-se o homem. Não era esse seu propósito. Tomara conhecimento de que ali se buscava um caçador de aranhas, e viera atender essa necessidade.

Duvidaram que caçador tão insignificante pudesse ter êxito onde outros bem mais qualificados haviam encontrado o fracasso. “Onde estão suas armas?” - perguntaram ameaçadores.

E ele, olhando para trás sem se alterar: minha arma é a fome. De fato. Acompanhando seu olhar, viram todos a nuvem de insetos que volteava ao redor das duas manchas escuras no chão, e perceberam o tropel de pequenas aranhas que, abandonando suas teias, se dirigia para o banquete.

Foram precisos alguns poucos dias para que, avançando lentamente e semeando seu caminho de alimentos tentadores para os insetos, o caçador atraísse as aranhas até fora do povoado. Só quando ele estava longe, percebeu-se que, tendo ido livrá-los das teias, acabara caindo em outra bem mais doce e resistente. A moça mais bonita da aldeia se fora com ele.

Ainda assim, sorriram seus pais e parentes. Com certeza a abraçariam no outono, quando o casal viesse cobrar o seu lote na colheita.

Anexo 2 – Grade de Correção utilizada pelos alunos

Grade de correção utilizada após a escrita da primeira versão.

CLASSIFICAÇÃO	CRITÉRIO :	PONTOS (MÁXIMO)	AVALIADOR 1
TEMA/TIPO	O TEXTO ATENDE AO GÊNERO CONTO MARAVILHOSO?	0,5	
	HÁ UM ANIMAL COMO PERSONAGEM (PROTAGONISTA, COADJUVANTE OU ANTAGONISTA)?	0,5	
TEXTO NARRATIVO	PERSONAGENS: SÃO APRESENTADAS, DESCRITAS? PERCEBIDAS PELO MODO DE AGIR?	1,0	
	TÍTULO: ELE APRESENTA O CONTO? CRIA EXPECTATIVAS PARA O LEITOR?	0,5	
	ESPAÇO: COMO É? INTERIOR OU EXTERIOR? UM ÚNICO AMBIENTE OU MAIS DE UM?	2,0	
	TEMPO: QUAL A DURAÇÃO? OS FATOS SÃO APRESENTADOS EM SEQUÊNCIA CRONOLÓGICA?		
	NARRADOR: MANTÉM-SE O MESMO DO COMEÇO AO FINAL DO CONTO? OU HÁ MAIS DE UM NARRADOR?	1,0	
ORGANIZAÇÃO	ORIGINALIDADE: ESTÁ PRESENTE NO CONTO? JUSTIFICAR.	0,5	
	PROGRESSÃO DO ENREDO: O TEXTO APRESENTA PROGRESSÃO INICIAL, COMPLICAÇÃO E RESOLUÇÃO FINAL?	1,0	
NORMA-PADRÃO	APRESENTAÇÃO GRÁFICA: A ESCRITA DO TEXTO VEM ORGANIZADA EM PARÁGRAFOS? CADA PARÁGRAFO TRATA DE UM ASSUNTO?	1,0	
	ORTOGRAFIA: HÁ EQUÍVOCOS DE ORTOGRAFIA?	0,5	
	PONTUAÇÃO: SÃO EMPREGADOS SINAIS DE PONTUAÇÃO? ELES SÃO ADEQUADOS?	1,0	
	ACENTUAÇÃO: SÃO ACENTUADOS OS TERMOS QUE EXIGEM ACENTUAÇÃO?	0,5	
	TOTAL	10	

Anexo 3 – Atividades de Estudo dos Contos

Formulário do conto “Hora de Comer”:

<https://docs.google.com/forms/d/15800SQ9m3AQKuOFtj5iwg0DT2nSgykD1nnF0dEK1zY/edit>

Respostas dos alunos:

1. Do que se trata o conto lido?	2. No desenrolar desse conto, parece-nos que ele apresenta uma forma geométrica. Que forma seria essa? Explique como ela se apresenta no conto.	3. Ainda sobre a forma geométrica que você citou na questão anterior: ela se repete em nossas vidas? Como?	4. O que acontece de maravilhoso ou fantástico nesse conto?	5. Geralmente as histórias possuem vilões. Quais personagens podem ser consideradas como más nesse conto?
de um camundongo corajoso que sobrevive a uma cadeia alimentar de varios animais e um ser humano.	um circulo. uma cadeia alimentar onde varios bichos comem outros tipos de animais.	sim. de bebe para criança de jovem adulto pára velho e depois morto.ou de geração para geração.	os animais falam e o camundongo sai vivo depois de passar na barriga de varios animais.	o caçador a cobra e a aguiã.
de uma cadeia alimentar	um circulo, como uma cadeia alimentar	A	os animais falam, o camundongo foi engolido varias vezes e não morreu	não, pois tudo fazia parte de uma cadeia alimentar
de um rato sortudo	Circulo	sim.quando a gente nase e morre	o rato depois de passar por tudo aquilo ele sobreviveu	era a aguiã,a cobra e a coruja
O conto se trata da cadeia alimentar.	O circulo, o circulo aparece como o ciclo da cadeia alimentar.	A	Que o rato sobreviveu depois de ser engolido mais de duas vezes,...	A
Se trata de um camundongo que saiu vivo depois de ser devorado por vários animais .	Circulo.Cadeia alimentar.	Sim.como na nossa cadeia alimentar.	Que o camundongo saiu vivo depois de ser devorado.	Cobra e águia.
Um camundongo que sofreu problemas, que mesmo com várias dificuldades conseguiu sair vivo.	A forma é um círculo, que representa o círculo da vida.	Sim.Nasce, cresce, casa, tem filhos, envelhece, morre, nossos filhos fazem as mesmas coisas.	O camundongo, começa na casa da mulher e termina no mesmo lugar, e ele mesmo que passou por varias bocas, de animais ele continuou vivo.	Águia e Caçador.
De um camundongo corajoso.	Um circulo .O camundongo sai de um lugar e volta de novo no fim da historia ele volta no mesmo lugar.	Sim.como nossa vida agente é bebê,depois criança,adolescente,adulto,fa z filho,fica velho, e morre e forma uma geração	Os animais falam	O caçador.
Um camundongo que sobreviveu depois de ser comido diversas vezes	Uma forma circular, porque e um conto maravilhoso	Sim, exemplo: Uma formiga que come a planta, o tamandua come a formiga, uma onça come o tamandua etc...	Que o camundongo sobrevive depois de varios empecilhos no seu caminho e que os animais falam	O gavião
De um camundongo que é engolido por animais e depois volta aonde começou a história.	Circulo.A cadeia alimentar e o circulo dos espaços	Sim.Quando nascemos, crescemos ,temos filhos, envelhecemos e morremos	Os animais falam e tem raciocinio.	A águia e a cobra
Se trata de um conto maravilhoso,sobre um camundongo que foi	o circulo de uma cadeia alimentar.	Sim.ex:nós nascemos,crescemos,casa mos,temos	Que o camundongo sai vivo e os animais falam.	A cobra, águia, a coruja e o caçador.

engolido por 3 bichos e sobreviveu.		filhos,envelhecemos e falecemos.		
se trata de um camundongo que foi engolido 2 vezes fugiu e, depois sobreviveu.	Ciruculo.Ela se represente como uma cadeia alimentar.	Sim.Por que nós fazemos parte desse ciclo.	O conto começa e termina no mesmo lugar, o camundongo é engolido e sobrevive, os animais falam.	O gavião, o caçador, o gato, a cobra.

6. Quem são as personagens desse conto?	7. Faça uma caracterização física e psicológica do camundongo.	8. Faça uma caracterização física e psicológica da coruja.	9. Faça uma caracterização física e psicológica da águia.	10. Faça uma caracterização física e psicológica do caçador.
o camungo a coruja a cobra a aguia e o caçador.	ele e pequeno corajoso fraco e inteligente.	gulosa e grande.	grande otima caçadora.	ser humano faz de tudo para ter comida.
Coruja,cobra,águia,camundongo e o caçador	o camundongo era pequeno,	A	a	A
o rato,mulher,coruja,cobra,aguia e o caçador	ele teve coragem e foi ágil	silensiosa,agil e esperta	agil e esperta	esperto e ágil
Camundongo,coruja,cobra,águia,caçador,mulher,cachorro e gato	Pequeno,e muito inteligente.	Rápida e observa muito bem sua presa antes de atacar.	Veloz,forte e muito rápida para atacar sua presa.	Ele tem uma boa mira pois conseguiu atirar na águia,ele é inteligente.
Camundongo, coruja, cobra, águia e o caçador.	Física: pequeno; psicológica: esperto.	Física: média; psicológica: boba porque caiu na conversa da cobra.	Física: forte e veloz; psicológica: que ela foi esperta de pegar a cobra e boba porque foi vista pelo caçador.	Física: matador de animais e forte; psicológica: que ele foi esperto porque soube mirar a arma na águia.
Camundongo,coruja,cobra,gavião,caçador.	Corajoso e esperto.	Noturna e negociadora.	Caçadora e carnívoro.	Atirador e colecionador de animais.
O camundongo, a coruja, a cobra, caçador e o gavião	O camundongo e : Pequeno, peludo... Psicologica : Esperto, agil, veloz...	Fisica : E cheia de penugem, olhos grandes, media... Psicologica : Rapida, esperta...	Fisica: A aguia tem penugem, e tem um grito alto...	Psicologico: Ele era mal
O camundongo, cobra, coruja, águia e o caçador	Física: Pequeno e fraco. Psicológica: Esperto	Física: Grande, forte e ágil Psicológica: Gananciosa	Físico: Grande, forte, ágil e veloz Psicológica: Esperta	Física:Forte. Psicológica:
A mulher, o camundongo,o gato, o cachorro,a coruja, a cobra , a águia e o caçador	física:pequeno,ágil e rápido.Psicológica:esperto.	Física: ágil, veloz.Psicológica: inteligente.	física:veloz e tem uma ótima visão.Psicológica:esperta.	Psicológica: inteligente.
A cobra, gavião, o caçador, a moça, cachorro, coruja, gato.	Física:Ele é um ratinho pequeno.Psicológica:Muito esperto.	Física:Muito rápida.Psicológica:Muito esperta e chantagista.	Física:Muito rápida.Psicológica:Esperta.	Física:Ágil e tem boa mira.Psicológica:Esperto.

11.As personagens do conto falam como humanos e se alimentam como animais, diferente da fábula da Raposa e as Uvas, na qual a raposa fala e se alimenta como nós. Por que isso acontece?	12. A figura do caçador também é lembrada em outros contos. Compare o caçador desse conto com o de outro que você conheça.	13. Sobre a atividade da caça. Por que o caçador foi caçar? A caça é permitida? E como fica a preservação da natureza?	14. No conto, quem sai ganhando é o maior ou o menor? Como e por que ele ganhando? Quais características podem ser atribuídas a ele por esse ato?	15. Na vida real, animais podem ser engolidos, desengolidos e continuarem vivos? Por que isso acontece no conto?	16. Qual é o exemplo que o camundongo nos dá? Precisamos ser sempre os fortes para vencer? Se não, o que precisamos?
o camundongo nao desiste mas a raposa sim.	os dos outros contos eram muito mas.	Pare	A	A	a
e navida nois desiste e no conto ele nao desiste	o caçador desse conto ele mata a aguia e da barca de neve ele ajuda a menina	para se alimentar.nao.muito mal	menor.a cobra engoliu o rato e enquanto ela estava dejerindo a aguia atacou e o caçador matou os dois sem matar o rato .e sortudo	nao.porque na vida real nos temos uma especie de trituirador na garganta	nunca desistir e ter coragem
Porque é um conto maravilhoso.	Nos contos que nós conhecemos os caçadores são bons e salvam pessoas ,mas nesse ele só pensa nele.	Porque ele estava com fome . Não. Fica prejudicada e por isso a caça é proibida e todos deveriam respeitar isso .	Menor.Porque ele usou a inteligencia e não a força.Que não importa o tamanho.	Não . Porque esse conto é uma ficção e é um conto maravilhoso.	Que não importa o tamanho, não, precisamos de inteligencia.
Porque é um conto maravilhoso.	Chapeuzinho vermelho: o caçador salva a velha e mata o lobo. Branca de neve: o caçador é bom	Para comer. Não. Fica ruim para a natureza, e para os outros animais.	O menor. Porque mesmo que ele passou por problemas ele saiu vivo. Esperto.	Não. Porque esse conto é maravilhoso.	Ser esperto na vida. Não. Ser humilde e resolver com uma bela conversa e sem brigar.
Por que é um conto maravilhoso.	Chapeuzinho vermelho, Branca de neve.	Pra se alimentar,não,sem segurança.	Menor,por que ele é inteligente, Pequeno inteligente.	Não,por que é um conto maravilhoso.	Coragem,sim, de coragem.
Porque e um conto maravilhoso	Ele sempre acaba matando alguem	Para poder se alimentar. Legalmente não, mas algumas pessoas caçam mesmo assim. Eles atrapalham a cadeia alimentar	O menor. O caçador mata a aguia onde o camundongo estava dentro. Resistente	Não. Porque e um conto maravilhoso	Que nunca podemos desistir de nada, como diz o ditado " a esperança e a ultima que morre ". o. Nunca desistir
Porque lá era uma fabula e o conto que lemos é um conto maravilhoso.	Hora de comer: O caçador foi o herói Chapeuzinho: O caçador também foi o herói	O caçador foi caçar para conseguir comida.A caça não é permitida.E dependendo do animal pode entrar em extinção	O menor.Porque ele sobreviveu a todos os animais.Características :Sobrevivente.	Não.Porque é um conto maravilhoso	Que nem sempre você precisa ser o mais forte e sim o mais esperto.
Por que em um conto maravilhoso acontece coisas normais e	Nós comparamos com a história de Chapéuzinho	Por que ele precisa se alimentar. E a caça não é permitido. Os animais ficam em extinção por	O menor, pela esperteza,ele saiu vivo.	Não.Por que é um conto maravilhoso.	Que nem sempre é a força que vence nós temos que

derrepente acontece coisas ficticias.	Vermermelho,e os caçadores são bem diferentes , um é do bem e outro não.	que eles vão diminuindo.			ter esperteza , e outras qualidades
Para parecer mais real.	Chapelzinho Vermelho.	Para ter o seu sustento.Não.Fica com danos.	O menor.Por que ele é muito esperto, e também porque é um conto maravilhoso.	Não.Porque é muito estreito o caminho de processo de digestão.	Que nós precisamos ser mais espertos. Não.Precisamos ser os mais espertos e ágeis.

Formulário do conto "De nome Filhote":

<https://docs.google.com/forms/d/1NCdo-bN51NobODuQ31Gtq-KchRW53tlxQrCqdou1RJl/edit>

Respostas dos alunos:

1. De acordo com o conto o que é uma castelã?	2.Por que ela vivia sozinha? Qual medida tomou para tentar desvencilhar-se da solidão?	3.O castelo era chamado de severo. Por que você acha que lhe foi atribuída essa característica?	4.A Ama acreditava que o filhote era um cachorro de raça especial. Você concorda com ela? Você pode deduzir qual a verdadeira raça do animal?	5.A castelã vivia apenas com a Ama, segundo o conto os homens foram para guerras, viagens e caçadas; enquanto as mulheres estavam fadadas ao casamento. Depois do casamento, eles partiam, elas ficavam em sua moradia. Como podemos classificar a diferença do destino dos homens e das mulheres?
uma pessoa que mora num castelo	Ela vivia sozinha porque todos os parentes dela foram embora.Para acabar com a solidão ela decidiu adotar um cachorro.	.	Não, de acordo com o texto o animal era um leão.	Naquela época as mulheres não eram independentes e os homens tinham muito mais direitos que elas
e uma mulher que vive em um castelo mandando nele	por que seus parentes tinham ido embora.adotar um amigo.	por que la só morava duas pessoas a castela e a ama.	não. animal era um leão.	os homens faziam o trabalho 'pesado' e as mulheres cuidavam de suas casas e de seus filhos e maridos.
Uma pessoa que mora em um castelo.	Porque suas imãs e primas foram levadas por casamento , seus pais e parentes mais velhos faleceram , e os homens foram chamados por guerras por isso sua solução foi adotar um animal .	Pois era vazio e triste por ser habitado por apenas duas pessoas .	Sim , pois ter um leão não é comum sendo assim vindo de um navio .	Machismo , pois os direitos tem que ser iguais para todos .
Uma mulher que mora no castelo.	Porque seus pais morreram, suas irmãs se casaram e foram em bora e os homens iam para viagens longas e guerras. Adotar um animal.	Tinha poucas janelas, era grande e tinha muitas escadas.	Não, leão.	Os homens iam para trabalhar e as mulheres cuidar do seu lar e construir uma nova família.
Uma jovem mulher que morava no castelo.	Porque as primas saiam para casar, e os homens saiam para guerrear.	porque era vazio e solitário.	Sim, ele era um leão e a castelã como era sozinha achava que o bicho era especial.	As mulheres eram damas e não caçavam ou iam para guerras, já os homens como eram mais brutos caçavam e iam para guerras.

Era uma jovem mulher que vivia em um castelo com sua ama.	Porque suas primas e irmãs foram levadas por casamento, e seus pais e parentes morreram progressivamente. Ela comprou um animal.	Porque viviam ela e sua ama.	Sim. Um leão.	Os homens caçavam e as mulheres não ficavam em casa cuidando da casa.
Uma mulher ou jovem que vive num castelo.	Por que os homens da família foram embora por causa de guerras e as irmãs e primas foram embora por causa de casamentos em terras distantes e os pais avos e etc...foram morrendo,ela pediu que sua ama fosse atrás de um animal que a faça feliz.	Por que havia poucas janelas etc...	Sim,a verdadeira raça era de um leão.	A diferença e que os homens podiam caçar já as mulheres tinham que casar etc...

6.A Castelã no começo do conto parecia obediente e conformada. O que a chegada do bichinho desencadeou na jovem?	7.Antes de ter um animal, a primeira ideia da moça era de adotar uma criança. Por que isso não pôde ser feito? Qual sua opinião sobre essa posição?	8.Nos dias de hoje é comum ver as pessoas preferirem animais de estimação ao invés de filhos. Elas acabam tratando os bichinhos como seus próprios filhos. O que você pensa sobre isso?	9.Em quais aspectos o “maravilhoso” se revela nesta história?	10.O cachorro de espécie rara recebeu um nome? Qual?
A chegada do animal despertou o lado independente dela.	Isso não pode ser feito porque ter um filho sem estar casada mancharia o brasão da família.	..	.	.
quando ele parou de comer pão molhado e queria comer carne e a castela foi caçar carne para o animal.	por que ia sujar o brasão da família. por que ela não era casada.	eu acho que isso legal.	do leão não ter comido a castela.	sim. filhote.
Pensar de outras formas , que não é porque ela era uma dama que não poderia caçar .	Porque sairia das regras da família daquela dama , naquela época era um absurdo ser mãe solteira .Nós achamos que ela não precisa ser casada para adotar um filho .	Normal , pois cada um tem sua opinião umas pessoas acham mais fácil cuidar de um animal do que uma criança .	O fato da menina ter um animal selvagem em sua casa.	Sim, Filhote.
Explorar seu mundo.	Porque mancharia o brasão da família. Errado.	Bom mas, não se pode odiar uma criança.	Ter um leão como um filho.	Sim. Filhote.
O leão ensinou-a que ela não precisava ser solitária, ser uma dama...Então ela saiu do castelo e foi viver a vida dela caçando.	Porque ela era uma moça solteira e as pessoas não acreditariam que o filho ou a filha era dela.Na minha opinião não precisamos ser casada para ter um filho.	Na minha opinião eu acho normal por que tem pessoa que não se dão bem com crianças então eles adotam um animal e tratam como se fossem pessoas ou mesmo seus filhos.	Pelo o leão não ter devorado a castelã,e sim ele virou amigo dela e se torna a história maravilhosa .	Sim.Filhote.
Ela não se sentiu mais solitária, pois o Filhote deixou ela feliz.	Porque não. Porque se não os pais iriam pensar que ela fez algo antes do casamento.	Porque as pessoas acabam tratando os animais como filhos.	Que o Filhote não devorou ela, pois na vida real o leão mataria a pessoa.	Sim. Filhote.

Ficou mais feliz, por que não estava mais solitária.	Por que mancharia o brasão da família, todas achariam que a criança não era dela [por que ela era solteira, e traria os homens pra um castigo feroz]	Nós pensamos, que cada um tem sua opinião sobre tem filhos ou animais.	Umas das coisas maravilhosas e que o leão não a devorou.	Sim, o nome dado foi Filhote.
--	--	--	--	-------------------------------

11. À medida que o filhote foi crescendo, a jovem também foi amadurecendo. Além dela, também a Castela apresenta mudanças. Quais foram elas?	12. Antes do filhote, os jardins e o castelo bastavam à moça. Qual decisão ela tomou que nos mostra que o 'seu mundo' já não lhe bastava?	13. A figura da Ama era importante para moça, porém não lhe bastava. A ama a tinha como uma filha. Avalie se há uma fase de nossas vidas em que, assim como a jovem, também devemos seguir em frente.	14. Temos a certeza de que se trata de um leão quando o filhote ruge. Nesse momento, a jovem também tem certeza de algo. O que você acha que despertou na jovem? Quais características foram reveladas nesse momento?	15. Esse crescimento ou amadurecimento que ocorreu na vida da moça e do Filhote poderia ocorrer na vida de outras pessoas? Qual significado teve o ato de abandonar o lar e desbravar o mundo?	16. A diferença entre homens e mulheres é nítida no conto? Comente.
parar de andar de vestido e de salto para usar botas, armas e roupas de homem.	quando o filho ruge na floresta. e ela vê que o mundo é pequeno para ela e o filhote.	vó e mãe duas vezes.	que o mundo era pequeno para os dois.	sim. conhecer mais o mundo.	sim. no começo da história os homens faziam uma coisa e as mulheres outras, mas no final a castela faz o que os homens faziam.
O fato dela sair para caçar.	Quando ela trocou as rosas pelas armas para caçar pro Filhote.	Sim, quando crescemos devemos seguir nossa vida tendo filhos, casa, marido, etc.	Um novo entendimento para vida. Que ela deixou a ama para seguir sua vida.	Sim, que ela cresceu e seguiu sua vida.	Sim, pois fala que uma dama não pode caçar, que apenas os homens podem caçar.
Explorar o mundo.	Quando ela decidiu explorar o mundo.	Depois que agente fica adulto e temos que tomar as decisões.	Que o animal era um leão, o rugido e a juba.	Sim, depois que ela viu o leão crescer e descobriu que ela tem uma família.	Sim. os homens trabalham e as mulheres cuidam da casa.
Ela se tornou independente, e teve mais coragem para caçar.	Como disse na questão anterior, ela teve coragem para caçar.	Sim, quando ficamos de maior, temos a liberdade de sair de casa e ser independente, no caminho achamos pedras, nós devemos seguir em frente mesmo que ela esteja ali.	Despertou que o coração dela abre-se para um novo entendimento.	Sim. Que uma mulher pode ser independente, e não existe esse negócio de machismo.	Sim. Como os homens eram mais fortes, eles podiam fazer bem mais coisas que as mulheres, como ir para guerras.
Que ela saiu para caçar.	Que ela tomou uma atitude para	Que a gente cresce e amadurece para	Porque ela percebeu que o mundo era pequeno para ela e	Sim. "Rumo às distâncias tantas que se abrem para ela".	Sim. Porque os homens podiam sair e

	enfrentar sua solidão.	enfrentar seus obstáculos.	seu Filhote. Que ela percebeu que tinha sua liberdade.		as mulheres não.
Umas das mudanças foi que ela saiu, os jardins não bastavam mais, começou a se interessar em outras coisas etc...	Quando o leão foi crescendo e ela percebeu que aquilo era muito pequeno para os dois.	Sim.	Despertou que o animal era um leão e que ela não precisava ser a princesa da história.	Sim, significa ir embora do lar e se jogar no mundo [ou ser livre].	Sim, por que os homens podiam caçar, podiam participar das guerras etc... já as mulheres não podiam caçar, ir as guerras etc.

Questionário do conto “E eram tão pequenas” (questionário manuscrito pela falta de internet, conforme já citado).

0) Estudo do conto "E eram tão pequenos" de Marina Colasanti

1) O conto maravilhoso é ficcional como todos os outros contos literários, quais exemplos de fatos inusitados, nunca vistos, podemos ver encontrados neste conto?

2) O povoado tinha um problema, qual era ele?
O problema era a questão da muito seca.

3) Qual foi a solução pensada pelo povoado? Como eram as pessoas contrariadas para solucionar o problema?

Foi chamar pessoas para ajudar com espelhos.

1º: Bela, atrevida de latão e depois de pluma / 2º e 3º: alto, baixo e maravilhoso / 4º: Não era forte, nem alto, nem baixo, nem bonito nem feio, nem jovem nem velho.

4) Como é a primeira lenda? Ele foi chamado por alguém? Quem?

Ele belo, bem atrevido de latão e depois de pluma e também era bem com espelho. Sim, ele ajudou da vida.

5) E os dois segundos? Como interpretaram a falta de ser jovem? Como eles ~~agiram~~ agiram?

Eles um era forte e o outro era mais velho.
Eles foram gulosos.

6) É possível dizer que os três primeiros heróis ilustraram a ~~propriedade~~ força física? Explique.

Sim. Eles acreditavam que a força resolve tudo.

7) De que modo o ena herói terminou? Seria possível dizer que ele foram vítimas por sua própria vaidade e presunção?

Ele morreram. Sim.

8) Como é o último herói? De que modo ele resolve o problema? O que ele representa?

É um simples homem.

9) Depois que o problema foi resolvido, o homem ~~se~~ foi embora, quem foi com ele? O que ele representa na história, comparando com um conto?

10) Este conto, apesar de não ser uma fábula nem ensinar uma lição e não fazer refletir sobre o nome mais de ser. Qual modo seria esse?

Estudo do conto

Tema: Que eram tão pequenas de Marina Colasanti

1) O conto maravilhoso é ficcional como todos os 3 contos lidos. Quais exemplos de fatos ilusitados, nunca vistos, podem ser encontrados neste conto?

As aranhas ter matado os 3 homens fortes, bonitos e atraentes pelas mulheres.

2) O povoado tinha um problema, qual era ele?

Foi as aranhas.

3) Qual foi a solução pensada pelo povo? Como eram as pessoas contratadas para solucionar esse problema?

Eles contrataram pessoas para resolver o problema; Os 3 primeiros homens fortes e bonitos que chamavam a atenção das mulheres.

4) Como é o 1º herói? Ele foi chamado por alguém? Como ele agiu? Quem?

Um belo moço, bem ataviado, de botas e chapéu de pluma; sim, pelo povo, bem ele não agiu pois antes dele matar as aranhas as aranhas o mataram.

5) ^{1º} E os 2 segundos? Como interpretar o fato de serem gêmeos? Como eles agiram?

2 homens mais fortes; o fato é que 1 homem forte seria bom, mas se fossem 2 homens fortes seria melhor; eles não agiram, pois as aranhas o mataram.

6) ^{1º} É possível dizer que os 3 primeiros heróis ilustram a força física? ^{1º} Explique.

Sim; pois serem fortes, bonitos e atraentes, pelas mulheres eles pensavam que iria conseguir mata-las, pois foi ao contrário as

7) De que modo esses heróis terminam? Seria possível dizer que eles foram vítimas da própria vaidade e presunção?

Elas morreram; sim pois as aranhas o mataram.

8) Como é o último herói? De que modo ele resolve o problema? O que ele representa?

Um homem comum; ele alimentou as aranhas; um homem inteligente e esperto.

9) Depois que o problema foi resolvido, o homem foi embora, quem foi com ele? O que ela representa na história, comparando com um conto de fadas?

A moça mais bonita da aldeia; ela quis ficar com o herói, no conto de fadas é ao contrário as belas esperam o

10) Neste conto, apesar de não ser uma fábula, nos ensina uma lição e nos faz refletir sobre o nosso modo de ser. Que modo seria esse? Usando a inteligência.

o primeiro. aranhas o mataram.

princípio.

Estudo do conto

E eram tão Pequenas de
marina coloranti

① O conto maravilhoso é ficcional como todos os 3 contos lidos. Quais exemplos de fatos inusitados, nunca vistos, podem ser encontrados neste conto?

De três contos lidos, o 1º tem como primeiro fato inusitado o começo e o fim, no 2º: O dono primeiro começa a ler no 3º: O 3º também se trata de um conto que tinha um cenário onde se abrem as portas.

② O porco tinha um problema, qual era ele?
Uma infecção de orelhas.

③ Qual foi a solução pensada pelo porco? como eram as pessoas contratadas para solucionar o problema?

Contrataram um mestre de escola da Holanda. O primeiro: Ele era um lobo magro, tinha certeza e um vestido. O 2º: Alto, largo e musculoso. O 3º:

④ Como é o primeiro lobo? Ele foi chamado por alguém? Quem? Como ele agiu?

Ele era um lobo magro, tinha certeza de tudo e era um vestido. Sem. Pelo porco.

⑤ E os segundos? como interpretar o fato de serem gêmeos? como eles agiram

Alto, largo e musculoso

⑥ É possível dizer que os três primeiros heróis ilustram a força física? Explique.

Não. Eles não lutam contra os orcs.

⑦ De que modo esses heróis terminam? Será possível dizer que eles foram vítimas da própria vaidade e presunção?

Sim. Eles não eliminaram os orcs.

⑧ Como é o último herói? De que modo ele resolve o problema? O que ele representa?

É um pouco medido, nem muito nem pouco, não era jovem nem velho, colecionando pedras de carne.

Pede no caminho. Ele representa um pouco, esperto.

⑨ Depois que o problema foi resolvido, o homem foi embora quem foi com ele, O que ele representa na história, comparando com o de todos.

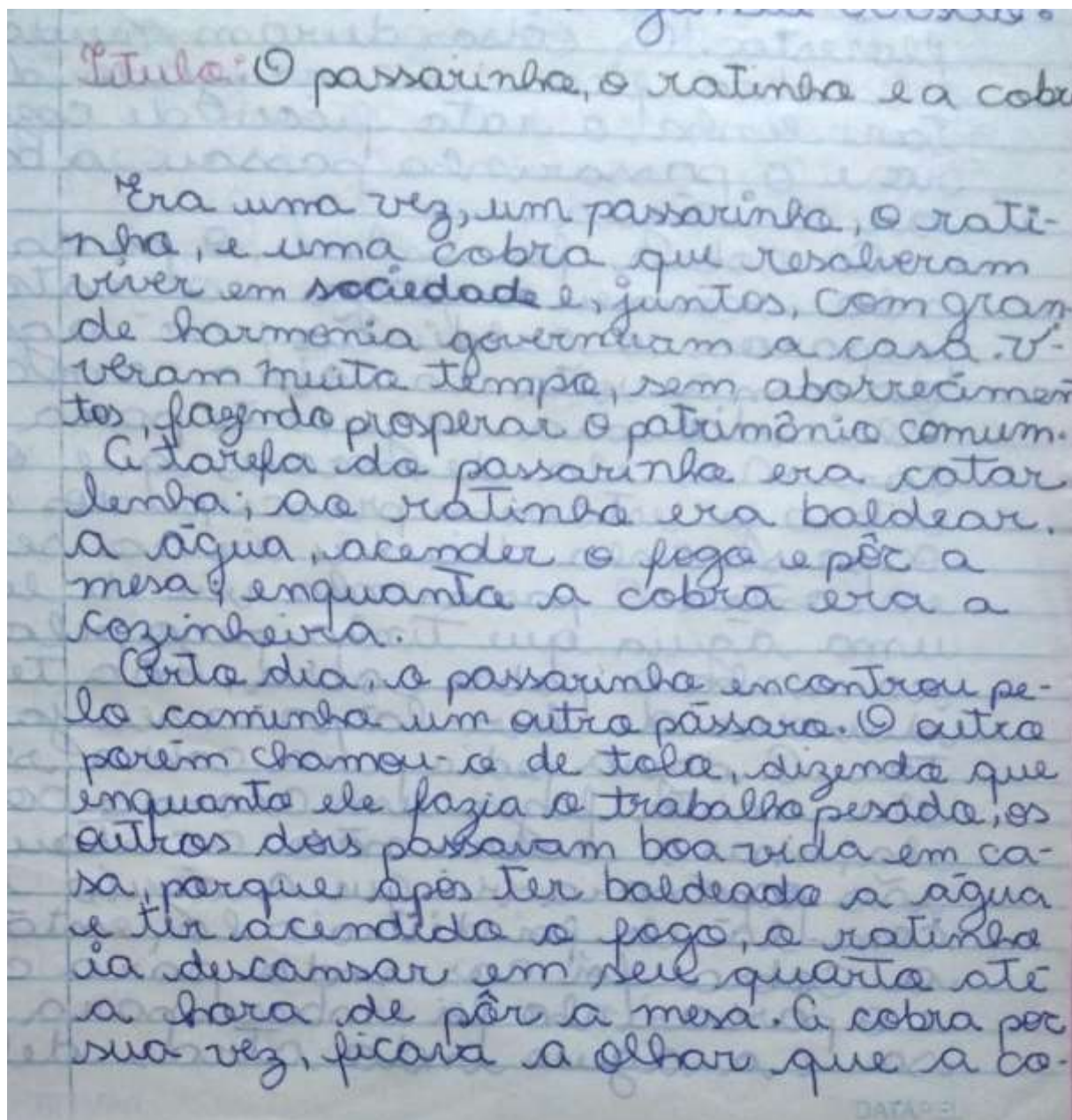
A moça mais bonita da aldeia,

⑩ Este conto, apesar de não ser uma fábula, nos ensina uma lição e nos faz refletir sobre o nosso modo de ser. Que modo seria esse?

Seu coração.

Anexo 4 – Produções Discentes Originais

4.1 Produção do discente A1



mida estivesse bem cozido, temperada e salgada. O passarinho chegava com as lenhas, jogava elas no canto e todos iam para mesa. Depois que todos comeram, iam deitar para seus quartos de barroca cheia até a manhã seguinte.

No dia seguinte, depois que o outro passara lhe encheu a cabeça, o passarinho não quis ir mais catar lenha no floresta. As coisas deviam mudar.

A cobra ficou encarregado de catar lenha; o rato ficou de cozinheiro e o passarinho passou a baldear a água.

A cobra foi lenhar, o passarinho acendeu o fogo e o rato preparou o caldinho; se aguardavam a volta da cobra com as lenhas do dia seguinte para jantar. Mas ela demorou que os outros já estavam preocupados que o passarinho decidira ir ao seu encontro. O passarinho viu de longe uma águia que tinha pego pela raminha a pobre cobra, não teve dúvidas de leva-la para seu jantar. A águia pediu para cobra se ela aceita fazer um acordo com ela, mas a cobra não aceitou, então o passara viu que a águia ia come-la ele foi distrai-la, então a cobra foi correndo para casa e o passarinho foi embora para casa e a águia indo atrás dele e

quando o pássaro entrou na casa ele bateu a porta na cara da água.

Então a cobra foi ver como a rata estava cozinhando e quem de ela entrou na cozinha, ele estava na ponta do pé para cair dentro da panela quente. Então a cobra saiu correndo e segurou seu rabo e puxou para trás e desligou o fogão. O rato pegou os pratos, colocou a comida e serviu para todos e foram dormir para o dia seguinte que será um dia bastante longo.



Escola Estadual José Amaro Rodrigues
Rua Duque de Caxias, 1224 - Centro - Artur Nogueira Tel.: 19 3827-3978.
Produção de Conto Maravilhoso - 4º Bimestre

Nome

Nº

Ano

Professora: Marina Cristiane Archangelo

2ª Versão

O passarinho, o ratinho e a cobra

Havia uma vez, um passarinho, o ratinho e uma cobra que resolveram viver em sociedade e, juntos, com grande harmonia governavam a casa. Viveram muito tempo, sem aborrecimentos, fazendo prosperar o patrimônio comum.

A tarefa do passarinho era catar lenha; o ratinho ~~era~~ de baldear a água, acender o fogo e pôr a mesa; enquanto a cobra era a cozinheira.

Certo dia, o passarinho encontrou, pela cominha um outro passaro. O outro, porém, chamou-o de tolo, dizendo que enquanto ele fazia o trabalho pesado, os outros dois passavam boa vida em casa, porque após ter baldeado a água e ter acendido o fogo, o ratinho ia descansar em seu quarto até a hora de pôr a mesa. A cobra por sua vez, ficava a olhar que a comida estivesse bem cozida, temperada e salgada. O passarinho chegava com as lenhas, jogava elas no canto e todas iam para mesa. Depois que todos comiam iam deitar em ~~para~~ seus quartos de barriga cheia até a manhã seguinte.

No dia seguinte, depois que o outro passaro lhe encheu a cabeça, o passarinho não quis ir mais catar lenha na floresta. As coisas

deviam mudar.

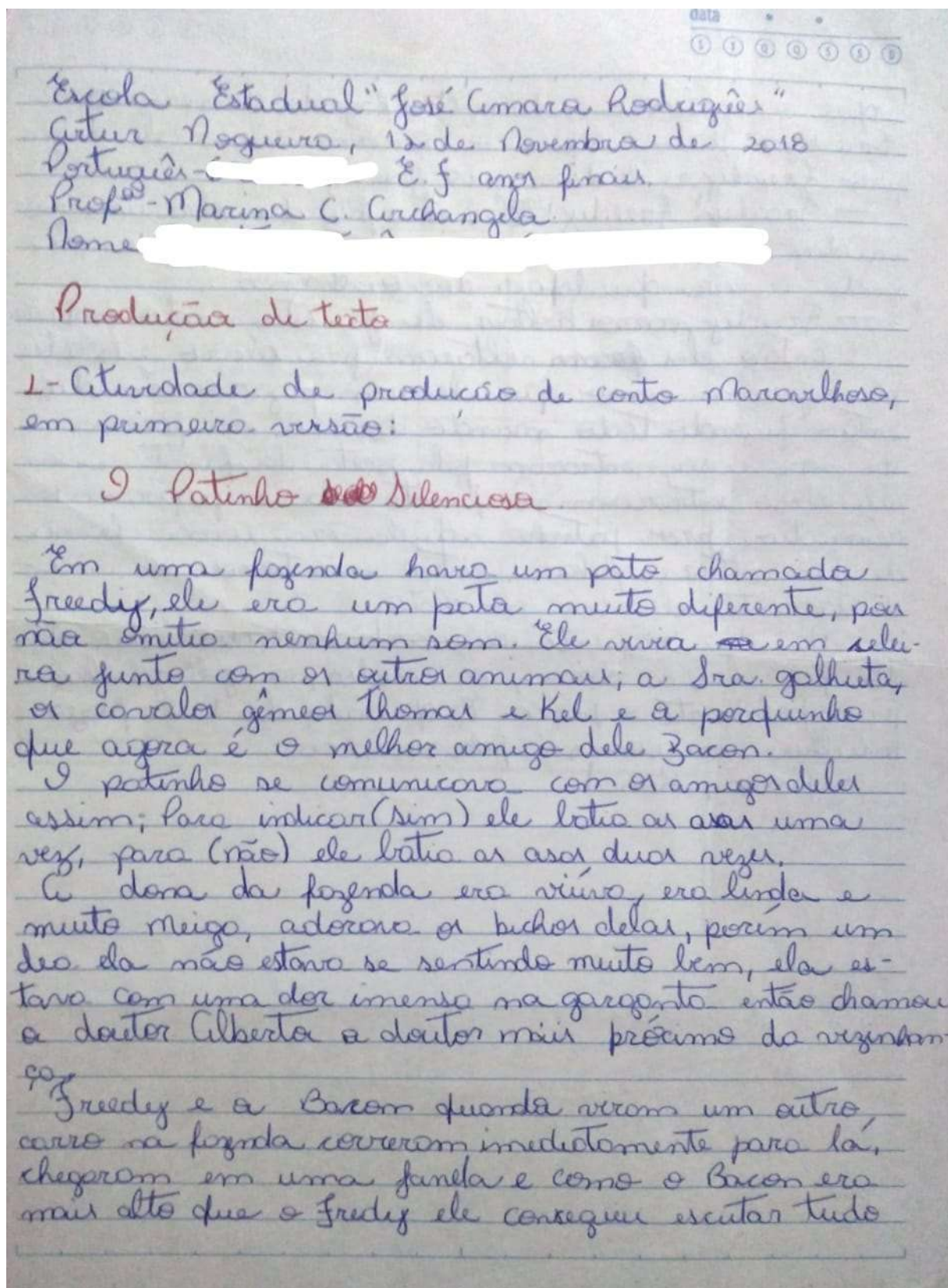
A cobra ficou encarregada de cozer lenha; o passarinho foi baldear a água e o ratinho preparou o caldeirão; so agor davam a volta do cobra com as lenhas do dia seguinte para jantar. Mas ela demonstrou que os outros já estavam preocupados, então o passarinho decidiu ir ao seu encontro. O passarinho avistou de longe uma água que tinha pegado pela caminho e a pobre cobra, não teve dúvidas de levá-la para seu jantar. A água pediu para a cobra se ela aceitasse fazer um acordo com ela, mas ela não aceitou, então o passarinho viu que a água ia comê-la, ele foi distrai-la, então a cobra foi correndo para casa e a água indo atrás dele quando o passaro entrou na casa ele bateu a porta no rosto da água.

Então a cobra foi ver como o rato estava cozinhando e quando ela entrou na cozinha, ele estava pra cozer dentro da panela quente. Então a cobra saiu correndo e sequeu seu rabo e puxou para trás e desligou o fogo. O Rato pegou os pratos, colocou a comida e serviu para todos e foram dormir de barriga cheia para o dia seguinte que seria um dia bastante longo também.

João III
Jim...o



4.2 Produção do discente A2



aquele o médico e a dona da fazenda conversaram:
~~Freedy~~ Judá, aquele o Barão ouvia, ele dizia
pro Freedy, e ele disse pro Freedy:

— Freedy, Freedy! Eles estão filando sobre um re-
médio e ele é tão bom mistão bom que ele
pode curar qualquer dor aí depois.

— Freedy vomer voltar ele já está indo embora.
Então eles ~~foram~~ voltaram pra selva e lá eles
planejaram como que eles iam pegar o remédio,
então quando todo mundo dormiu eles foram
lá na casa, entraram pela porta da frente e em
silêncio entraram no quarto dela e pegaram o
remédio, pro patinho aquela era uma chance
de ele voltar a falar, então ele tomou e ime-
diatamente ele cai no chão.

No dia seguinte ele acordou e todos estão olhan-
do pra ele, a dona, os cavalos, a galinha e
principalmente o porco. E quando ele tenta fazer
barulho um som sai pela sua boca.

— Bone, Bone!

 Escola Estadual José Amaro Rodrigues Rua Duque de Caxias, 1224 - Centro - Artur Nogueira Tel.: 19 3827-3978. Produção de Conto Maravilhoso - 4º Bimestre	
Nor. _____	Nº _____
Anor _____	Professora: Marina Cristiane Archangelo
2ª Versão	

O patinho silencioso

Em uma fazenda havia um pato chamado Freedy, ele era um pato muito diferente, pois ele não emitia nenhum som. Ele vivia em um celeiro junto com os outros animais; a Srta. galinha, os cavalos gêmeos Thomas e Kel e a periquita que agora é o melhor amigo dele, Bacon.

O patinho se comunicava com os amigos deles assim; para indicar "sim" ele batia as asas uma vez, para "não" ele batia as asas duas vezes.

A dona da fazenda era viúva, ~~era~~ linda e muito meiga, adora o bicho dela, porém um dia ela não estava se sentindo muito bem, ela estava com uma dor imensa na garganta, então chamou o doutor Alberto, o doutor mais próximo da vizinhança.

Freedy e o Bacon quando viram outra coisa na fazenda correram imediatamente para lá, chegaram em uma janela e como o Bacon era mais alto que o Freedy, ele conseguiu escutar tudo o que o médico e a dona da fazenda conversaram.

Tudo o que o Bacon ouvia ele dizia para Freedy e ele disse: ~~para~~ ~~dele~~

- Freedy! Freedy! Ele está falando sobre um remédio e ele é tão bom, mas tão bom que ele pode curar qualquer dor ou doença...

- Freedy vomitar voltou, ele já está indo embora.

Então eles voltaram para o celeiro e lá eles planejaram como ~~fora~~ eles iam pegar o remédio, então quando todo mundo dormiu eles foram lá na casa, entraram pela porta da frente e em silêncio entraram no quarto dela e pegaram o remédio, por patinho aquela era uma chance de ele ~~voltar~~ falar, então ele tomou e imediatamente ele caiu no chão.

No dia seguinte ele acordou e todos estavam ~~olhando~~ olhando para ele, a dona, os coelhos, a galinha e principalmente a peixe. E quando ele tentou fazer barulho, um som saiu pela sua boca:
- Rorc, Rorc!

4.3 Produção do Discente A4

Produção de texto

A Atividade de produção de conto maravilhoso, em primeira versão:

Atítulo: A emboscada

Em uma cidade bem distante há uma jovem de 17 anos seu desejo é se aventurar, mas sua mãe não deixa, a menina se chama Vorrayne da tem quatro amigos eles se chamam Alice, Victoria, Carlos e Vinicius.

Todos os dias os amigos de Vorrayne vão para a casa dela porque os cinco tem um grupo de estudo. Na escola todos são bem estudiosos, eles sempre andam juntos e todos sabem os segredos um dos outros.

Cabe isso que Alice, Victoria, Carlos e Vinicius sabem que Vorrayne gosta do Kevin.

No metade do ano, todos da escola foi convidado para uma festa, e os cinco amigos queriam ir mas tinha que pedir para a mãe da Vorrayne:

- Mãe meus amigos querem falar com você!
- Qual assunto?
- Vem aqui e vai saber!

- Cala!

- Oi Marcela! E se quiser saber se a Vorrayne pode ir em uma festa amanha?

- Sim. Mais cuidado com a minha filha viu! confio em vocs

- Obrigado! Idem!

- Idem

Então o esperado dia chegou, a festa rolando, por acaso ela encontra o Kevin e começa a dançar com ele

Passando alguns dias os dois marca um encontro perto de um penhasco maravilhoso penhasco, a vista era linda. Kevin com o seu plano em ordem, Vorrayne chega perto do penhasco para ver a vista, Kevin chega por trás e empura a Vorrayne.

No chão Vorrayne está desmaiada, passa alguns minutos e de uma vez, ela realmente sai viva após a sua queda.

- O que Vorrayne sobreviveu após eu ter empurado ela?

Ela sai correndo e nunca mais ninguém teve notícia sobre ele. Após varias pesquisas Vorrayne descobre que é uma fada!

Depois dessa descoberta ninguém mais soube de Vorrayne nem sua mãe nem seus amigos

FIM



Nome: _____

Nº _____

Ano/Série _____

Professora: Marina Cristiane Archangelo

2ª Versão

1º Voto: Apenas um lija-flor

Em uma cidade uma menina queria ir a uma festa, e a menina que ela gostava chamou-a para ir neste evento.

Chegando lá os dois começaram a dançar, passando alguns dias os dois marcaram um encontro, perto de um lindo penhasco.

A menina que se chamava Lorrayne, chegou perto do penhasco para ir a festa, porque o lugar era lindo e a menina que se chamava Jhonny empurrou-a.

A Lorrayne era rapidamente um lija-flor, e Jhonny sem entender nada saiu correndo, e nesta fuga fez uma breve pergunta:

- Lorrayne como você virou um lija-flor?

- Eu sou uma pessoa tão boa, que o universo não permite que eu morra, por isso virou um lija-flor!

Vários dias se passaram e Lorrayne, recebeu uma notícia, que o Jhonny teria sofrido um grave acidente, e que ele foi estaca a lixa da morte.

Como Lorrayne era uma pessoa boa vai ao hospital, e acaba vendo, a morte de Jhonny!

Um ano se passa após a morte de Jhonny e ninguém mais teve notícia alguma de Lorrayne.

4.4 Produção do Discente A6

A6

Escola Estadual José Amaro Rodrigues
Rua Duque de Caxias, 1224 - Centro - Artur Nogueira Tel.: 19 3827-3978.
Produção de Conto Maravilhoso - 4º Bimestre

Nome: _____ N: _____
Ano/Sé: _____ Professora: Marina Cristiane Archangelo

2ª Versão

O anel mágico

Três amigos foram acampar para se divertir nas férias.
Então os três combinaram que dois iriam pegar galhos para fogueira, e um para ficar montando as barracas, então foi eles fazer as coisas que eles tinham combinado.

Peter e Margo foram buscar galhos, de repente:

- Aaaah!

Ouviram um grito, e esse grito era de Jennifer. Correram para ver o que era, chegando lá, um urso queria pegar a Jennifer.

Então Margo pegou um galho grande para bater no urso, mas o urso virou e rugiu para ela, mas Margo com medo saiu correndo.

Cite que o urso falou: "Me dá esse anel?" Jennifer respondeu: "Porque?". "Para que eu possa virar ser humano!" - então disse o urso.

Jennifer falou que não adiantava pegar o anel da mão dela para o urso, só ela que podia tirar o anel.

O urso perguntou:

- Você pode me emprestar?

Ela disse:

- Sim, porque você não falou para mim antes!

Então o urso falou obrigado para a

menina, e se transformou em um humano.

O homem ficou tão feliz, e contou a história para eles de como virou um urso.

FIM

4.5 Produção do Discente A8

A8

 Escola Estadual José Amaro Rodrigues Rua Duque de Caxias, 1224 - Centro - Artur Nogueira Tel.: 19 3827-3978. Produção de Conto Maravilhoso - 4º Bimestre	
Nome: _____	Nº _____
Ano/Série: _____	Professora: Marina Cristiane Archangelo

2ª Versão

Título: A má sorte

Em um dia de muito sol, em que no final da tarde mudou completamente o tempo, havia uma família muito feliz que, através de uma enchente, ela foi destruída, mas a pé de Cima uma menina apegada aos pais, obediente, que sabia se virar foi tanta que ela não ficou tão triste apenas ficou sem abrigo, alimento e sem companhia e que ela adorava.

Por alguns dias, ela foi andando e pedindo ajuda. Alguns ajudaram outros não, ela seguiu andando e andando, até que encontrou uma mata, onde lá fez amizade com a Coral uma serpente que não se adaptava com qualquer pessoa ou animal, mas com Cima ela se deu super bem tanto que viraram melhores amigas, onde Cima e Coral pediam contar os segredos uma para outra. Coral amava ajudar o próximo então Cima contou sua história:

— Eu perdi meus pais quando deu, uma enchente em minha cidade e nunca mais vi eles.

Coral falou:

— Sabe uma ideia que tal voltarmos para a cidade e perguntar se alguém conhece seus pais?

Cima disse:

— Boa ideia! Vamos quero encontrar

4.6 Produção do Discente A9

A9

 Escola Estadual José Amaro Rodrigues Rua Duque de Caxias, 1224 - Centro - Artur Nogueira Tel.: 19 3827-3978. Produção de Conto Maravilhoso - 4º Bimestre	
Nome: _____	Nº _____
Ano/Série: _____	Professora: Marina Cristiane Archangelo
2ª Versão	
Título: <u>A Caverna</u>	
Era um dia qualquer, caçando para minha esposa para ela preparar o jantar. Quando encontrei uma caverna, era bem longe da minha casa, então decidi corajosamente entrar lá dentro, tinha um monte de insetos estranhos. Fui mais pra frente até que surgiu uma luz muito forte, era um ser muito estranho, ele tinha cabeça de água e corpo de leão, fiquei com muito medo e não correndo de lá de dentro da caverna. minha esposa perguntou: — O que aconteceu? Por que demorou? — respondeu Alenc — Nada não consegui de tanto caçar, + E ele todo apavorado não quis demonstrar o medo para esposa. No dia seguinte fui lá de novo e a floresta parecia mais assombrada, não ouvia nem se quer nenhuma pássaro cantando a caverna estava mais medonha, fui até onde o ser estranho estava, mas só que dessa vez eu não sou mais correndo, fui chegando mais perto, cada vez mais perto, e ele estava fazendo um barulho esquisito, então fui até ele, e ele se aproximou pouco de mim, fiquei completamente parado, e ele me cheirou, mas eu acho que ele estava com fome então sai da caverna e fui caçar um coelho, e quando voltei na caverna eu dei a carne para ele, ele comia com uma vontade enorme de animal faminto, então voltei para minha casa e fui dormir mas sonhava com ele. Eu então voltei lá novamente e ele estava contente, alegre, feliz e parecia que ele era um animal muito fofo, então pensei "acho que vou dar um nome pra ele", e ele então começou a chamá-lo de Shay e não estranho. Começou a ir na caverna todos os dias, "tinha uma ideia" para eu não passar sem aqui todos os dias vou levar ele para minha casa, peguei ele e coloquei dentro da bolsa e fui para casa. Quando cheguei em casa não deu um minuto e ele já não dispunha e minha esposa ficou paralisada por um minuto e falou:	

— Citar o que está acontecendo — e ele responde!
 — Calma mas calma quero te apresentar a Shay o meu estranho —
 — Me explica o que é isso? Shay, quem é Shay, não é daí
 de nos não podemos ter um animal doméstico? Você ligar para polícia — Alvo sus-
 pende.
 — Você não pode ligar para polícia entendem? Se pode ficar entre nós —
 Jamais responde.
 — Sim, duvidosamente mas, com o paramento dizendo que ia ligar para
 polícia não ele sabia.
 O Alvo foi caçar e quando voltou a polícia já tinha levado o Shay.
 Alvo ficou muito bravo com a tática e foi atrás do Shay, logo se surgiram
 nos jornais, nos programas de TV, nos murais e etc.
 O mundo ficou sabendo, e com tanta fama as pessoas queriam matar
 Shay mas não sabia o mundo que Shay tinha uma mãe, e ela estava muito
 furiosa procurando o pequeno Shay e Shay estava tentando correr mas as
 pessoas não ligavam para ele, ele fazia de tudo para chamar atenção mas ninguém
 ligava.
 Alvo chegou onde Shay estava e entrou na sala de finados e achou o
 Shay e destrancou a grade e tirou o Shay de lá, e a mãe de Shay
 já havia sido da sua guarda, com enorme dentes, cabeça de bois e corpo de
 aguião, já estava atacando a grade então Alvo levou o Shay de volta para sua
 mãe e ele ficou tão feliz que podia respirar de alegria, então Shay teve que
 se despedir de Alvo e Jamais, porque voltou embora com sua mãe.

4.7 Produção do Discente A10

A10

 Escola Estadual José Amaro Rodrigues Rua Duque de Caxias, 1224 - Centro - Artur Nogueira Tel.: 19 3827-3978. Produção de Conto Maravilhoso - 4º Bimestre	
Nome: _____	Nº _____
Ano/Série: _____	Professora: Marina Cristiane Archangelo
2ª Versão	

A maldição da família J

Em uma família, havia um ritual e era assim: todo mundo daquela família tinha que começar com J, porque se alguém tivesse um filho que começasse com outra letra rolou ser J, a família inteira seria amaldiçoada.

Em uma casa, morava uma mãe chamada Júlia de 34 anos, um pai chamado Júlio de 40 anos e uma filha chamada Juliana de 29 anos, que ainda morava com seus pais, e estava grávida de um menino, e estava se preparando de seu marido.

Ela estava dando um nome para o menino, mas como ela não sabia do ritual ela colocou o nome do menino de Felipe.

Então toda sua família foi amaldiçoada, mas para não haver mais maldições, a família inteira, menos a pessoa mais velha, teria que morrer.

No dia em que os meninos souberam o nome do menino todos ficaram laivos e a moça Juliana não estava entendendo nada, a mãe dela replicou tudo, mas o menino já havia nascido.

A mãe do menino ficou muito nervosa e quase matou o bebê, mas sua melhor amiga não deixou, então ela resolveu pegar o menino para cuidar, e a mãe de Felipe aceitou, mas a mãe nunca mais pôde ver o menino.

Mas, como o bebê foi doado, ninguém teve

que menos, mas o coração da mãe da saque-
no ficou partido, mas passou-se alguns anos, Ju-
liana assumiu outro marido e, teve outro fi-
lho que se chamava João, e depois de tudo a-
quilo que aconteceu, ficou tudo bem.

~~preciso~~
Fim

que menos, mas o coração da mãe da saque-
no ficou partido, mas passou-se alguns anos, Ju-
liana assumiu outro marido e, teve outro fi-
lho que se chamava João, e depois de tudo a-
quilo que aconteceu, ficou tudo bem.

~~preciso~~
Fim

4.8 Produção do Discente A12

A12

 Escola Estadual José Amaro Rodrigues Rua Duque de Caxias, 1224 - Centro - Artur Nogueira Tel.: 19 3827-3978. Produção de Conto Maravilhoso - 4º Bimestre	
Nome: _____	N: _____
Ano/Série: _____	Professora: Marina Cristiane Archangelo
2ª Versão	

Uma aventura que muda!

Logo não é um conto qualquer, é sim um conto diferente e vou contar do começo.

Tudo começou quando eu era pequeno via aqueles aventureiros fazendo coisa que só ele e a equipe dele sabia fazer, e eu sempre dizia:

— Não eu quero ser igual a eles.

E esse dia eu esperei, esperei e esperei até esse dia chegar, horas, dias, semanas, meses, anos até chegar o dia que eu quero que chegue.

Depois de alguns anos:

O meu dia chegou, eu até montei minha própria equipe, e um máximo quer ver, primeiro por mim eu sou o Felipe corajoso, e tenho habilidade em espada, Jefferson, super forte mau bruto, Carla, habilidade com arco e flecha, bonito e por último Gabriel inteligente e meio, tal as apresentações foi feitas agora vamos lá que começa a nossa aventura começa em alta mar, ilhas e outros.

— Chefe para onde nós vamos (disse Jefferson)

Espera até nós chegarmos, falta pouco

— Chefe, calculei o resultado, falta 5 Km para o nosso destino (disse Gabriel)

— Chefe, ali na frente o que é aquilo (disse Carla)

Olha nossa primeira aventura, deve ser fácil

São andando aquela ilha mau estrombo com barcos quebrados e pessoas em ossos, e medo, mais, só coragem é o que sobra para nós.

Então entrando na ilha que batizamos "ilha do medo" nós andamos na areia presti a chegar no meio da floresta e caímos num buraco.

— uuuuh!!! (disse Gabriel)

— aaaaa hhhh!!! (disse Carlo)

— uuuuu hhhh!!! (disse Felipe)

— Tchali!!! (disse Jefferson)

Até chegar todo mundo com suas armas apontadas para o inimigo mais desconfiante o inimigo era um dragão e eu disse:

— Todo mundo fazendo cara de mau! (disse Felipe)

Atacamos o dragão contra o nosso ataque com as armas e a gritaria.

Meus meios o problema ele não deixavam não passar porque ele também gerpi fogo, mais não desistia — mas até vencer esse dragão mais não era fácil vencer mais, no difícil isso.

Meus desconfiante o dragão disse:

— Eu não quero lutar com vocês (disse o dragão)

— Uque!!! então o que você quer em troca para nós pararmos (disse Felipe)

— Meu nome é Toby é que eu preciso de alguém comigo, amigo (disse Toby)

Dei pra lá aceitamos ser amigos do dragão Toby e eu Felipe, Carlo, Jefferson, Gabriel e o nosso novo recruta Toby, aí a gente ci ilho do medo, de a ilho da aventura, fim do conto, falou!

4.9 Produção do Discente A13

A13

 Escola Estadual José Amaro Rodrigues Rua Duque de Caxias, 1224 - Centro - Artur Nogueira Tel.: 19 3827-3978. Produção de Conto Maravilhoso - 4º Bimestre	
Nome: _____	Nº: _____
Ano/S: _____	Professora: Marina Cristiane Archangelo
2ª Versão	

A família do macaco

Numa floresta bem longe daqui vivia uma família de macacos. Eles viviam muito felizes em uma aldeia, e nela havia muita música e festas.

O pai do menino ia fazer uma festinha surpresa para ele, Nesse dia estavam tudo muito lindo.

Quando todos estavam felizes de repente chegou uma tempestade muito forte que saiu destruindo tudo pela frente.

Quando a tempestade havia passado as famílias dos macacos estavam todos arrastados, o menino macaco seu pai e sua mãe haviam perdido tudo.

Depois daquele dia eles decidiram que não daria mais para continuar morando ali, eles não sabiam para onde ir.

Eles viajaram por muitos dias e não tinham mais esperanças. Já estavam sem água e sem comida não tinha ninguém que ajudasse. Quando eles pensaram que nunca ninguém tinha visto, um lugar tão bonito e alegre para viver feliz. Nesse lugar havia um lago mágico que realizava desejos.

Apartir daquele dia eles passaram a viver com música e alegria.

4.10 Produção do Discente A14

A14

 Escola Estadual José Amaro Rodrigues Rua Duque de Caxias, 1224 - Centro - Artur Nogueira Tel.: 19 3827-3978. Produção de Conto Maravilhoso - 4º Bimestre	
Nome: _____	Professora: Marina Cristiane Archangelo
Ano/Série: _____	2ª Versão

Um aventurador de J.P.

Certa manhã em uma vila distante, Juliana acordou mais cedo do que de costume para passear na floresta.

Quando chegou na floresta avistou algumas flores perto do riacho e se aproximou, quando viu um reflexo na água olhou para trás viu que era um coelho, já estava ficando tarde ela resolveu voltar, de repente ouviu alguém lhe chamar.

Olhou para trás e viu que era o animal que a chamara arrastado pois tinha uma colcha atrás dele, então a menina o levou junto, Juliana começou a chamar de J.P.

Depois de alguns dias quando a mãe da menina buscava água no poço, comentou com algumas moradores da vila sobre J.P. entre elas estava a mulher de um caçador do qual logo ela foi falar do coelho. O caçador capturou o coelho para vender ao circo e ganhar dinheiro.

Quando o homem foi fechar negócio com o circo J.P. conseguiu falar com alguns animais no qual o ajudaram depois de muito fugiu e saltou para a menina.

4.11 Produção do Discente A15

A15

 Escola Estadual José Amaro Rodrigues Rua Duque de Caxias, 1224 - Centro - Artur Nogueira Tel.: 19 3827-3978. Produção de Conto Maravilhoso - 4º Bimestre	
Nome: _____	Nº: _____
Ano/Série: _____	Data: _____

2ª Versão

Sonhos que podem se realizar

Em um dia belo e normal naquele cidadezi-
nho, um garoto adorava ir em uma cascata
perto de sua casa. Ele ia quase todos os di-
as, e sempre falava de seu sonho que era
ser um lindo sereio com o seu nome Pélo.
No dia seguinte ele voltou e sentou em uma
pedra para admirar a linda paisagem, e ele
contou de seu sonho de ser um lindo sereio
com seu nome Pélo, de repente a cascata
foi que seu sonho pode se realizar se ele
achar um livro que ele lia quando era
pequeno.

No outro dia, ele acordou bem cedo para
tentar achar o livro, pegou e foi de nada.
Onde pode estar dentro de minha casa?
Ele lembra que tinha um seton embai-
xo de sua casa, e corre para lá e bem
abaixo de seu baú que só tinha lembranças
de quando ele era mais menor e achou o
livro e esperou para ir no outro dia, por
que foi estorvo tarde para ir, e seu mal
não ia deixar ele ir.

Chegou o dia que ele tanto esperava, pegou
o livro e correu para a linda cascata sen-
tou-se na pedra e leu a sua história, e
ela viveu a lindo sereio com seu nome Pé-
lo e ela disse que nunca ia esquecer esse
dia, durante a semana ele fez novos ami-
gos na cascata e ele disse que até que

sua morar lá e a corcato sempre fala
no com ele

— Corcato: "eu também tenho sonhos e não
posso realizar"

— Perola: "Porque?"

— Corcato: "Porque todo mundo tem um so
nho para se realizar e o meu foi fazer
todas as pessoas que vivem aqui ser feliz!"

— Perola: "Nesse que, legal seu sonho foi ser
as pessoas felizes!"

E assim Perola tornou-se a princesa
dos oceanos e foi feliz para sempre.

4.12 Produção do Discente A16

A16

 Escola Estadual José Amaro Rodrigues Rua Duque de Caxias, 1224 - Centro - Artur Nogueira Tel.: 19 3827-3978 Produção de Conto Maravilhoso - 4º Bimestre	
Nome: _____	Nº: _____
Ano/Série: _____	Assina: Marina Cristiane Archangelo

O sonho de ser marinheiro

Em 1937 nasceu um menino chamado Pedro, ele era magro, tinha cabelo grande e era bonitinho. Ele morava em uma casa pequenina e sua família era pobre.

Pedro aos 7 anos tinha um sonho de ser capitão, mas ele não tinha como aprender porque sua família era pobre.

Sua mãe Felice, sua mãe Ana, seu irmão João e sua irmã Joana trabalhavam uma pessoa que trabalhava na marinha, Pedro pediu ajuda para ele e ele aceitou. Todos os dias Pedro trabalhava.

Quando Pedro completou 18 anos ele não comemorou muito o seu aniversário, ele só trabalhou porque na semana seguinte era a festa dele. Na ele entrou na marinha.

No dia da festa Pedro estava nervoso mas ele estava feliz. Depois de algum tempo a família de Pedro recebeu a notícia que ele era muito bom e tinha passado no teste.

Pedro muito feliz fez o seu primeiro treino na marinha.

Depois de alguns anos Pedro conseguiu realizar seu sonho de ser capitão. Mas o país de Pedro entrou em guerra com outros países na marinha. Pedro sendo capitão levou o seu pequeno e velho barco para a guerra.

Na guerra outros países lançaram uma bomba em direção ao barco de Pedro e o barco afundou.

Pedro lá no fundo do mar encontrou um

mago e começou a se comunicar com o mago. Ele
fez com o mago lançar um feitiço no barão
para parar e apurar as bombas.

E de repente o barão começou a parar e des-
truir as outras bombas e Pedro muito feliz
venceu a guerra.

Barão por ter vencido a guerra ficou mui-
to famoso e ficou rico, Pedro e a família dele
foram muito felizes até o final de suas
vidas.

4.13 Produção do Discente A17

A17

 Escola Estadual José Amaro Rodrigues Rua Duque de Caxias, 1224 - Centro - Artur Nogueira Tel.: 19 3827-3978. Produção de Conto Maravilhoso - 4º Bimestre	
Nome: _____	Nº: _____
Ano/Série: _____	Professora: Marina Cristiane Archangelo
2ª Versão	

Batalla pela fénix

Em uma dimensão diferente e em um mundo qualquer era feita uma batalha de vida ou morte, onde só um ganhava, não era a emoção que os fazia participar, e sim a prêmio que era o poder da fénix, o poder que era superior aos outros. Os pessoas mesmo com medo, participavam, pois estavam com uma coisa um desafio com grande prêmio.

Das muitas que se inscreveram apenas quatro foram escolhidos: Zean, Zeldrin, Black e High. Dos quatro Black e High já tinham poder. Black tinha a magia negra e High a magia clara.

Quando a batalha começou Black e High logo se enfrentaram, afim de eliminar os mais fracos. Zeldrin e Zean formaram uma dupla. Quando Black conseguiu matar seu inimigo já estava muito cansado e aí Zeldrin aparece e mata Black, Zean choca com a sua morte fugiu e a partir daí os dois se tornaram inimigos.

Quando ele resolveu ir ao vulcão que ficava no centro da floresta Zeldrin estava lá procurando a mesma coisa, os dois tem uma grande luta e aí é revelado que Zeldrin tem o poder da arvore e vai logo dando uma facada na cabeça de Zean e jogando no vulcão. Em seu ultimo suspiro ele encontra o poder que estava logo abaixo dele.

Zean consegue pegar o poder, mas elevar até a borda do vulcão, nesse meio tempo a ferida em seu corpo se cura, e então os dois voltam a lutar. Zeldrin estava em desvantagem nessa luta, então usa seu poder para reanimar High e Black dos mortos e lutar contra Zean. A luta foi difícil ataquem em todos os lados e nos ultimos suspiros de Zeldrin, ele se fundi com os mortos e se jogou no lava criando um monstro de lava.

Foi a luta mais complicada de Zean, ficou a lava do monstro variando a cor, mas seu poder a curava, até que mesmo tendo a desconfiança ele cria uma fénix e atravessa o corpo de Zeldrin sem acabar com a batalha.

Quando ele finalmente saiu de lá com seu poder para ajudar com aquilo, porque não tinha mais morte.

4.14 Produção do Discente A18

A18

Escola Estadual José Amaro Rodrigues
Rua Duque de Caxias, 1224 - Centro - Artur Nogueira Tel.: 19 3827-3978.
Produção de Conto Maravilhoso - 4º Bimestre

Nome: [redacted] Nº: [redacted]
Ano/Série: [redacted] Professora: Marina Cristiane Archangelo

2ª Versão

Um dia Pedro estava andando na calçada e caiu em um buraco. Sem saber o que fazer foi andando até até que chegou ao centro da cidade. Então disse:

— Onde estou, como vim parar aqui?

Depois de andar bastante em lugares muito diferentes até que chegou onde queria.

Depois de não ter chegado na metade do mundo ele conheceu várias pessoas e lugares, encontrou uma tartaruga que disse:

— Qual é o seu nome? (disse a tartaruga)

— Meu nome é Pedro e o seu? (disse Pedro)

— Nelly.

Pedro estranhou uma tartaruga falar. Depois a tartaruga ajudou o Pedro mas a tartaruga era sempre muito rápida. Demorou muito tempo para ele chegar onde ele queria. Mas Nelly ficou doente, Pedro ficou muito triste mas Nelly se recuperou e ninguém mais separou os dois.

4.15 Produção do Discente A19

AM

 Escola Estadual José Amaro Rodrigues Rua Duque de Caxias, 1224 - Centro - Artur Nogueira Tel.: 19 3827-3978 Produção de Texto Maravilhoso - 4º Bimestre	
Nome: _____	Nº: _____
Ano/Série: _____	Professora: Marina Cristiane Archangelo
2ª versão	

O Vizinho novo

Em uma cidade do interior morava uma família muito querida por todos que morava lá na cidade. Nesse caso morava a mãe, o pai, os dois filhos e os dois animais. Eles viviam em um ambiente de muito paz e também muito amor. Lá tinha um cachorro e uma gatinha. Chamada princesa e mamãe, eles podiam fazer tudo o que quisessem, achavam que eles eram livres.

Certa dia mamãe muito doentia ficou. Tinha febre, com príncipes, que era muito alta. Se não era quando queria.

então mamãe falou:

- Princesa, você é princesa?

princesa respondeu:

- Não! Sou daqui mamãe

mamãe disse:

- Tá bom

mamãe foi até seu dono João para pedir para sair de casa um pouco, mas como os donos não acreditavam que ele falava, então mamãe ficou agitado. João viu e soltou mamãe.

mamãe foi fazer suas necessidades perto da plantação do vizinho. O vizinho colocou veneno e não gostou nada. No dia dos dias mamãe foi fazer suas necessidades. So naquela plantação e o vizinho só com uma rede, aguentou e perdeu a paciência e decidiu matá-lo.

Dias foi de passarinho mamãe ficou sabendo que o vizinho queria matá-lo, então foi correndo.

Contar para Seu dono João:

- João a Virgínia quer me matar!

Essa João:

- Nossa Vozé faz mesma! não pode ser Verdade
mamam então falou.

- Sim a Verdade mas em fim a Virgínia quer
me matar!

- Fica calma mamam sou falso com meus pais.

Então João falou tudo para Seus pais, Seus pais
dormiram a noite e tudo foi resolvido. a Virgínia
Nunca mais pertence aquela família.

Fim

4.16 Produção do Discente A21

A21

 Escola Estadual José Amaro Rodrigues Rua Duque de Caxias, 1224 - Centro - Artur Nogueira Tel.: 19 3827-3978. Produção de Conto Maravilhoso - 4º Bimestre			
Nome:	[Redacted]		Nº
Ano/Série:	Data:	Professora: Marina Cristiane Archangelo	
2ª Versão			

O melhor amigo

Quando eu tinha 10 anos eu ganhei um animalzinho muito fofo, na hora batizei de Nerosca porque estava muito frio naquela hora.

Na noite mais fria na minha casa junto com a minha família me elogiando, como eu era forte e bonito, e como a Nerosca era fofo.

Mas agora temos que fugir do exército de SichiBukai, a minha vila estava destruída, com ajuda do meu pai consegui fugir, para uma caverna ficando-lá por 8 anos.

Cite que eles nos encontraram, prendendo nós dois, o SichiBukai veio até mim para conversar.

- SichiBukai = Qual é o seu nome?
- Desconhecido = Mael.

Depois de ter uma conversa começaram uma guerra contra SichiBukai, que era a vila do fogo.

E a vila do fogo estava ganhando, o Mael e Nerosca fugiram de lá e foi ajudar a vila do fogo.

Mas o SichiBukai tinha um exército de dragões, com isso a vila do fogo estava perdendo.

Mas quando o Nerosca fugi, aparece um exército de dragões de todas as espécies.

Com isso conseguiram ganhar e libertar os prisioneiros e Mael e Nerosca se uniram com a vila do fogo.

Foco Nerosca
1º ao 3º p.

4.17 Produção do Discente A22

A22

 Escola Estadual José Amaro Rodrigues Rua Duque de Caxias, 1224 - Centro - Artur Nogueira Tel.: 19 3827-3978. Produção de Conto Maravilhoso - 4º Bimestre	
Nome _____	Nº _____
Ano/Série _____	Professora: Marina Cristiane Archangelo
2ª Versão	

Tudo pelo amor

Em 1980, um ano onde nasceram duas pessoas especiais um menino chamado Pedro e uma menina chamada Amanda. Ele nasceu em alguns anos e os dois cresceram, eram gelos, mas felizes, então seus pais vieram casar na favela. A barraca de Pedro ficava do lado da barraca de Amanda, então os dois se conheceram, e a cada dia ficaram mais amigos.

Quando os dois tinham 13 anos seus pais permitiram eles para namorar, então os dois começaram a namorar. Não demorou muito para um homem rico e muito dedicado ao trabalho, admirar a beleza de Amanda e como ela era muito rica e sua família estava com muitas dificuldades, Amanda se separou de Pedro e ficou com Felipe, e o pior é que Amanda não gostava dele.

Quando ela deu o seu primeiro beijo com Felipe, ela começou a ver uma bela menina que nunca viu, antes parecia uma pessoa real, mas não era, e a menina falou "Oi meu nome é Fernanda, por favor fique com Pedro e seu grande amor". E Amanda ficou que não acreditou. Depois Fernanda foi até a casa de Pedro falou a mesma coisa que disse para Amanda "Oi meu nome é Fernanda". E ele pensou que estava louco e também falou para ele tentar fazer alguma coisa disse a menina, até que Pedro mudou de ideia e percebeu que não estava louco mas pensando que Amanda gostava realmente de Felipe e falou "Eu não posso fazer nada". E triste a menina foi em casa.

Um dia Felipe foi trabalhar em seu prédio e se despediu de Amanda. "Tchau amor" (disse ele), e quando chegou em seu trabalho e abriu a porta, ladrões lhe ameaçaram dentro de seu prédio e falaram pra ele "de todo o dinheiro que você tem aqui". Felipe como amava o seu dinheiro não deu e os ladrões atiraram nele até a morte e como Felipe não tinha mais nenhum familiar toda a sua riqueza ficou para Amanda.

Como ela soube da notícia ficou muito triste, mas trouxe dinheiro para sua casa e se casou com seu grande amor de infância, Pedro.

Dias, semanas, meses e anos se passaram até que Amanda dá a luz a um belê era uma linda menina se parecia muito com a menina que eles viram então colocaram o nome dela de Fernanda e quando a bela menina cresceu mais perceberam que era, sim, a Fernanda que eles viram, e viveram felizes até o resto de suas vidas.

4.18 Produção do Discente A23

A23

	Escola Estadual José Amaro Rodrigues Rua Duque de Caxias, 1224 - Centro - Artur Nogueira Tel.: 19 3827-3978. Produção de Conto Maravilhoso - 4º Bimestre	
Nome:		Nº
Ano/Série:	Professora: Marina Cristiane Archangelo	

2ª Versão

Amizade é tudo

Em um belo dia, um grupo de tamanduas brincavam todos felizes, mas havia um problema entre eles. Um dos tamanduas era diferente, ele não comia formigas, e por esse motivo Billy sofria bullying de seus colegas tamanduas.

Certa manhã Billy, foi convidado de ser zueiro, saiu andando em direção ao lago, quando trocou com duas formigas, uma chamada Tico e a outra chamada Teca, que logo perceberam a tristeza no olhar de Billy, então Tico foi conversar com ele e o convidou para almoçar no formigueiro. Quando Billy chegou lá, todos as formigas correram dele, mas ele o tamandua anunciou que não comia formigas, e por isso ficou assustado, mas com o tempo foram acostumando com a ideia de ter um amigo tamandua.

Billy criou uma amizade muito forte com Tico e Teca. Certo dia, quando os 3 estavam brincando, Billy decidiu se abrir e contar seu grande sonho a Tico e Teca. O sonho de Billy era se tornar uma formiga, como seus amigos. Tico e Teca tiveram a mesma ideia, de contar sobre a lenda do lago, que realizava desejos, o tamandua super alegre, correu até o lago, fez seu desejo e tomou um gole da água.

Horas depois, a grande surpresa! Billy tinha realizado seu desejo. Tico e Teca choraram de emoção por ver seu amigo tão feliz, e Billy muito feliz pois sabia que não seria mais rejeitado e que ele tinha uma nova família de formigas, que amava mais do que sua família de sangue.

4.19 Produção do Discente A27

Escola Estadual José Amaro Rodrigues Rua Duque de Caxias, 1224 - Centro - Artur Nogueira Tel.: 19 3827-3978. Produção de Conto Maravilhoso - 4º Bimestre		A27
Nome:		
Ano/Série:	Professora: Marina Cristiane Archangelo	
2ª Versão		

Título: O Salário

Havia uma fazenda, e ~~em~~ nesta fazenda havia dois contêineres, de alface e de ameixas.

O contêiner dos alfaces era do fazendeiro, e o dos ameixas era da fazendeira. Eles tinham sempre brigadiço e competindo, para ver qual era o melhor.

Todos os dias, a ~~fazenda~~^{pomela} branca sentava sobre a cerca e ouvia as reclamações e ofensas dos alfaces do contêiner da direita e as ameixas do contêiner à esquerda.

A pomela, toda da paz, sempre tentava apaziguar as coisas: tentava mostrar para aqueles vizinhos que ambos eram importantes.

Não também havia uma raposa muito intrigante, que adorava causar mais discórdia ainda.

Um dia, foi anunciado um concurso para aquela vizinhança, para o melhor prato, que seria premiada.

Então, logo começaram os preparativos, e também as brigas, para decidir qual prato faria. O fazendeiro só fazia alfaces e a fazendeira só ameixas. E assim foi, eles lutaram no concurso, cada um com o seu.

A raposa, que estava só de olho, viu que os pratos estavam se igualando, então fez fazer uma de suas baguicões, a raposa foi lá e misturou os ameixas e os alfaces, e saiu naturalmente, como se nada tivesse acontecido.

Na hora da votação, quando os jurados foram votar, o fazendeiro e a fazendeira viram que seus pratos estavam misturados, mas não tiveram o que fazer, por isso ficaram quietos.

Então quando os jurados foram prontos, todos ficaram tensos, nervosos, esperando o resultado. E a raposa se esfregando uma mão na outra. Quando os jurados anunciaram... Que a fazenda e a fazenda, tinham ganho. Eles ficaram felizes, e prontos, e também dizem que era realmente bom, e que se completaram. E assim eles pararam com as brigas, e a rivalidade entre todos eles, e deram o nome de "Salado".

4.20 Produção do Discente A28

A28

 Escola Estadual José Amaro Rodrigues Rua Duque de Caxias, 1224 - Centro - Artur Nogueira Tel.: 19 3827-3978 Produção de Conto Maravilhoso - 4º Bimestre	
Nome: _____	Nº: _____
Ano/Série: _____	Professora: Marina Cristiane Archangelo

2ª Versão

AS FÉRIAS

Era uma vez, quatro amigos que foram passar as férias juntos. Bem um menino chamado Douglas era ("Piquinho") e sua mãe alugou uma mansão para eles passarem as férias. Bem essa mansão era bem mais do que, e tinha uma lagoa bem perto. Bem eles chegaram nessa mansão e se passaram uma semana sem sair lá. Então chegou um dia que a menina Alice chegou foi pra a lagoa, nessa lagoa tinha um homem muito bonito, então ela curtiu mais o moço lá. Depois ele conseguiu pagar a Alice.

- AHHH + HHH (Gritando Alice)

Então os amigos saíram e chegaram pra ver o que tinha acontecido, mais quando os amigos chegaram lá não tinha mais ninguém, eles tentaram achar pistas mas não tinha nada, então a menina teve uma grande ideia ligou para a polícia.

- ALÔ?
- Alô aqui é a Polícia
- Escutei um caso aqui na mansão 677. Não tem nenhuma criança.
- Já falei a Corintha

Então a Polícia chegou mas não conseguiu achar nada. Então o amigo de Alice o William, falou para o pessoal acha um Detetive, na cidade, Bem eles acharam e o Detetive foi procurar pistas, enquanto isso o moço levou a menina Alice em um avião e de nada virou um gênio, ele fez ter o que estava acontecendo então aconteceu.

O Detetive entrou na busca, os amigos ajudaram o Detetive.

Enquanto isso o sequestrador foi lá para ver o que estava acontecendo e ele viu que o Detetive achou um Posto.

Passou 3 dias o detetive desafiou tudo e conseguiu achar Alice então Alice contou para seus amigos, e o Detetive que ele se transforma em água, então Unidos o Douglas e a sua água os pediram para voltar na casa e protegerem a atenção da água.

Então o meio contou que ele se tornou a menina porque a filha dele morreu e era Laura e ela também era, e ele prometeu para ele mesmo que iria matar todos os meninos ruins.

Bem ele foi preso e todos meninos ficaram Bem.

Fim

